



Ilustração Brasileira

ANNO IV

NUM. 32

ABRIL
1923

PREÇO
5\$000

■ ■ ■ SUMMARIO ■ ■ ■

Senhorinha Zixé Leone — Em torno da Conferência (Ligação) —
 — Estado do Rio Grande do Sul. Lembranças do tempo colonial — Palavras
 autographas do Sr. Antonio José d'Almeida, Presidente da Republica Por-
 tuguesa — Senhora David Charles Collier — Senhorinha Maria Bentão —
 Mangoré (Kam Bobô) — Esculptura no Rio de Janeiro (Ligação) —
 — Aguas passadas (Mosoti Lago) — Coronel David Charles Collier — Re-
 trato da Senhora Nicolina Pinto do Couto (Quadro de Carlos Pereira) —
 Anatole France e a guerra (Ligação) — A guerra e a vida —
 O beijo de fogo (Luz Palmatina) — Petropolis — A sociedade humana
 (Thomas Murne) — A labareda do pecado (Quadro de Carlos Pereira) —
 Sinfonietas angalardas (Quadro de J. B. de Souza) — Poema de um
 dia de chuva (Lincoln de Souza) — Um discurso do Bispo D. João Nepomuceno
 — Fin Caxambu — O jubusomem (Ligação) — O Rio que
 renvetece — Navas e Rio — Menaca (Quadro de George Albuquerque) —
 A morte do Presidente José Serrano — O homem que anda a ruivo (Carlos
 Drummond) — São Paulo — Infancia primeira da vida (Quadro de Carlos
 Pereira) — Obra completa (Pedro Balleza) — O padre Souza Caldas recobra (Kam
 Anselm) — Coreografia — Paz (Quadro de Carlos Pereira) — Regatta man-
 dia — Santa Catharina — Dália e Samsão (Quadro de Carlos Pereira) —
 — Em torno da Elixese exsudativa (Prof. Raul Martins) — Cin-
 centenario da Conventão de Itaipava — Exemplos de Ruy Barbosa — As postas
 trichromas — Movimento musical.

Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

Propriedade da Sociedade Anonyma O MALHO

RUA DO OURIDOR, 164 — RIO DE JANEIRO

Teleph. N.º 5402 — End. Telegr. MALHO RIO

ASSIGNATURA

Para o Brasil

Um anno 10\$000
 Seis mezes 3\$500

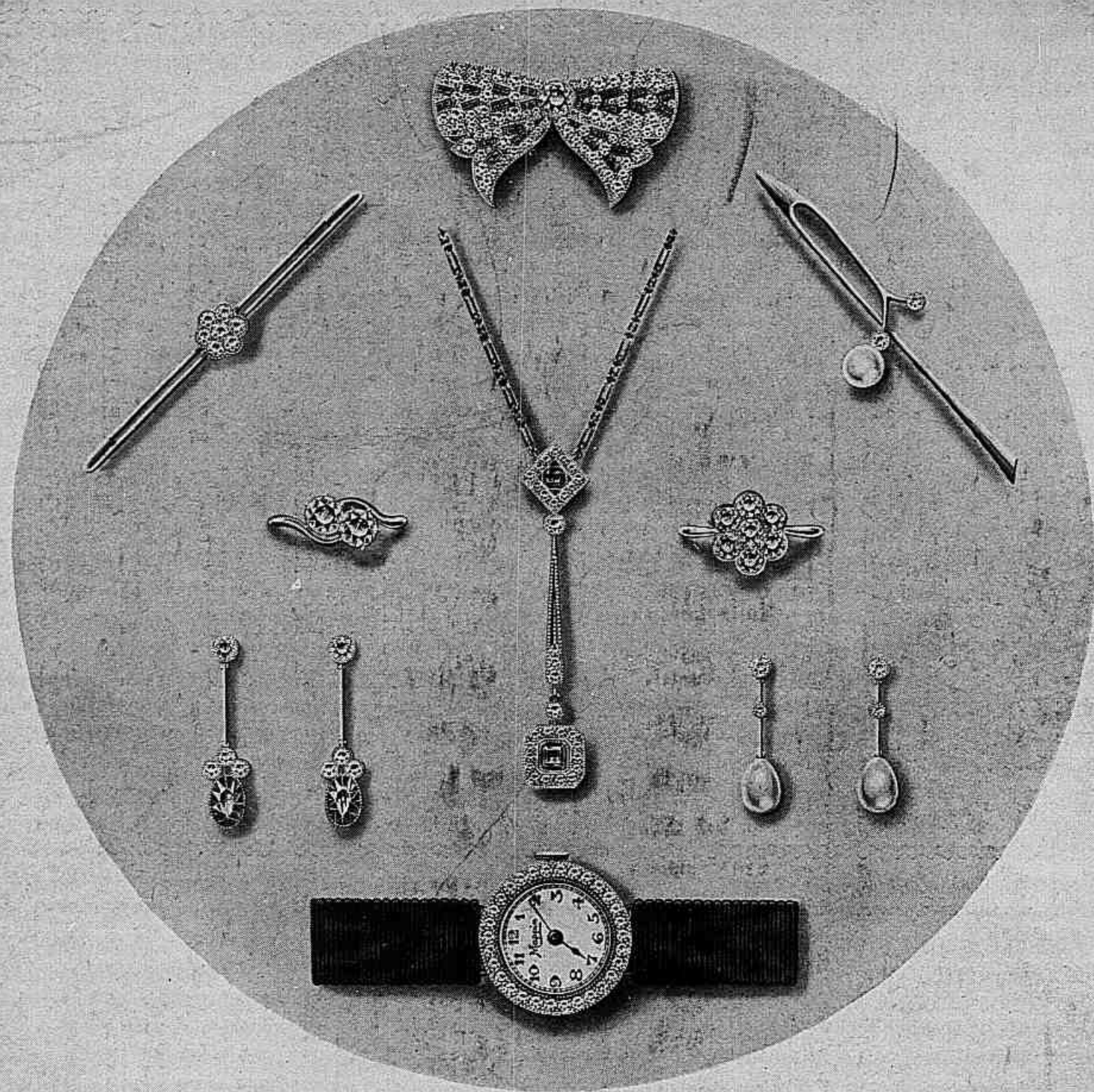
Para o Estrangeiro

Um anno 7\$800

Não ha assignatura de semestre.

Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo Correo sob registro.

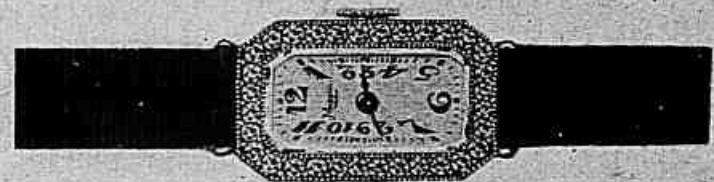
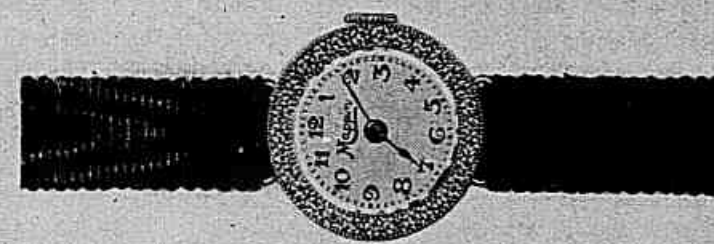
Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada), deve ser dirigida a Sociedade Anonyma O MALHO, Rua do Ouridor, 164. Colaboração litteraria, artistica ou photographica ao director-secretario Dr. ALVARO MONTEIRO.



MAPPIN & WEBB
(Brazil) Ltd

100, OUVIDOR — RIO DE JANEIRO

TAMBEM EM SÃO PAULO — RUA 15 DE NOVEMBRO, 28



Encontram-se lindos Presentes

Para as Festas

NOS GRANDES JOALHEIROS — SITOS A'

RUA DO OUVIDOR, 100

MAPPIN & WEBB
(Brazil) Ltd

CASA RAUNIER

RUA DO OUVIDOR, 170

SECÇÕES DE FAZENDAS,
ARMARINHO,
MEIAS,
CHAPELARIA,
CAMISARIA,
ROUPAS BRANCAS PARA SENHORAS,
CAMA E MEZA,
TAPEÇARIAS,
RAPAZES,
ALFAIATARIA,
E ARTIGOS PARA PRESENTES.



Para todos...

ALÉM DE SER O MAIS BELLO SEMANARIO MUNDANO DO RIO DE JANEIRO, É A MAIS INFORMADA, A MAIS INTERESSANTE REVISTA DE ASSUMPTOS CINEMATOGRAFICOS QUE SE PUBLICA EM LINGUA PORTUGUEZA

CORRESPONDENTES ESPECIAES JUNTO AOS GRANDES "STUDIOS" DA AMERICA E DA EUROPA TRAZEM OS LEITORES DE "PARA TODOS..." AO CORRENTE DAS ULTIMAS NOTAS SOBRE A ARTE DO SILENCIO.

OS ENREDOS DOS FILMS DE CADA SEMANA SÃO PUBLICADOS, NAS PAGINAS DE "PARA TODOS...", EM FÓRMA DE CONTOS, COM ILLUSTRações PHOTOGRAPHICAS DAS SCENAS PRINCIPAES E DE TODOS OS INTERPRETES

Edições

Pimenta de Mello & Cia.
Rio de Janeiro -- SACHET, 34.

ACABAM DE APPARECER

Castellos na areia, DE OLEGARIO MARIANNO

Leviana, DE ANTONIO FERRO

NO PRÉLO:

Alma Barbara, DE ALCIDES MAYA, da Academia Brasileira

PARA BREVE:

Um dia a casa cae, e Assumpção DE J. M. GOULART DE ANDRADE, da Academia

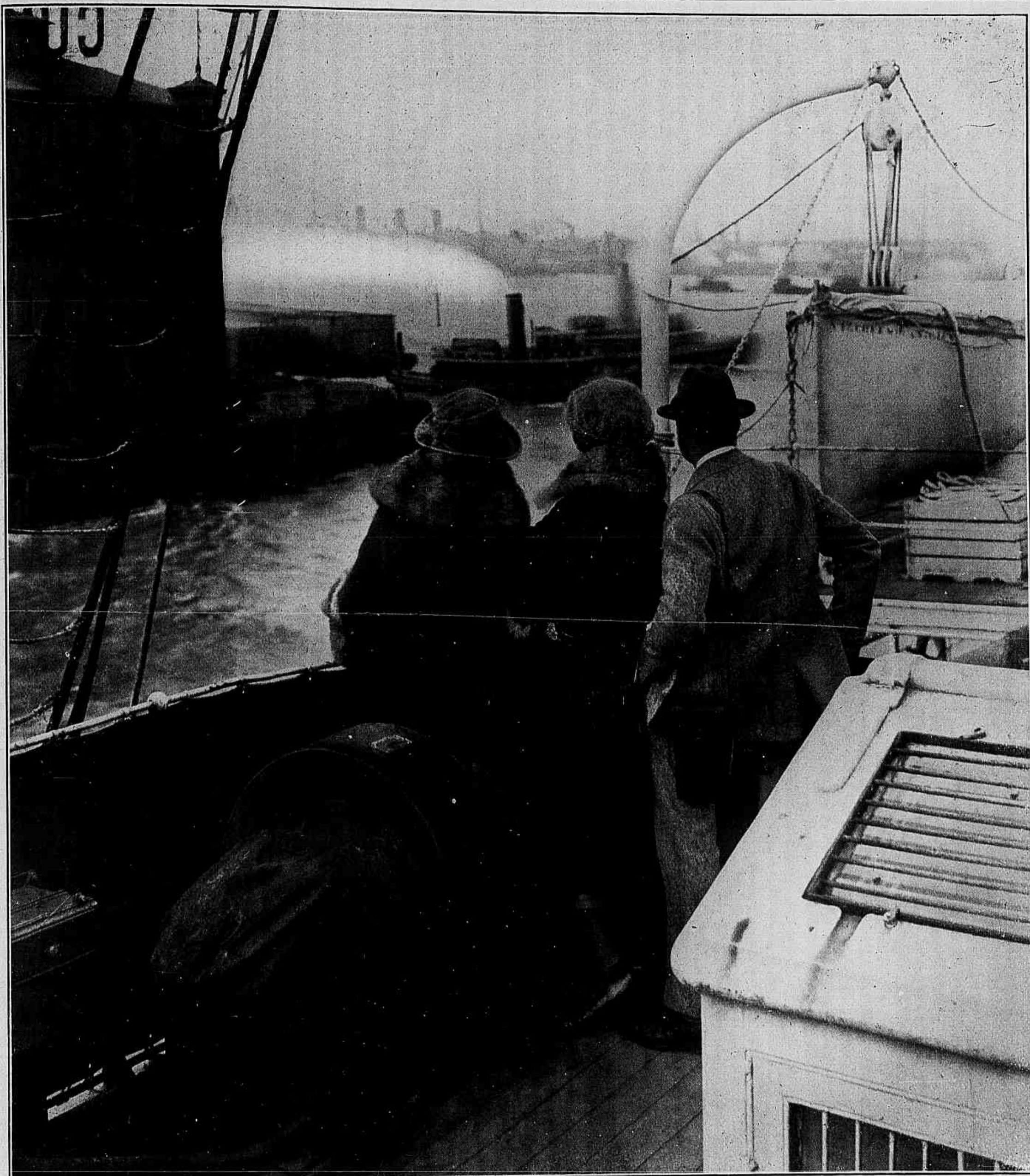
Colmeia, DE VINA CENTI

A Renuncia, DE CLAUDIO DE SOUZA

Cocaina, DE ALVARO MOREIRA

Perfume, DE ONESTALDO PENNAFORT

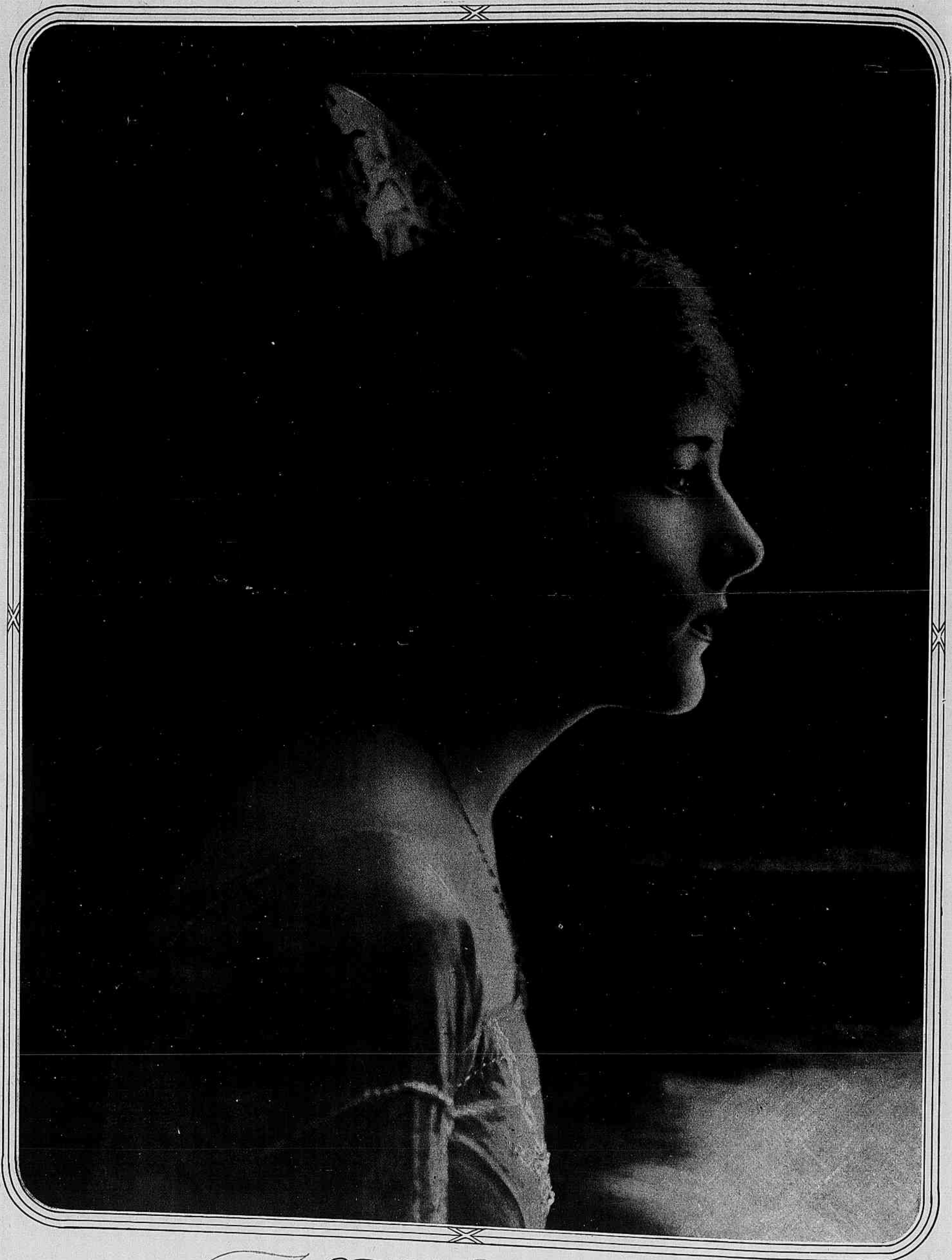
Botões dourados, DE GASTAO PENALVA



Leve uma Kodak consigo

Pelliculas Kodak em caixa amarella á venda em todo o mundo.

Kodak Brasileira, Ltd., Rua Camerino 95, Rio de Janeiro



LOZOLLO / *LOZOLLO*
a mais bellado Brasil

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

ANNO IV NUM. 32

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1923

EM TORNO DA CONFERENCIA



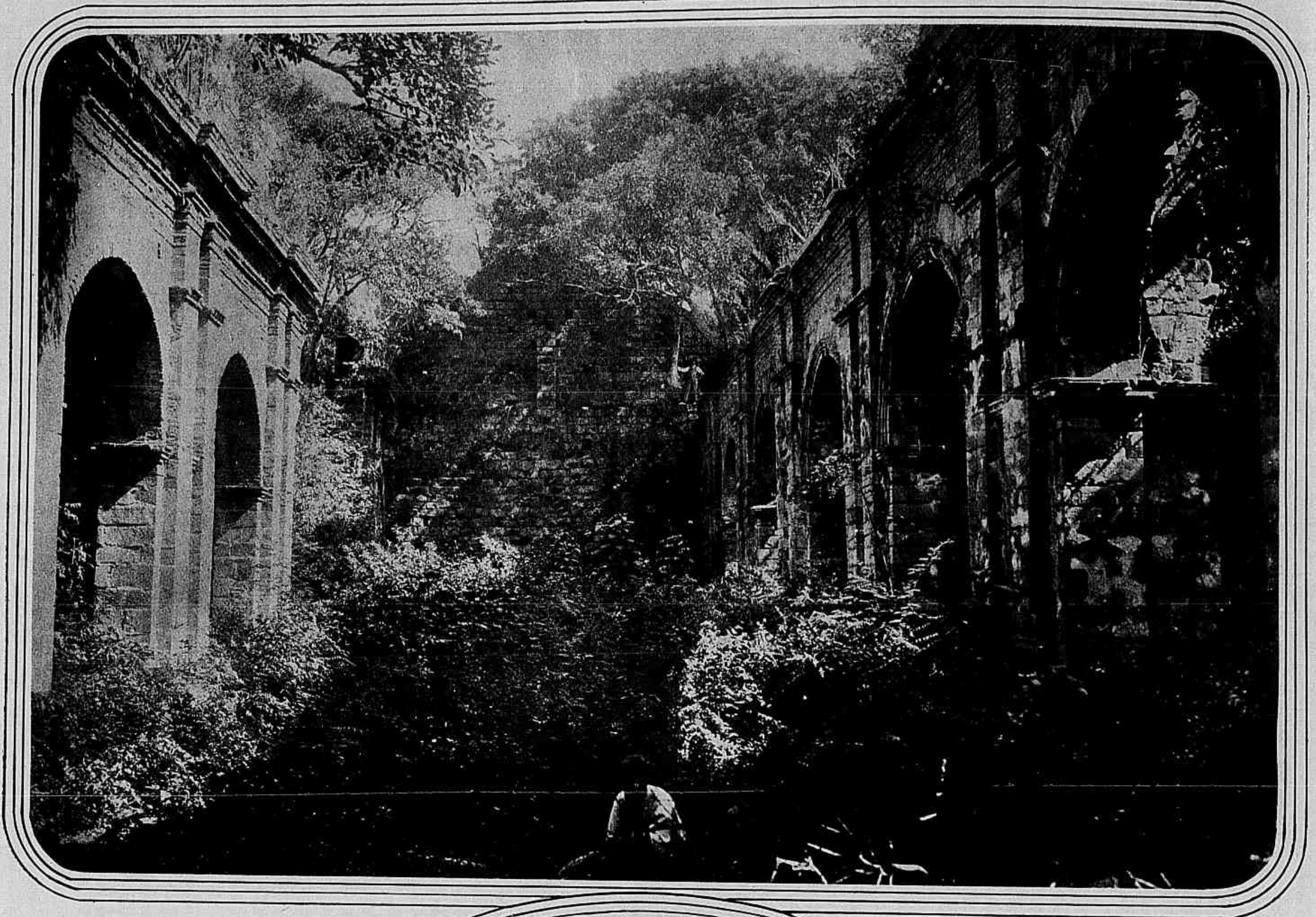
recente conferencia de Santiago veio pôr de sobreaviso os povos pouco accordados na defesa dos seus direitos. Evidenciou, mais uma vez, que as nações valem pelo que pesam, economicamente, na balança commercial, e pelo mal que podem fazer, com a acção persuasora do alcance dos seus canhões. Fôra destes dois axiomas, mera illusão, mais ou menos consoladora, tanto ou quanto formosa, conforme seja o poder de seducção verbal com que se apresentem os homens incumbidos de defender estes doces ideaes de fraternidade continental, em cuja discussão se interessam, de quando em vez, os povos do nosso hemispherio.

Discursos, conferencias, entendimentos amistosos, serviram apenas para demonstrar que varias individualidades gostariam de vêr as suas idéas de approximação praticadas, no interesse superior da patria, em cujo nome falavam, e da humanidade, para quem, em ultima instancia, trabalham. Sempre será doce a qualquer espirito saber que o seu nome serve de objecto á consideração publica, porque haja, em dado momento, encarnado theorias que representem a defesa da patria, a segurança, de paz á humanidade, theorias a cuja defesa dedicasse actividade mental. Nem só mental, porém, porque nesses prelios a força vencedora por excellencia é a força do predomínio moral.

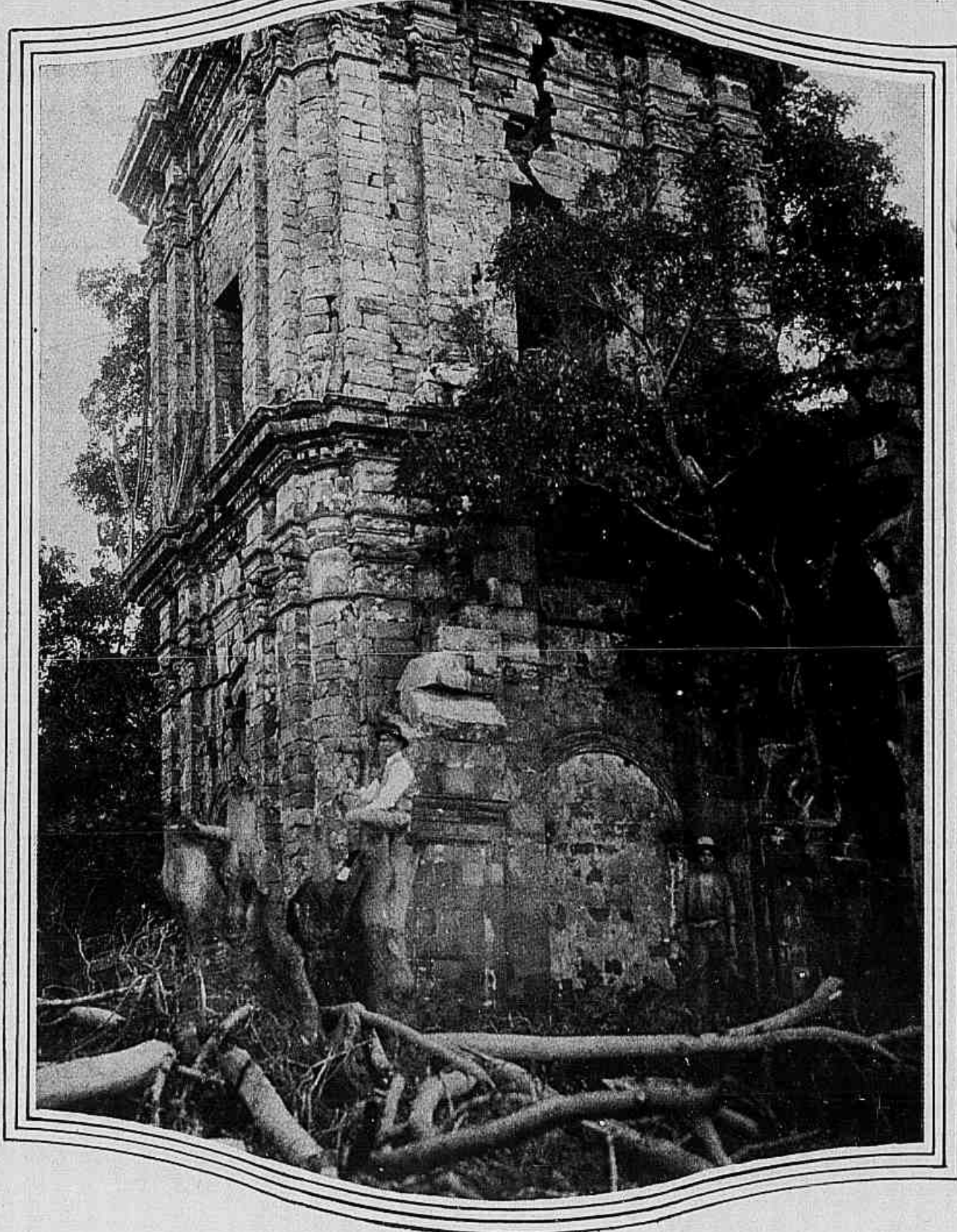
Afóra, pois, a exposição de tres ou quatro principios, concretizados em formulas empiricas, nada de positivo a nossa Delegação obteve. E isso por nossa culpa. Emquanto todas as nações summariavam as questões capitais a discutir, relacionavam os seus avultados gastos bellicos, escolhiam representantes capazes de as defenderem nesse famoso Congresso, os nossos dirigentes deixavam correr o tempo ás cegas, sem nem mesmo assentar a quem seria confiada a defesa da nossa causa, no momento que todos os povos agiam, procurando cada qual tirar maior quinhão da contenda. Tudo isto não pôde deixar de impressionar mal o sentimento e a alma da Nação.

Em oportunidades excepcionaes como esta é que as nacionalidades novas se fortalecem para os golpes que decidem da sua futura grandeza. De Congressos taes sahem as nações dominadoras e os povos abastardados, sem convicções nem ideaes. Não é noutra encubadora que se geram esses fructos escurios, que passam á Historia com a rubrica da questão da Polonia, da questão dos Balkans. E', e será sempre assim. Cada novo Congresso, sobrevindo aos asperos fragores da guerra, desperta, nos que nelle se empenham, os sentimentos arrogantes e dominadores, que encontram a sua razão de ser no culto da propria força. Dolorosa lição para as nações imprevidentes, as guerras, como todas as cousas humanas, têm tambem seu lado util. Servem para indicar na Historia o lugar reservado aos povos que não zelam a propria dignidade, que não defendem a terra dos seus maiores, que não deparam em si mesmos as energias de que precisam para engrandecerem e elevarem o patrimonio commum dos filhos. Mas, nem só da guerra iríamos tratar alli. Outros e importantes assumptos reclamavam da mesma sorte a nossa actividade no pleito. As nossas questões de transportes, a liberdade dos mares, a conquista de novos mercados, o desenvolvimento da nossa marinha mercante, que deve ter para protegê-la a efficiencia de uma esquadra, o incremento das nossas incipientes industrias do carvão, do ferro, e das carnes, o melhor aparelhamento economico para a intensificação da cultura dos campos, tudo isto, que requer demorado trabalho anticipado, graves cogitações de gabinete, nos encontrou mais ou menos desapparelhados, pois que a escolha dos nossos technicos, com honrosas excepções, é bem verdade, muito deixou a desejar. Vê-se, pois, que a conferencia pouco util nos ha de ter sido, nada accrescendo de apreciavel ao nosso patrimonio moral. Senão ao moral, muito menos ao material. Nesta especialidade, quasi nada conseguimos. Pouco teremos mesmo a esperar da Conferencia, onde as nações mais fortes procuraram disfarçar seus sentimentos arrogantes de força na tessitura subtil dos tratados. E não espanta que assim seja. Os tormentosos recontros da guerra européa, ainda bem viva na nossa memoria, deixaram sangrando fundas feridas que o trato e a finura empregados nas relações de cortezia estre os governos não conseguem fazer cessar. Não é pois para admirar. Entre uma formula nova de direito, capaz de accrescer o patrimonio moral da humanidade, e um gesto de violencia e de força, de que resulte o engrandecimento do imperialismo dos povos fortes, este será sempre adoptado em detrimento daquelle, muito embora o protesto das almas generosas se faça ouvir, para consôlo dos que, no pleito, ficarem de peor partido.

ANGYONE COSTA



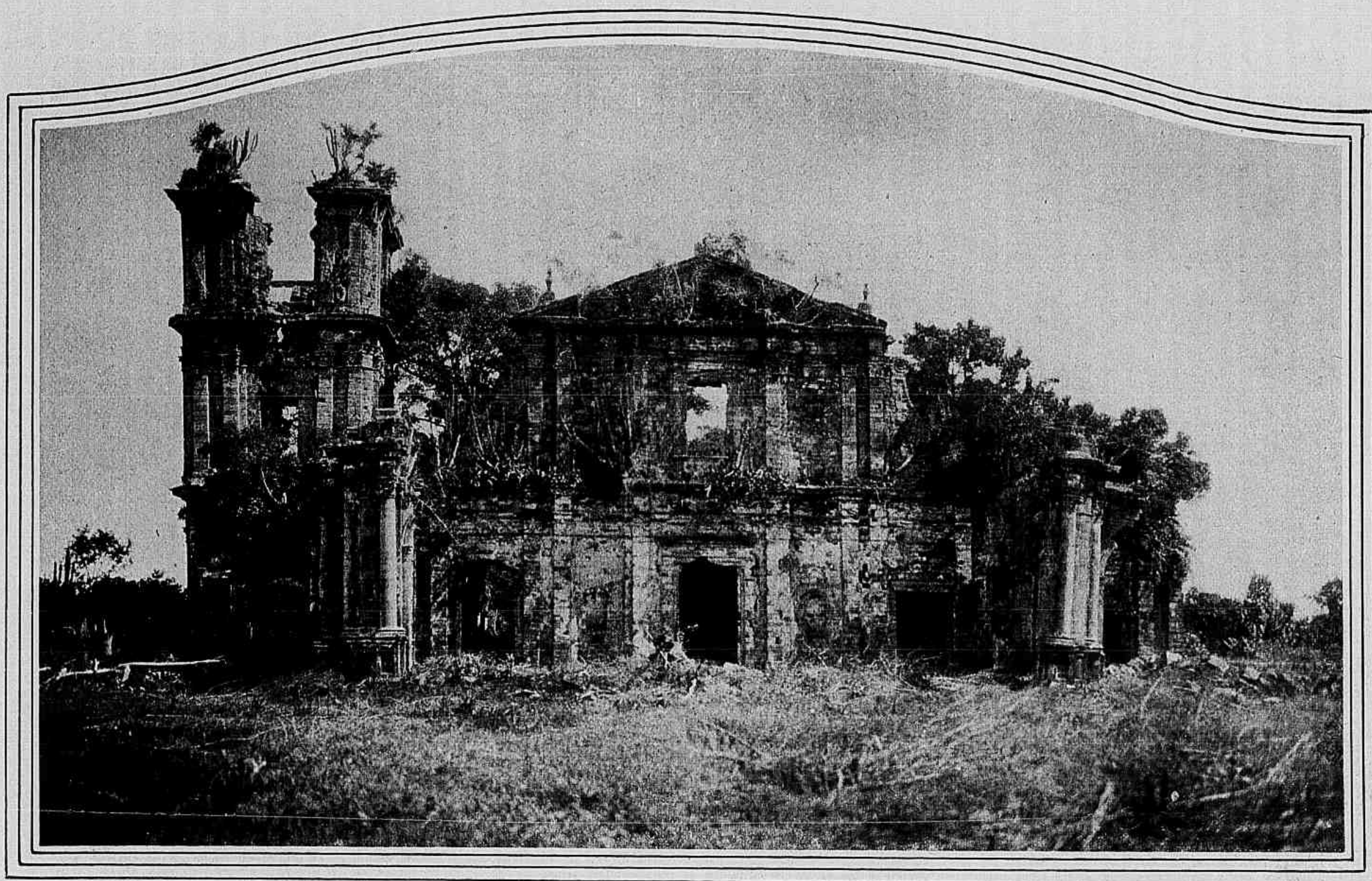
ESTADO
DO
RIO GRANDE
DO SUL



MUNICIPIO
DE SANTO
ANGELO

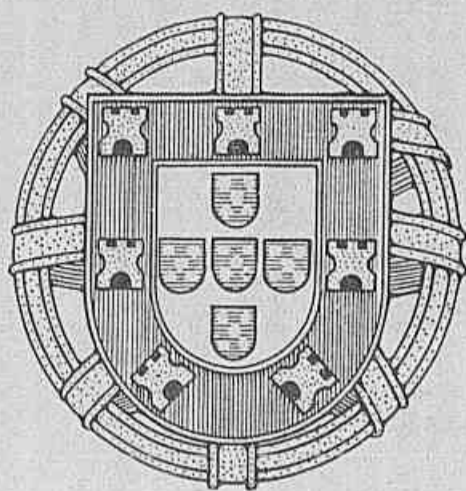
LEMBRANÇAS
DO
VELHO TEMPO
COLONIAL

RUINAS DA EGREJA
SÃO MIGUEL, DOS
MISSIONARIOS JESUITAS



O QUE RESTA DA FACHADA DA EGREJA DE SÃO MIGUEL — NA FAZENDA DO UMBÚ





PRESIDENCIA DA REPUBLICA

O maior momento

Pedem-me que diga qual foi o momento
mais impressionante que tive no Brasil.
É difícil a resposta, porque, durante os
19 dias em que recebi a hospitalidade da
formosa cidade de Rio de Janeiro, a mi-
nha alma esteve numa vibração con-
tínua.

No entanto poderei dizer, com fulgor a
verdade, que os inesquecíveis instantes em
que comuniquei, na Praça de Independên-
cia, com o povo do Brasil e de Portugal
foram os que mais profundamente emocio-
naram a minha alma, aliás já tão sacu-
dida, durante uma longa vida de lucta,

II

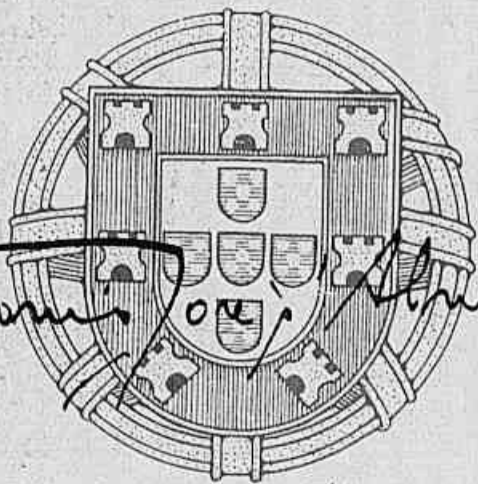
por suas sacras formidáveis.

Senti-me aturdido e nuca a tubumapo.
 pratar, onde sobri pela primeira vez ha
 (me foi, no mesmo tempo,
 mais de 30 annos, tão ampla e constrangedora.

Ampla para a inadecção do ideal de deus.
 creia, que tem sido sempre mençua e men
 destina; constrangedora para a vocação exacta
 das minhas responsabilidades de orador políti
 co, que se me puz a pesa a preocupação constante
 de corresponder com honra e firmeza a' esperan
 ça do Povo.

No Congresso, perante senadores e deputados, entre os
 paes, he orador magnifico, estive em contacto com
 o Bem e mental. Senti-me nervoso. No Pica da
 Independência, magnifico famoso comício de mais
 de 300.000 pessoas, estive em commença com a al.
 ma antiga e sempre rejuvenescida do Povo.
 Senti-me oprimido.

Antônio de Almeida





SENHORA DAVID CHARLES COLLIER, FANTASIADA DE MEXICANA



SENHORITA NADIR PENTEADO, VESTIDA DE ORIENTAL

Mangoré.
de Raul Boppis

Junto ao forte de Corpus Christi, onde mais tarde surgiria a cidade de Santa Fé, estabeleceu-se o primeiro núcleo de civilização européia, chefiado por don Nuno Oreste de Lara, da expedição de Caboto. O cacique Mangoré, de tribo timbu, sente a alma selvagem presa de amor pela formosa dama, dona Lucia Furtado. Sua fina greca de andaluza foi a causa da lucta de que resultou o tragico fim do primeiro reducto do Prata.

Triste, o inãio timbu soffre um mal que o domina.
Viu, com olhos de amor, dona Lucia Furtado.
Elle, conquistador, desta vez conquistado
Pela pompa boreal de uma mulher latina!

Nas terras de Guarán, que um sol de oiro illumina,
Mangoré não tremeu, como esta vez, prostrado.
Arfa, deseja e a quer, mas quer tel-a a seu lado,
Custe a lucta sangrenta, o horror da carnificina!

Guerra! Don Nuno Oreste e os seus, de lança em riste,
Defendem dona Lucia. E a tribo vai tombando...
Fica o reducto em ruina e em chamma o "Corpus Christi"

.....
Dama de olhar fidalgo onãe a sombra se estampa!
Mal pisastes aqui, vêde, fostes semeando
O incendio, o odio de raça e a tristesa no pampa!

Um grande lapso de tempo se passou depois do aparecimento de José Octavio Corrêa Lima e uma grande apathia se verificava na marcha chronologica da historia da esculptura no Rio de Janeiro, quando ensaiou os primeiros arremedos o moço esculptor Joaquim Rodrigues Moreira Junior, discipulo de Rodolpho Bernardelli. Isso foi em meados de 1905. Moreira Junior executou uma cabeça de

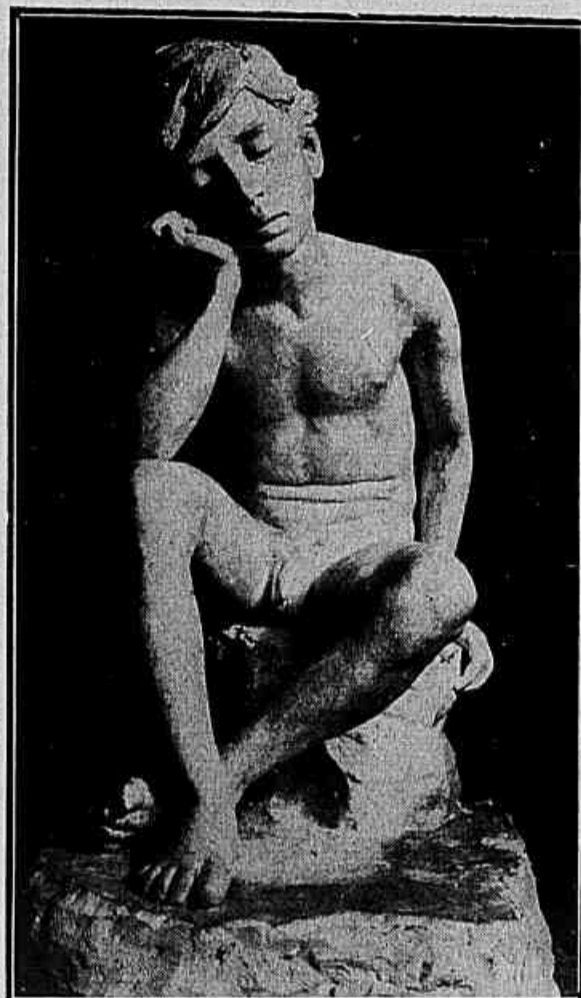
SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ESCULTURA NO RIO DE JANEIRO



DE ADALBERTO MATTO

gadura de um artista forte, de uma intelligencia sadia, apta a produzir obras de real valor artistico.

A confiança dos seus julgadores foi unanime, conferiram-lhe a medalha de prata, o que valia dizer e mostrar as portas da viagem ao estrangeiro. No anno seguinte, em 1907, as esperanças e a expectativa de seus collegas e mestres tornaram-se realidade com a conquista



"PENSATIVO" (GESSO)

registro. Em 1906 apresentou-se oficialmente no Salão de Bellas Artes, firmando uma estatua. Era um nome novo para o grande publico e dentro dos muros academicos muito acatado, o successo alcançado não surpreendeu aos seus companheiros nem aos seus mestres Rodolpho Bernardelli e João Zeferino da Costa.

Intitulava-se o seu trabalho: "Pensativo". A estatua traduzia fielmente o titulo; representava um adolescente sentado em uma rocha com a cabeça apoiada em uma das mãos; o olhar cahido e labios contrahidos deixavam perceber na mascara uma tristeza magnificamente interpretada. As linhas de composição da figura patentearam desde logo a enver-

do premio de viagem. Mereceu tão alta recompensa a estatua intitulada "Daphné". Havia no trabalho qualidades mais accentuadas de technica e desenho; o assumpto escolhido, embora não offerecesse con-



"GINETTO" (BRONZE)

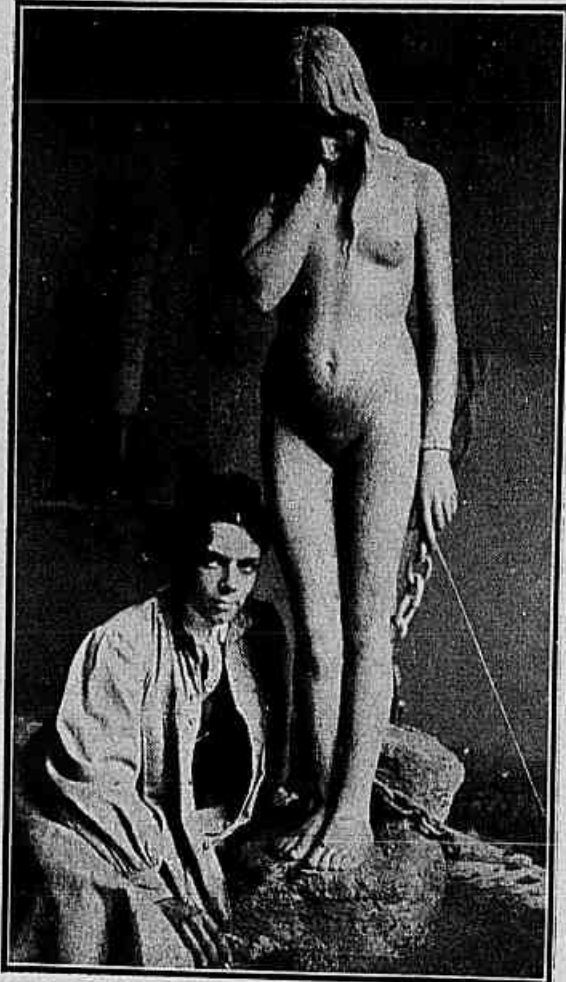
dições onde o sentimento do esculptor se mostrasse em escola superior ao trabalho anterior, revelava, entretanto, uma dosagem justa de conhecimentos perfeitamente equilibrados.

Para desenvolver a sua capacidade escolheu a Italia. Roma foi a cidade escolhida, a cidade das fontes monumentaes de aguas cantantes e crystalinas. Montou atelier na recondita Via Margutta, uma ruasinha silenciosa, tendo por visinhos os grandes esculptores Fontana e Taldonine. Uma vez installado, depois de satisfazer a natural curiosidade pelas maravilhas da arte, tomou do barro e iniciou trabalhos onde havia talento. Dentro de tão grandioso ambiente, o seu temperamento



"MENINO" (BRONZE)

teve larga expansão; nos seus trabalhos percebia-se uma evolução calma, filtrada no que via. Produziu pouco, mas ponderadamente. Deixando Roma, domiciliou-se em Florença, onde produziu "Andromeda" uma figura esbelta cheia de sentimento, do mesmo sentimento que



"ANDROMEDA" (GESSO)

o periodo mais franco da sua evolução artistica. Não teve a vida ruidosa dos nossos patricios, dividia o seu tempo entre a Arte e a familia, então composta de sua esposa e de uma creaturinha linda, a sua filha Italia, nascida na noite em que se proclamou a Republica em Portugal...

De volta ao Brasil em 1911, como todos os seus companheiros, soffreu privações pela falta da organização artistica que se resentia então no Rio de Janeiro. Fraqueou como todos, luctou sem abandonar o seu sonho de arte e na sua produção percebia-se um certo desequilibrio motivado por uma serie de circunstancias pouco cabíveis aqui neste estudo. Tempera de escultor, não esmoreceu, continuou corajosamente a trabalhar, entrando novamente na trilha anterior. Tem produzido alguns trabalhos de real valor que o recommendam como artista consciencioso. Entre muitos outros trabalhos de sua autoria figuram: "Menino", per-

todos julgavam haver perdido; esculpiu "Ginnetto" uma deliciosa cabeça de creança, "Tito", expressiva cabeça de velho, "Accorde interrompido" e outros trabalhos portadores de magnificas qualidades. Foi



"GRANDJEAN DE MONTIGNY" (GESSO)

tencente á familia do sardoso architecto Heitor de Mello; hermas de "Mestre Valentim", no Passeio Publico e "Otto de Alencar", na Escola Polytechnica; os bustos do "Marquez de Sapucahy", em Villa Nova de Lima — Minas; "Coronel Ribeiro Monteiro", em Passa Quatro;

"Pinto da Fonseca", em marmore, na Ordem do Carmo e "Grandjean de Montigny", na sede da Sociedade Central de Architectos. Em qualquer dessas obras, Moreira Junior mostra a pasta de um escultor consciencioso.



"TITO" (BRONZE)

Onde, porém, Moreira Junior se tem revelado com mais segurança é na interpretação da creança, genero difficil de manipular, pois, para se conseguir mais alguma cousa do que uma

simples copia, é preciso uma grande dose de observação educada, capaz de reter na memoria expressões e attitudes coherentes, naturaes, dentro de uma fórmula justa.

Em "Ginnetto" encontramos evidente o mais cabal testemunho dos nossos conceitos; em "Menino", vamos encontrar os mesmos predicados mais desenvolvidos. Na estatueta "Accorde interrompido", já anteriormente citada, temos o escultor enfrentando o nu de um adoescente, resolvido com magnifica technica e modelado.

São contemporaneos de Joaquim Rodrigues Moreira Junior os esculptores Honorio da Cunha e Mello, Bibiano Silva, Armando Braga e Henrique Costa.

Aguas passadas...

por Mozart Lago



ASSOU o "Jornal do Commercio" a novos proprietarios e nova direcção. Eis um facto que, no registo da vida intellectual do paiz, merece menções muito especiaes.

O "velho orgão", sem favor nenhum, é o mais antigo e o mais importante dos jornaes brasileiros. Fundado em 1827, cinco annos apenas após a proclamação da independencia do Brasil, até hoje o "Jornal" jámais teve interrompida a sua publicação, a despeito dos muitos e variados reveses que soube atravessar, mesmo quando via abatidos outros collegas do seu tempo, alguns até fundados anteriormente, que hoje também existem, mas que por haverem parado em sua carreira victoriosa, perderam, para elle, a primazia na antiguidade que lhe é agora incontestavel.

Como foi noticiado, o Sr. Commendador A. R. Ferreira Botelho fez cessão dos seus direitos na poderosa e grande empreza jornalística ao Sr. Felix Pacheco, actual ministro das Relações Exteriores, e já ha annos muitos redactor-chefe do venerando jornal; e este, por sua vez, chamou para seu socio na firma, o Sr. Oscar da Costa, também ha bastante tempo gerente do decano da imprensa nacional.

Vê-se, assim, que as tradições do "Jornal do Commercio" continuam a ser mantidas, escriptosamente, ainda no que concerne á sua propriedade: os homens que ali trabalham irmanam-se no devotamento á prosperidade da empresa, mourejam afincadamente e se gloriam em passar, uns aos outros, a direcção do orgão que a todos elles tem nobilitado e engrandecido aos olhos da Nação.

A esse respeito o gesto do Sr. Ferreira Botelho na presente emergencia, e ao qual nos referimos, é de uma belleza rara. Para resalta-la, basta narrar que diversas propostas mais vantajosas lhe foram feitas para a compra do "Jornal", mas, entre todas, elle escolheu, embora com prejuizo pecuniario, a dos seus companheiros de trabalho.

Ora, o Sr. Botelho, como ninguem ignora, é portuguez de origem. Vindo para o nosso paiz, em tenrissima idade, aqui iniciou a vida, exactamente no "Jornal do Commercio", onde o seu primeiro emprego, no escriptorio da folha, foi o mais humilde. Constituiu, mais tarde, familia distincta, e teve varios filhos. Fez, assim, da nossa patria, a sua segunda patria, mas fel-a de verdade, sinceramente, convictamente, como se deprehe de alguns factos que não nos furtamos ao prazer de levar ao publico conhecimento, no instante em que elle se retira da empresa que tanto engrandeceu.

Rebentara a ultima conflagração européa, que em breve envolvia na lucta o mundo inteiro. Os beligerantes, cada qual para seu lado, procuravam po-

sições e as sympathias dos outros povos, delegando aos seus representantes no estrangeiro poderes absolutos para a aquisição moral ou mesmo material das adhesões uteis, entre as quaes avultava a das nações de larga capacidade productora de viveres.

O Brasil também estava a pique de decidir-se, e tinha á frente da sua chancellaria um titular illustre, sem duvida, mas em cujas veias o sangue dos paes germanicos, em breve, lhe fazia renunciar a pasta. Afinal, inspirada pelo genio de Ruy Barbosa, a nossa patria já demonstrava, meridianamente, para que lado ia pender!

Foi nessa emergencia grave que o Sr. Botelho, portuguez de origem, recebeu a visita dos representantes de um syndicato allemão, que lhe fizeram uma *kolossal* proposta de compra do "Jornal". A resposta negativa á tentadora offerta foi immediata. Aquelle orgão de imprensa era um patrimonio da Nação, pelas suas tradições e importancia, e não podia ficar, quando o Brasil ia entrar em lucta, em mãos de estrangeiros...

Vêde bem, leitores amaveis, não podia ficar em mãos de estrangeiros, dizia o Sr. Commendador Ferreira Botelho, portuguez de origem, dando demonstração eloquentissima da lealdade e da convicção com que adoptara como segunda patria a terra de Santa Cruz!

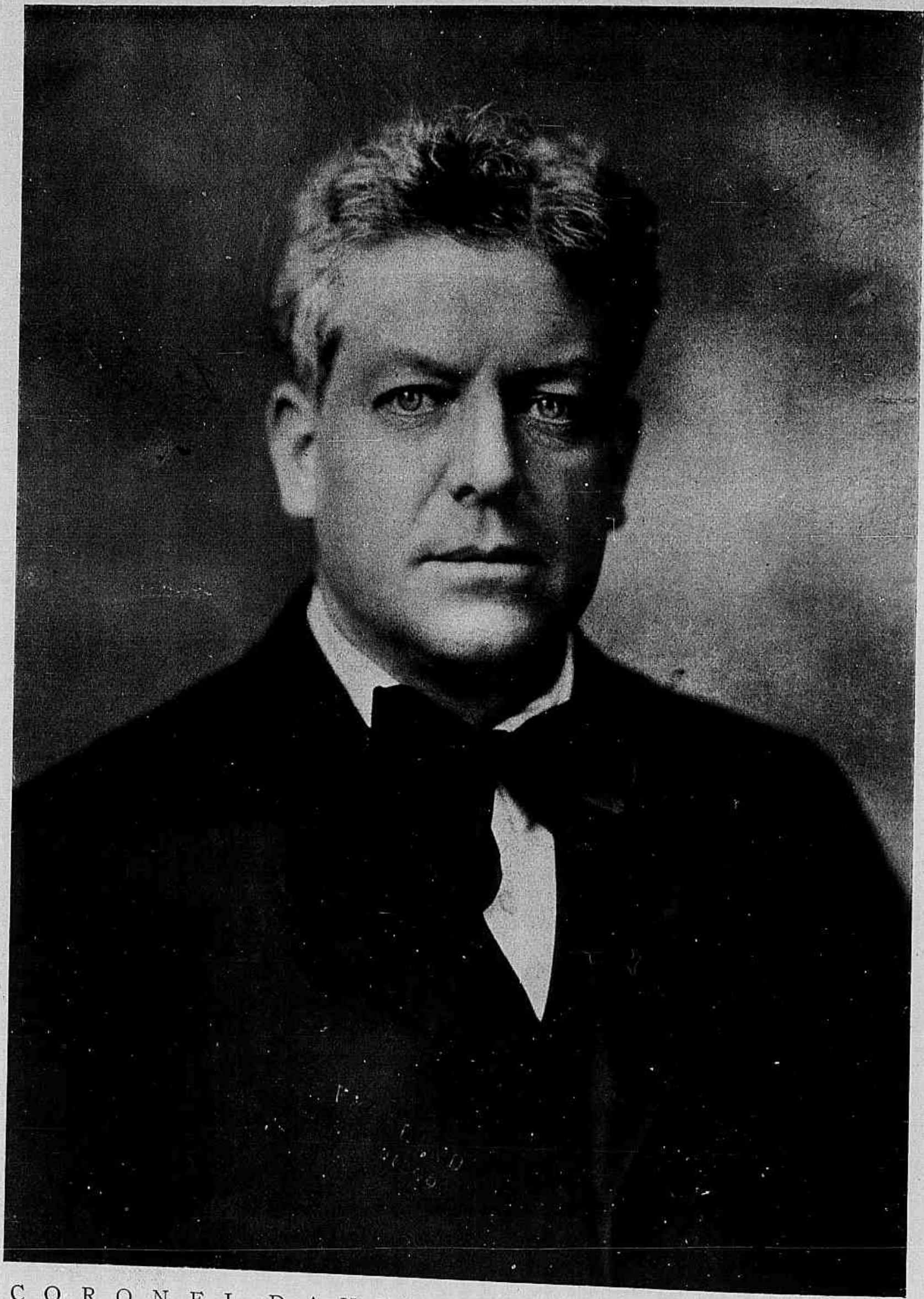


COMMENDADOR FERREIRA BOTELHO

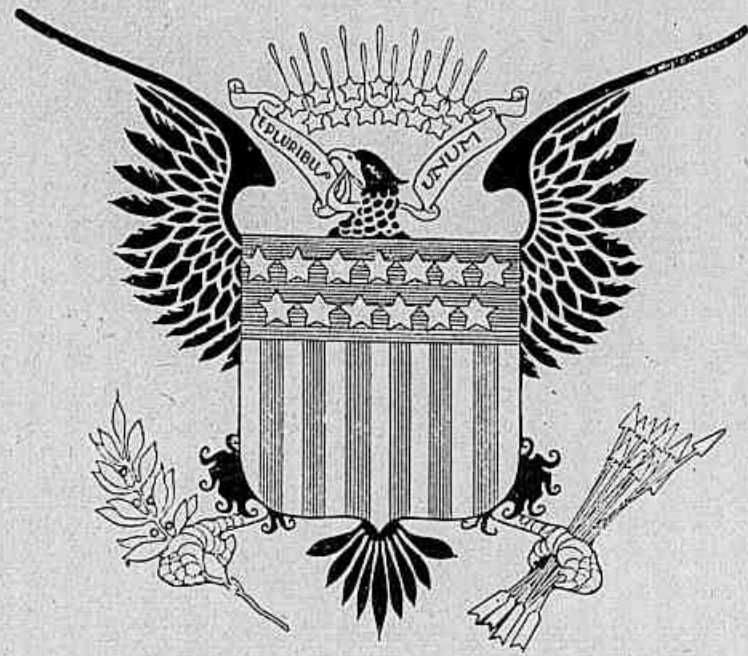
Mas não foi esse o unico instante da vida nacional em que o ex-director do "Jornal do Commercio" fez jus á admiração e ao apreço dos moços brasileiros que trabalhavam com elle naquella grande casa, onde, como já tivemos oportunidade de dizer, ninguem sentia, nem sabia, se ali "eram todos bons brasileiros, trabalhando pela grandeza da patria commum, ou se todos, portuguezes excellentes, se ufanavam egualmente de pugnar pelo progresso deste mesmo e grande paiz!"

Do bonissimo e digno ex-director do decano do jornalismo brasileiro muito se tem falado por ignorancia, por malicia, mas principalmente por inveja. As injustiças que amiude lhe fizeram, porém, jámais conseguiram empanar-lhe as qualidades de caracter e de coração, que tanto sempre o recommendaram á estima e ao respeito dos seus auxiliares.

Na imprensa do Brasil, sem duvida, tem existido e existem muitos directores de jornal que, de par com a propria felicidade e progresso, sabem encaminhar a dos obreiros dos seus successos e victorias. Nesse particular, no entanto, apontamos em que nenhum delles levaria vantagem ao Sr. Ferreira Botelho. Para prova, bastaria este exemplo verdadeiramente unico: sendo elle o dono e o director de facto do "Jornal", jámais se arreceou de que, a seu lado sem a minima ligação de sangue ou parentesco, e fazendo-lhe sombra, crescesse, até com a sua ajuda, essa arvore extraordinaria e bendita que é o actual chancellor da nossa patria!



CORONEL DAVID CHARLES COLLIER
COMMISSARIO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AME-
RICA JUNTO A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CEN-
TENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL.



*Delegação dos Estados Unidos da America
Exposição do Centenario do Brasil
Rio de Janeiro 1922*

*Endereço Telegraphico
"Comgor"*

Snr Director da S. A. O' Malho "

you have asked for my impressions regarding your printing and publishing plant and I gladly comply with your request.

I was astonished to learn that there existed a plant of such scope and magnitude in Brazil. I question very much whether any publishing house in the world has undertaken or carried so far toward success, a more ambitious program.

I shall not undertake to go into detail regarding your equipment; it is sufficient to say that I have been more or less familiar with the printing and publishing business for many years and have never seen a finer "lay out" than that which you

have built up

The character and qualifications of the personnel which you have gathered together make it easier to understand your remarkable success

I cannot remember having spent a more pleasant or instructive morning

D. C. Collier

Commissioner General of
the United States of America
at the Brazilian Centennial
Exposition

April 23, 1923

TRADUÇÃO :

"Sr. Director da S. A. "O Malho".

Deseja V. conhecer as minhas impressões com respeito ás suas officinas de artes graphicas e editoriaes, e é com immenso prazer que me desempenho do seu pedido.

Fiquei admirado de conhecer a existencia de installações tão amplas e importantes no Brasil.

Duvido muito que qualquer casa de publicações no mundo tenha tentado ou obtido tão estrondoso successo, com um programma tão vasto.

Não tento pormenorizar o que se refere ao seu aparelhamento; é sufficiente saber que estou algo familiarizado com officinas graphicas e ramo de publicações, de ha muitos annos, e nunca vi uma tão perfeita disposição technica como observei nas suas bens installadas officinas.

A distincção e competencia do pessoal de que se rodeou muito concorreram para a obtenção do seu notavel successo.

Não me posso lembrar de jámais ter passado um dia tão agradável e instructivo.

D. C. COLLIER.

Commissario Geral dos Estados Unidos da America, junto á Exposição do Centenario da Independencia do Brasil.



23 de Abril de 1923."



EL SEU RETRATO

DA SRA. NICOLINA PINTO DO COITO

VISCONTI

OFFERECIDO
A ESCOLA
NACIONAL DE
BELLAS ARTES
PELO SR. 
JOSE MARIANO
 FILHO

Anatole France e a Guerra.

de Alvaro Moreyra.



Se os horrores da guerra possuem já uma bibliotheca numerosa, que os depreve, invectiva e repudia com mais ou menos palavras. Desde o grosso volume até ao artigo minucioso dos jornaes, a maior parte do que se publicou, nos ultimos annos, fala delle.

São bem antigos esses horrores. Mas tomam um aspecto diverso sempre que resurgem. O progresso dá-lhes requintes, aperfeiçoa-os. A imaginação dos contemporaneos terrivelmente os desenvolve. Assim tratados, assim recebidos, ficaram novos e peores. Ninguém se lembra de que esses horrores são tão velhos como os troglodytas... Entre tantos, um ha que, por escapar aos olhos e aos ouvidos, não pertence ás palestras e aos commentarios e não ganhou de nenhum chronista uma unica referencia. E' a opinião collectiva nos paizes em lucta. E' no que Tolstoi dizia estar, em momentos taes, de accordo com a sciencia e o bom senso, a abdicação da vontade pessoal. Nas nações, cujos exercitos marcharam para o combate, todas as creaturas se nivelam. Somem-se as maiorias. Extinguem-se as superioridades. O ideal é um só. O mundo do espirito confunde-se com o mundo material. O homem transforma-se em entusiasmo, e o instincto, desabalado, clama muito mais alto do que a intelligencia. Se acação, qualquer excepção se manifesta, uma repulsa geral incontinenti a esmaga. A guerra desordena as biographias, perturba a intelligencia que mais tarde se poderia exercer...

Em França, por exemplo, antes do mez de Agosto de 1914, o adversario maximo da guerra era Anatole France. Artista, percebendo das coisas reaes as apparencias attenuadas, na idade em que a sua poesia se revelava em versos, elle pedira a luz, ao começo de uma prece, com a sua voz de fauno esquecido no christianismo, voz deslumbrada que andara a cantar nos bosques de Athenas:

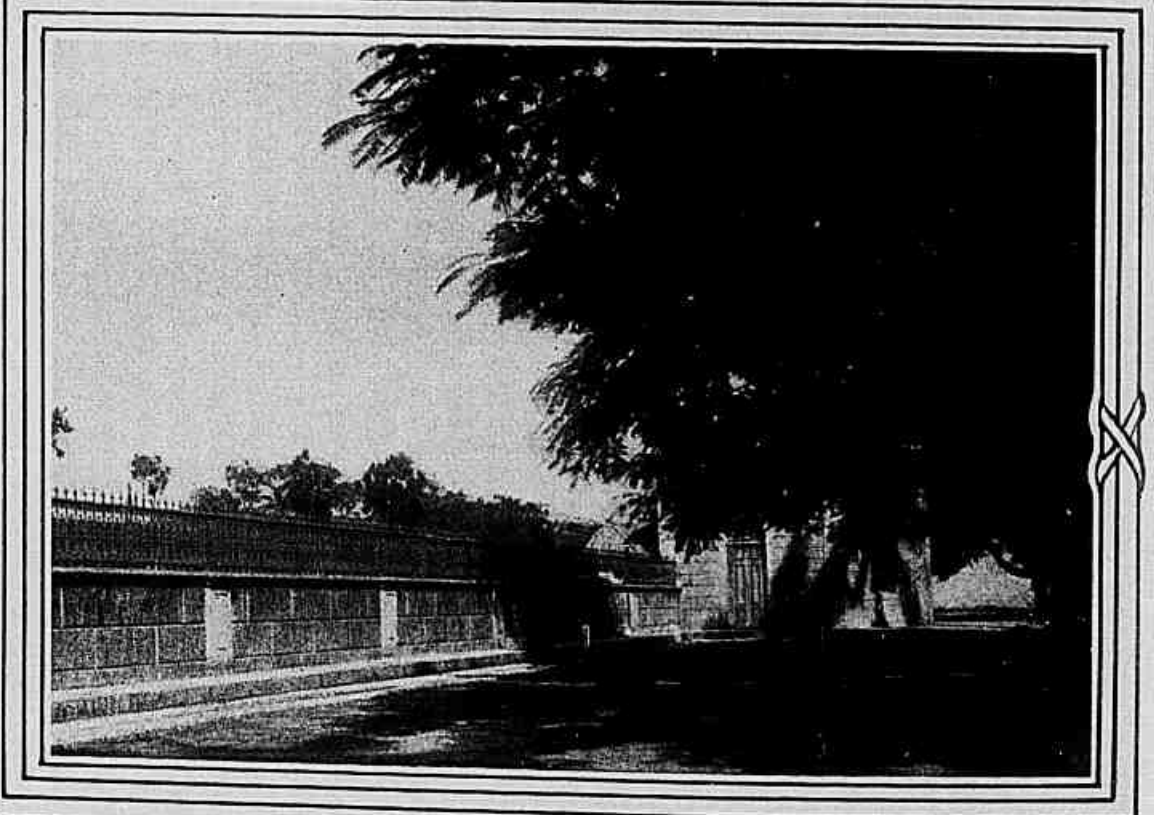
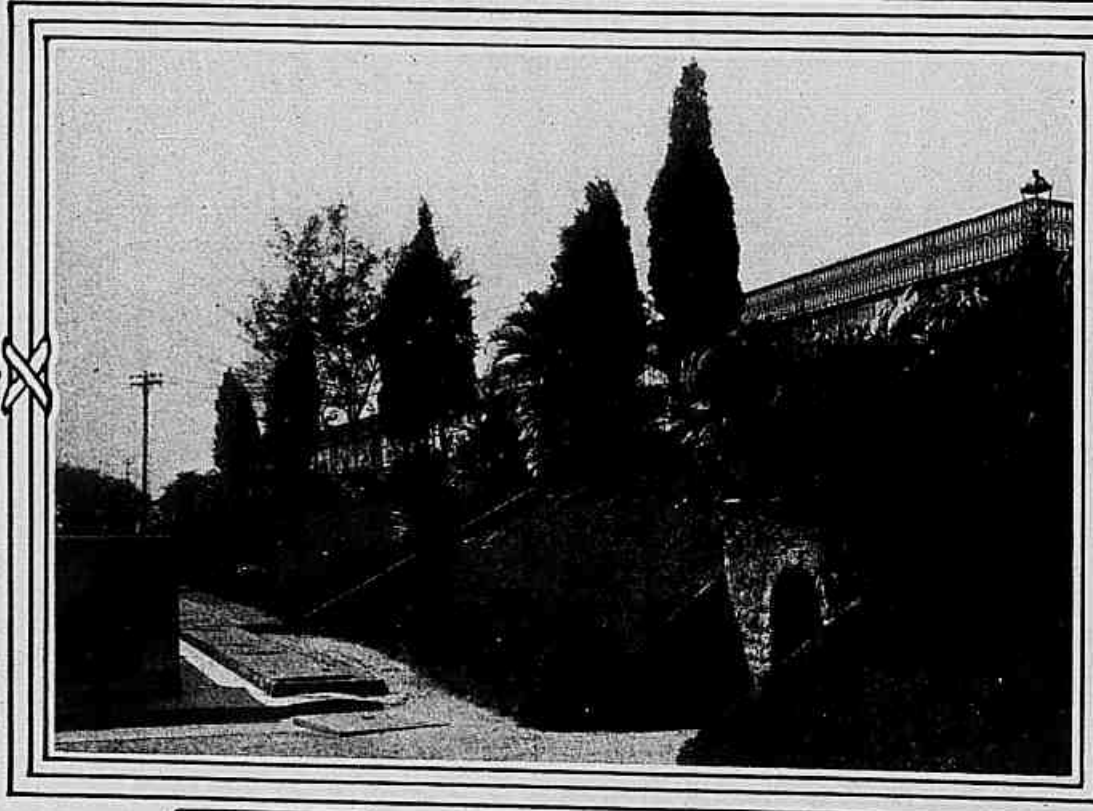
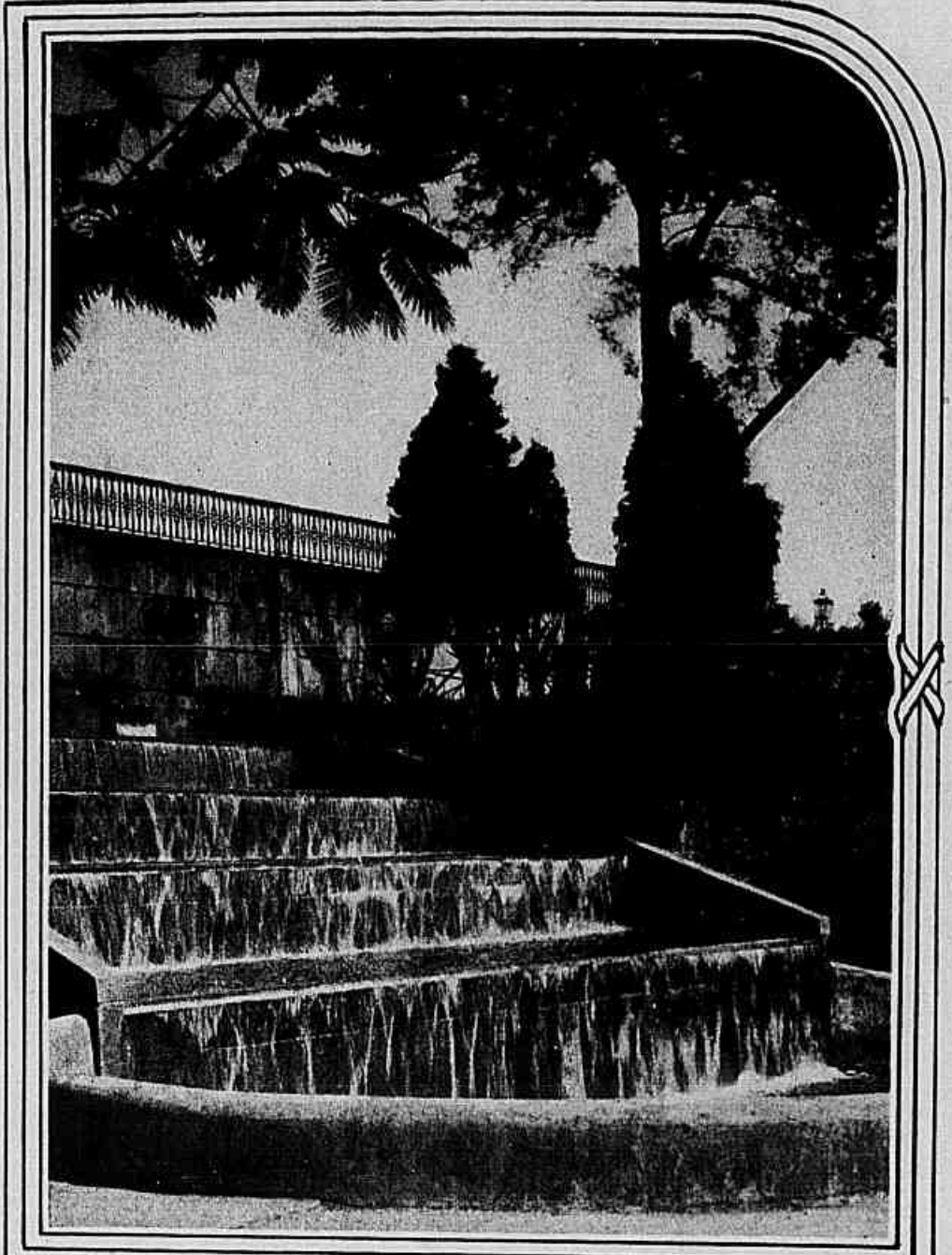
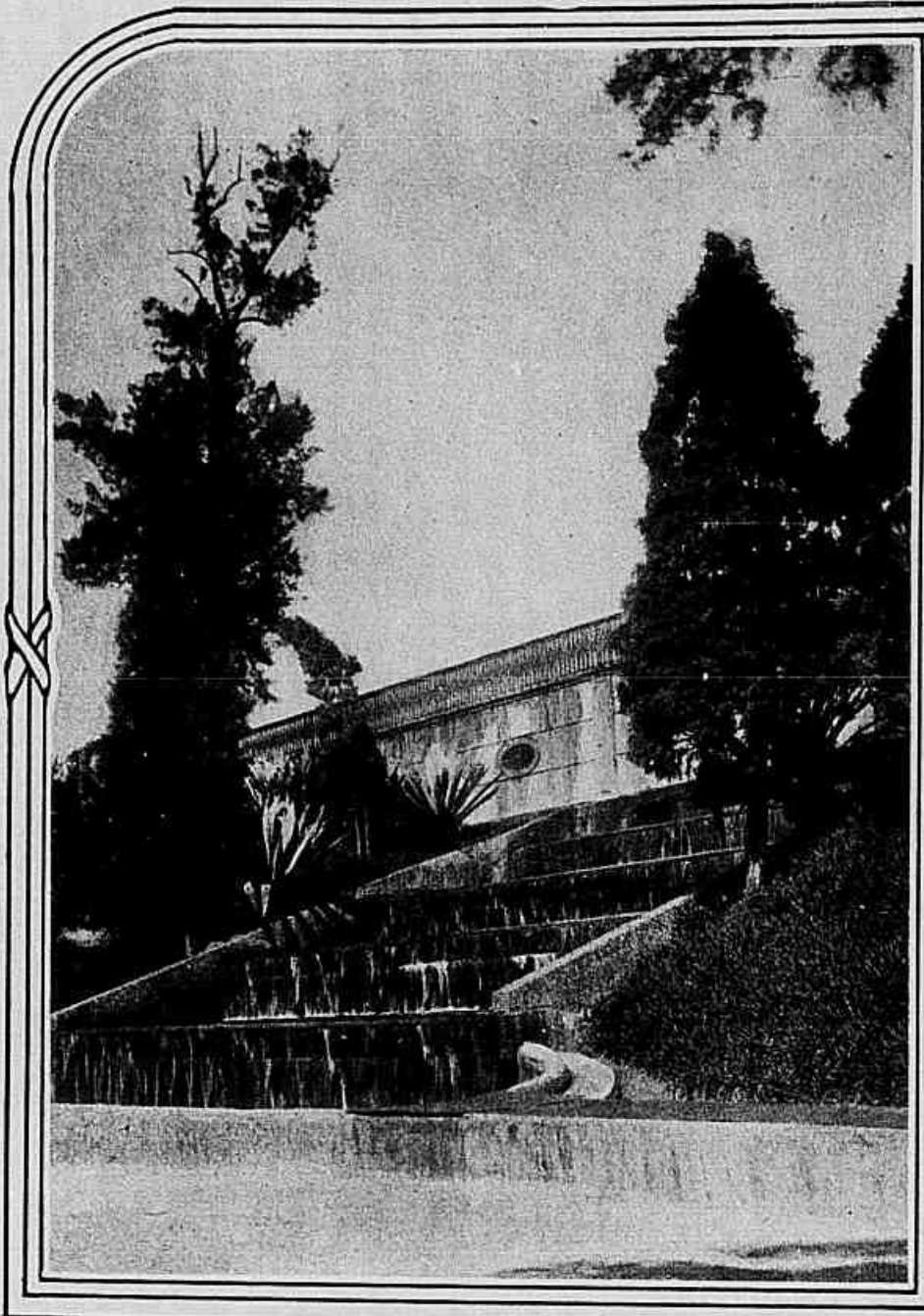
*"Sois ma force, oh Lumiere! et puissent mes pensées,
Belles et simples comme toi
Dans la grace et la paix, dérouler sous la foi
Leurs formes toujours cadencées."*

Certo, a palavra paz, ajustada á graça, não significa ahi senão a paz interior, a serenidade para escolher, das visões da vida, as menos quotidianas. A supplica foi attendida. Durante annos, as fórmulas sempre cadenciadas dos pensamentos de Anatole France, bellos e simples como a luz, sob o amparo da luz traçaram a curva harmoniosa das paginas que ficaram sorrindo o seu sorriso de indulgencia e resignação. Da paz interior, porém, pouco e pouco, cresceu, floriu o desejo da grande paz a ligar os homens, a irmanar as patrias. O puro artista dos "Poemes

dorés", tornado num philo:opho sem systema e sem exigencias, com a duvida de tudo e a volupia de em nada se fixar, não serviria para apostolo... Contentou-se com esparzir esse desejo em trechos de contos, chronicas, romances. Louvou por elle uma noite de Bismarck, por elle escarneceu da Revolução e de Napoleão. De repente, o caso Dreyfus atirou para o contagio das turbas o dilettante e o sceptico. O desejoso exasperou-se, explodiu em paixão. De 1898 a 1906, em cartas e discursos, maldisse da guerra patenteou o absurdo della no mundo moderno. Os boatos que a annunciavam eram optimos para os syndicatos de financeiros e industriaes, aos quaes o patriotismo abria uma fonte fartissima de lucros; e para os governantes, visto que um povo, no temor de uma invasão, não reclama reformas sociaes. Alguma coisa mudara na Europa. O adeantamento da industria havia desenvolvido e organizado o proletariado, e os proletarios, em toda parte, execravam a guerra. Unido aos socialistas, Anatole France batalhou contra a guerra, accessadamente. Monsieur Bergeret desandou a viver, carregando na alma benigna o aborrecimento da sua época. E basta percorrer os volumes da "Histoire Contemporaine" e alguns dos "récits profitables" de "Crainquebille, Putois, Riquet", para se sentir a que extremos de sarcasmo a paixão pela paz levou a penna que se enternecia deante dos erros e das vicissitudes dos homens, porque, afinal de contas, os homens não eram culpados... No fundo desse ardor militante, o benedictino astuto ia prolongando a sua calma existencia... E terminou por volver ás "orgias silenciosas da meditação..." Compoz a vida de Joanna d'Arc. Recordou fabulas de dias afastados. E, no recolhimento da sala de trabalho, onde, rodeado de preciosidades, á sombra dos amados livros, tecia o milagre das phrases perfectas, não se interrompeu de ridicularizar a guerra. "A Ilha dos Pinguins" e "A Revolta dos Anjos" o testemunham com abundancia, ao lado de "Os deuses têm sede", a satyra mais elegante, provocada pelos successos dos fins do seculo dezoito. "A Revolta dos Anjos" é das vespersas da conflagração, e tem por epigraphe ao capitulo XXVII: "No qual se encontrará a revelação de uma causa secreta e profunda que, seguidamente, precipita os imperios contra os imperios e prepara a ruina dos vencedores e dos vencidos e no qual o avisado leitor (se um houver, o que não creio,) meditará sobre esta forte asserção: — A guerra é um negocio".

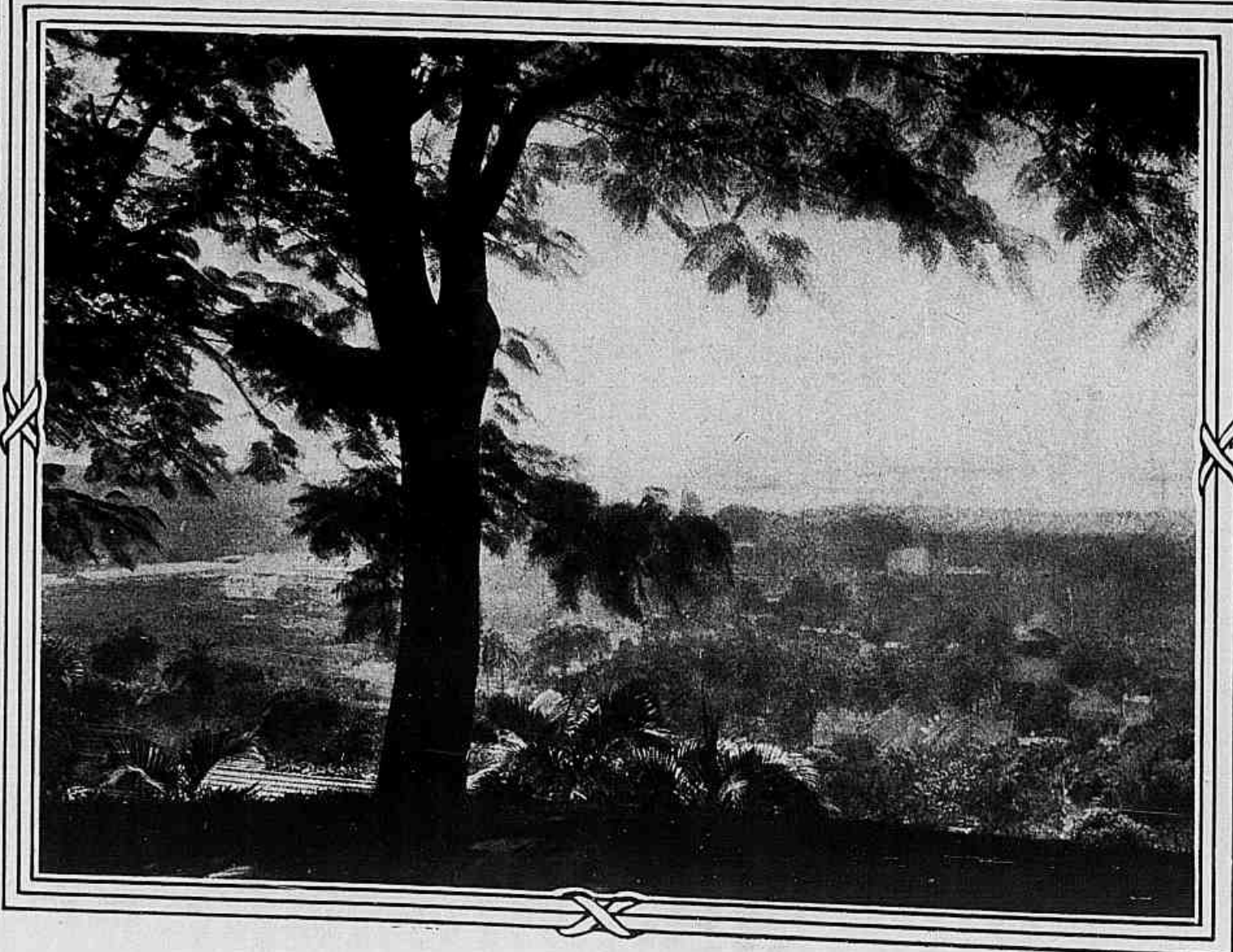
O dr. Onubile, d'"A Ilha dos Pinguins", quando chega á capital da Nova-Atlantida, e vê, no parlamento, a facilidade com que se votam guerras, conclue, com azedume, que a riqueza e a civilização não se adeantaram da pobreza e da barbaria, e que seria uma boa acção arranjar a dynamite sufficiente para fazer saltar o planeta: "Quando elle rolar, em esti-

(Termina no fim da revista)



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

A
NOSSA
LINDA
CIDADE



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

CAIXA
D'AGUA
DO
PEDREGULHO

Beijo de fogo

por Luiz Palmeirim

Y

TUNA, agarrando os pés dos coqueiros, parecia, a quem o visse, querer retirar do seu caminho os tropeços que o impediam de mais depressa chegar onde estava sua amada. A's vezes rastejando, caminhando rápido, e quasi correndo de outras, Ytuna simulava o genio do mal, tão cheio ia de amor. Com um copo cortou cerce o corpo de uma surury que o espiava e sem olhar para traz foi seguindo, os olhos cheios de febre, o peito arfando, as mãos seguras ao cajado. A cor bronzeada da pelle tinha reflexos magnificos de metal polido, inundado como ia pelo suor da paixão. E foi seguindo. Mais adiante parou, para, á sombra de um ombuzeiro, sorver de uma poça de agua novas energias. Os pés escaldavam-lhe pisando a areia que mordida como dente de víbora. E elle seguia sempre, com a mesma ideia fixa... Caminhando sempre, sempre...

Metteu-se n'agua até aos peitos, nadou, mergulhou fugindo a um jacaré, e, no outro lado do rio, correu mais depressa. A noite vinha descendo. Ytuna, sem sentir o cansaço, apanhou de uns fructos bravios e sugou-os caminhando sempre.

Chegou enfim. Balouçando n'uma rede suspensa de duas arvores frondosas, Radima olhava o ceu, que começava a estrellar-se. Parecia sonhar. O olhar no ceu, o braço inerte pendurado da borda da rede, balouçando apenas, mais pela aragem que pelo movimento do corpo, Radima, a rainha do sertão, parecia dormir. Ytuna veio mais devagar. Espaçou a corrida. Soffreu a respiração e veio por detraz de Radima, com medo de ouvir os proprios passos. Radima sorria, nos seus sonhos de creança. Os seus dezoito annos, não lhe tinham dito ainda o que fosse amor, mas ella presentia no peito qualquer sentimento de extranhamente vago, de profundamente indeciso, um receio de fugir ao perigo, uma attracção para o desconhecido, um não sei quê que ella não sabia o que fosse.

Era linda a linda Radima. Pequenina de estatura, a pelle tostada pelo sol do sertão, os cabellos encardados, entre negros e castanhos, os olhos negros como carvões, as pestanas fartas e sedosas, orelhas pequeninas e um pé que cabia na mão de uma creança, a Rainha do Sertão tinha a sua côrte de admiradores que timidamente a olhavam, sem se atreverem a chegar-se. Vestia ligeiramente um fatinho de chita que lhe occultava o corpo, corpo lindo na certa, pelo cuidado que tinha em escondel-o aos olhares

profanos dos mil namorados. Sugava uma manga. Pelos cantos da bocca escorria o sumo da fructa. E ella sonhava...

Ytuna appareceu-lhe de frente. Ella sobresaltou-se a principio. Depois elle chegou-se mais, pegou-lhe na mão. Contrastavam as duas figuras: ella, pequenina e debil, elle grande e forte, dominando o quadro, representando a força da raça, forte na sua brutalidade, imponente no olhar, feroz na sua brutalidade de homem. Nem uma palavra. Ella levantou o busto, deixando entreabrir o decote, por onde se adivinhavam segredos de amor. Os corações pulavam. Elle, Ytuna, cego de amor sem coragem para beijar; ella, Radima, casta e pura, sem valor para pedir um beijo. E olharam-se. Ia em ambos a raiva de não quererem soffrer a dor da desillusão. "Se ella se zangar?", pensava Ytuna. — "Se elle se offender?", dizia Radima. E ficaram assim, os dois, mãos nas mãos do outro, suspirando, arfando, desejando, querendo. Foi Radima, a mais fraca, quem rompeu o silencio:

— Dize-me, Ytuna, ainda gostas de mim?

— Por que o perguntas, Radima? Tu sabes que a minha vida é toda tua, sabes que venho de longe para te ver. Sabes que todo o meu coração é teu, e tenho medo apenas que no teu coração pequenino não caiba todo o grande amor que levo dentro em mim. Tu sabes, Radima, que é tua toda a minha vida. Sabes que por ti mataria aquelle que a olhar-te se atreve-se. Tu sabes, Radima...

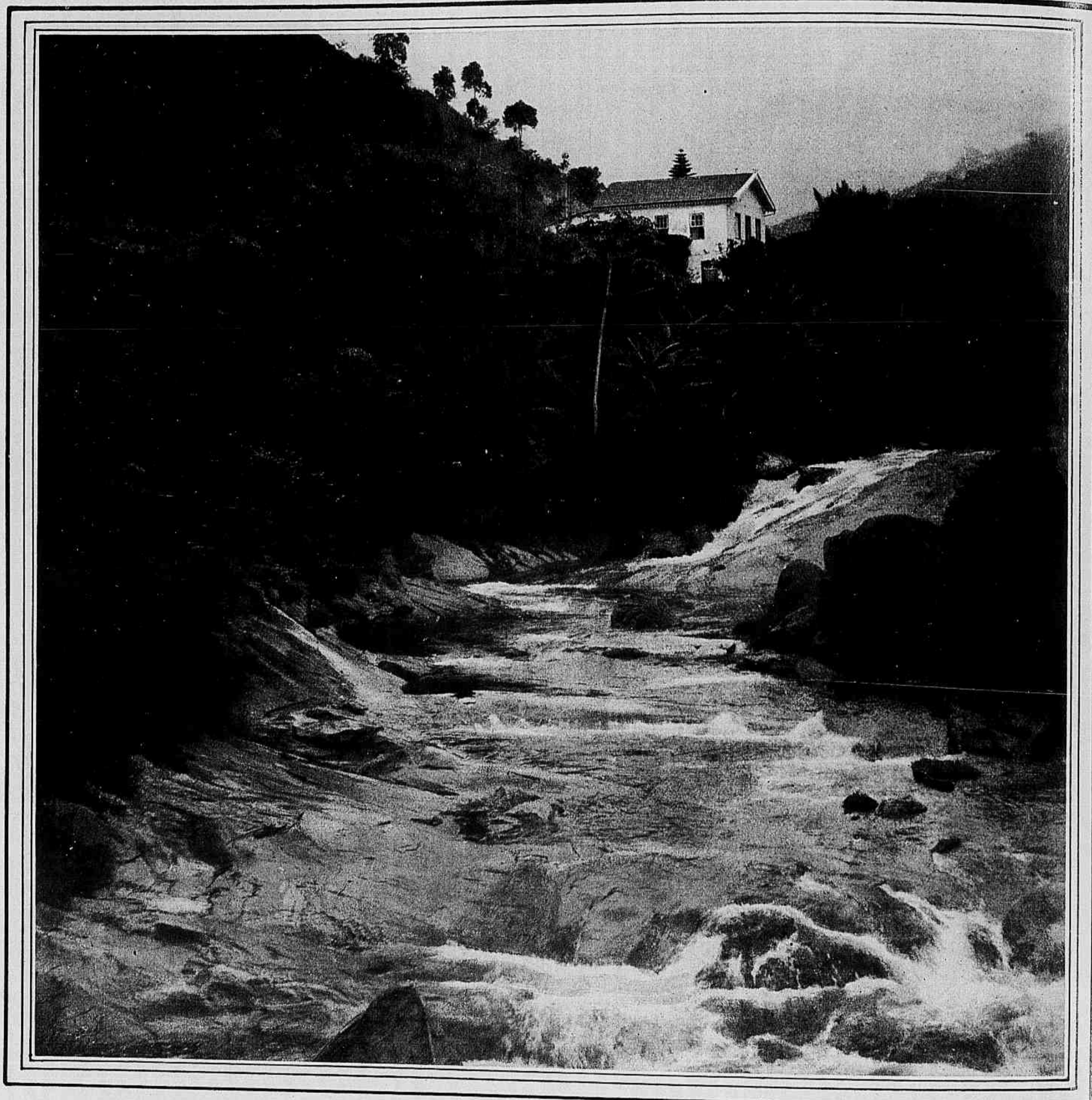
— Só a essa hora vieste...

— Esperavas por mim... E tenho ciume destas arvores que te cobrem, e tenho raiva dos sabiás que te cantam, e tenho odio dessa fructa que mordes, quando era a minha bocca que tu devias morder. Tenho desgosto em ver-te assim reclinada na rede tecida por outros, quando nos meus braços é a tua cama. Nem tu sabes, Rainha do sertão, quanto eu te quero. E quero-te sem te querer, porque dizer-te que te quero é pouco para contar-te tudo o que vae em mim. Só vendo os teus olhos, só vendo a tua bocca, só vendo o teu seio, só vendo o teu corpo, eu comprehendo que alguém possa amar! Não ha mais do que uma mulher, e essa mulher és tu!

— Palavras tuas, Ytuna... Palavras, palavras... Tu mentes... Bem sei...

— Radima! Pela luz do sol que vae fugindo, pela luz da lua que vae illuminando o nosso amor, Radima, eu te juro, que te amo e te quero e quero que sejas minha, só minha. Pela luz que beija o teu corpo, pela alma das estrellas que te reflectem nos olhos dando mais brilho ás proprias estrellas, eu te juro, meu amor, que só teu serei. Ouve-me bem...

— Não quero ouvir-te... Tu mentes...



PETROPOLIS — CASCATINHA

— E falas tu em mentir! Eu sei bem que és tu, Radima, que foges de mim... E pensas n'outro homem... E só eu sei o teu segredo... E só eu adivinho o que não quero saber...

— Ideia tua, Ytuna... Tu bem sabes...

— Só sei que te quero... Só sei que o calor do teu corpo aquece mais do que o calor do sol e queima mais que as brazas da fogueira... E o gelo da tua indiferença e esta frialdade são mais gelidos que os gelos do Polo. Cala-te, Radima... Não mintas...

Sumira-se o sol, de todo. Viera a lua illuminar aquelle amor, todo castidade, todo cheio de fogo, todo cheio de paixão. Viera a lua, dando uma cor leitosa áquelle amor sem maldade.

A sombra de Ytuna, cahido sobre o busto de Radima, tapava a lua envergonhada.

E á luz da lua, sem que mais ninguem visse aquelle amor, Ytuna desabotoou o corpinho de chita de Radima e tirou para fóra um seio macio e duro ao mesmo tempo, entumecido, cheio de febre e de desejo. Elle olhou primeiro, aquelle pomo lindo e forte, cheio de amor e de sede de beijos. Pegou com cuidado no pequenino morango, ligeiramente rosado-escuro que lhe fazia o fim, e sugando-o com amor, murmurava, de si para si, palavras de amor. Ra-

dima desfallecida pedia beijos, mais beijos, muitos beijos... Ytuna levantou-se de repente. A febre devorava-lhe o peito forte. A cabeça estalava. Radima, desfallecida, estava á sua mercê. E elle, o apaixonado, cobrindo com folhas de palmeira o seu corpo forte, foi a correr, saltando rios e montes, fugindo áquelle amor que era toda a sua vida, toda a sua illusão, todo o seu sonho, toda a razão de ser da sua vida.

E d'ahi dizer-se que o beijo de fogo de Ytuna tinha sido a causa da morte de Ytuna, o guerreiro bravo, que se atirara ao rio e fóra devorado pelas feras. E' que o homem tinha preferido cahir nas garras ferozes das feras terriveis, a morrer nos braços de uma mulher, que elle adorava e que elle sabia que perante o mundo nunca podia ser a sua mulher.

Triste beijo de fogo... Quem póde beijar uma mulher, sem poder ter a certeza de dizer que ella é sua? Mais uma vez, Ytuna demonstrou que a alma de guerreiro dos mattos valia tanto como a pureza de alma da Radima, a Rainha do sertão que chora hoje a morte do seu marido espiritual, do unico homem que lhe beijou os seios e lhe chupou os labios.

Durou pouco a vida de Radima. Mezes depois, sem se saber como, Radima morria. Dizem os do sertão que a sua Rainha fóra encontrada ao lado de uns restos de cicuta, a herva que mata...

A sombra da sombra...

... por Thomas Murat ...

... "fôrma com o que uma ilha no meio d'este mar
sem fim..."
(Renan — S. Paulo)



I nós nos adiantassemos um minuto mais cedo, na nossa vida, talvez muitas cousas ficariam no silencio, e a verdadeira sabedoria não se manifestasse para nós; entretanto, quem nol-o affirmaria que um minuto de atrazo em nosso destino não significa extranhas tragedias? Nosso destino necessita caminhar, irrevogavelmente, com as verdades que se dirigem para a nossa morte.

Muitas certezas nos affirmam que a realidade é uma mentira gentil com que a Fatalidade mascára os segredos que nós nunca comprehenderiamos. Esses segredos estão em toda a parte: na felicidade da mulher que amamos, no olhar das creanças que nos adoram, no pensamento dos que nos odeiam, como na humildade dos que nós fizemos sofrer. Esses segredos são profundos e tristes.

E' verdade que nós nunca devemos interrogal-os quando elles se escondem por traz do Rei Lear, de Hamlet, e do pasmoso Macbeth.

Entretanto, calarmo-nos diante delles é tão terrivel como adormecer á beira dum abysmo...

Muitas vezes, esses segredos se nos apresentam, se reflectem no fundo da nossa vida, como figuras humanas; então, são bem mais temiveis que os Reis Lear, os Hamlet, os Macbeth.

Esses personagens sombrios são a nossa vida. E' preciso não ignorarmos a nossa alma, e não julgar que amal-a profundamente é occultal-a dos mais poderosos segredos da vida, da morte e do amor.

Esses segredos são a sua propria força, ainda que destruindo-a. Será, porventura, uma tristeza sabermos que a vida só se anuncia no limiar dos tumulos? Que nas alegrias fortes, na crença, no sonho, na chimeira, na saudade, na volupia, na esperança, no idealismo, ou na paixão — nós não somos sinão um fio d'agua que se extingue, uma

chamma que se apaga, uma folha que rola, uma flôr que murcha, uma estrella que desaparece? Guardemos na pedra tumular o grito dos Atridas, para que no fim d'algum seculo a nossa alma não desperte violentamente, e se erga do tumulo, ao seu chamado!

Si Hamlet, Macbeth e o Rei Lear se agitam, á meia-noite, no fundo da nossa consciencia, como phantasmas despertados para algum trabalho macabro, abafemos tremulamente o choro dos anjos aterrados, abafemos as mil vozes puras que se erguem na profundidade da nossa alma, recesso celeste onde a bondade invisivel, como uma santa suave, dorme o seu divino somno...

Si ella despertasse, quebrar-se-hia a amphora de oiro em que almas divinas encerraram a nossa Sabedoria e o nosso Amor...

Dessa bondade invisivel nos vêm os sonhos que guiam os nossos passos no caminho das alegrias, dos contentamentos, das esperanças e das paixões.

São esses os sonhos profundos, carinhosos, perfeitos e suaves, que nas arvores têm a fôrma duma flor, nos passaros a fôrma de um canto, nas estrellas a fôrma das claridades e no nosso coração a fôrma de anjos. Todo o homem, ainda o mais perverso, o mais ignorante, ou o mais indifferente, tem no fundo da sua vida essa bondade invisivel. Quando dormimos, é essa bondade que vem visitar os nossos olhos, e deixar sobre as nossas palpebras adormecidas o pollen duma esperança caridosa. E', finalmente, essa bondade que define o nosso amor. Por isso a mulher que amamos é sempre um anjo e, raramente, uma esphyngé. Dentro dos limites desse amor que é sempre infinito, nós ignoramos todas as perversidades e todas as injurias.

A' sombra dessa sombra immensa, repousamos e sonhamos. E si um dia despertassemos, o nosso despertar seria tão cheio de sabedoria e de revelações que desde esse instante nós nos tornaríamos tão profundos e tão sabios como os deuses...

A Labareda do Pecado

Por José do Patrocínio (filho)



Koi certa noite, na Praia de Reading, que eu soube da morte de Mattá-Harí.

Conversavamos sobre as execuções de espiões em França, quando o Barão de Tylleghem acrescentou o nome d'ella á lista dos condemnados mais celebres.

— Mataram-n'a? interoguei attonito e commovido.

— Ha mais de um anno! Você não leu?

Não lera. Na Hollanda, poucos jornaes francezes se encontravam e raramente chegavam lá noticias d'essa ordem.

Senti turvar-se-me a vista. Deixei-me cahir n'um banco, cabisbaixo.

— E ella era uma espia?

— Ficou provado. Foi ella quem denunciou aos allemães a invenção dos tanks e annullou, com as informações que lhes deu, o exito da primeira offensiva d'essas machinas de guerra...

— Mattá-Harí!...

— Sim. Mas que tem você... Está tão pallido, conheceu-a?

— Si a conheci!...

— Pois si o interessa, posso emprestar-lhe os jornaes que narram o seu julgamento e a sua execução.

D'ahj a pouco, fechei-me no meu cubiculo e puz-me a lêr ávidamente as noticias de todo o seu processo.

Era um libello emmaranhado e horrivel, de audacia, de inconsciencia e de ambição. Mas pouco a pouco, lendo o seu julgamento e a sua execução, D'ahj a pouco, fechei-me no meu cubiculo e puz-me a lêr ávidamente as noticias de todo o seu processo.

Noite...

— Onde hei de eu ir? — pensei erguendo-me da vasta poltrona de couro em que me enterrara, depois do jantar, no hall do Victoria-Hotel.

Chegara só, na vespera, a Amsterdam, onde não conhecia ninguem. Nem compromissos, nem amigos. O inestimavel direito de usar de mim e do meu tempo como melhor me parecesse. E, naturalmente, enxotou-me de casa essa attracção hypnotica que sobre todos exercem as ruas de uma cidade desconhecida.

Abril.

A pesar d'e-se mez ainda ser frio, já se sentia subir a seiva da primavera...

Tempo de amor...

Perguntei ao porteiro:

— Onde hei de eu ir?

— V. S. pode ir ao *Bellevue*.

— Ao *Bellevue*?

— Sim, é o mais elegante dos nossos *music-halls*.

Excellent programma: orchestra de *musicanti* napolitano; os excetricos americanos Jym and Rodgers. Mas sobretudo a nossa celebre bailarina...

— Uma bailarina hollandeza?

— Quasi... Malaia, das Indias Neerlandezas:

Mattá-Harí. V. S. nunca ouviu fallar d'ella?

Decidi-me pelo *Bellevue*.

Tomei um taxi.

Um quarto de hora depois: chegava lá.

Dez e tres quartos...

Difficilmente achei o meu logar na platéa, que já então estava ás escuras.

Só tinham ficado accesas as luzes da ribalta e do jardim de inverno. Toda a sala mergulhava n'uma

penumbra suggestiva e a orchestra, apenas alumada por alguns focos verdes, a que os *abat-jours* diminuam mais a intensidade, atacou uma musica dolente e de rhythmo bizarro, a cujo som o panno foi subindo de vagar.

Ella surgiu então de uma coxia — a passos candelados, longos, solemnes como attitudes rituales, mas voluptuosos e indolentes...

Semi-nua... Sustentava-lhe o seio um peitoral lentejoulado; pendiam-lhe da cintura aos tornozellos tiras de fina gaze multicor. Os pequenos pés descalços e alvos de lisavam sobre o tapete escuro como um relevo. Eram de um ruivo fulvo os seus cabellos, mas os olhos de treva illuminada e quente e negros os longos cilios velludosos. A bocca nervosa e rubra, como uma punhalada de carmim. Por entre a polpa sensual dos labios entreabertos, appareciam-lhe os dentes brancos incisivos, felinos, crueis... O collo humido. E a cicatriz do umbigo se destacava no ventre nu, alvissimo e redondo como um fructo.

Mattá-Harí dansava.

Seus movimentos foram-se amiudando. Era uma successão de gestos supplicantes, pavidos, expressivos, em que os seus braços se estendiam com as mãos espalmas, e os seus hombros se erguiam e se abaixavam, n'um collear erotico do busto. As ancas balanceavam n'um lento meneio, enquanto os seios empinavam como que sob o estímulo do cio...

Era a erecção do desejo na carne capiosa de Eva! Palpitavam-lhe as narinas como si haurisse o cheiro de um jardim em que as flores fossem thallitres — que têm o aroma dos espasmos germinaes... E gradualmente se detalhava a estatuaria da sua plastica, evidenciando todos os contornos das suas fórmulas harmoniosas.

No rhythmo agora mais vageroso da musica, cada um dos seus movimentos era uma suggestão peccaminosa. E quando cada membro se desenhara no detalhe da sua perfeição, o andamento da melodia se apressou e ella amiudava as *poses*, excitada, devorada pelo olhar cubicoso da platéa, fixo e estrabico sobre a brancura do seu corpo.

Dir-se-ia que passava n'um phantacopio um sonho de Gomorrha, uma allucinação de Lesbos, e que uma raiva nymphomaniaca arrepellava-a e levava-a cambaleante pelo palco, com os olhos cheios de um brilho de cantheridas e os labios latejantes. Roçando-se no ar de braços abertos, parecia buscar um corpo a que se unisse e arqueando a espinha, com a cabeça pendida para traz, apoiava no chão, por fim, os pés e as mãos, n'uma cynica offerta do seu sexo!

Corriam arrepios na platéa. Ouviam-se a respiração entrecortada dos homens e o rumor glutteo das larynges engulindo a bava da luxuria. A gente mal collocada punha-se em pé, ávida e tremula. Nos camarotes mulheres quebravam o leque, com um estalo secco de madeira, enterravam as unhas no braço dos amantes, que alargavam o collarinho, n'uma ancia de ar, com o coração aos pulos!

E ella dansava...

Agora era o colleio rapido de uma serpente em furia, um delirio de contorsões convulsas, em que todos os seus nervos vibravam, em que havia a agitação de uma febre alta abrasando a sua carne fustigada pela musica...

Cá, os olhos ardentes se arregalavam cada vez mais vesgos. Homens erguiam-se inconscientemente, com interjeições inarticuladas. Vivia-se um fremito! Como que no delirio d'esse ambiente, os desejos crepitavam como linguas de fogo!

E desvairada pela hystéria das bacchantes, ella dansava agora n'um pernear desabalado, que revivia todo o deboche das subburras antigas e dos montmartres contemporaneos. Era um pinotear desordenado, frenetico, pornographico, em que os seios lhe tremiam, as ancas reboavam, o ventre tinha revulsões ignobeis, que só cessavam, de instante a instante, n'uma attitude rapida de espasmo. Mas, rodopiando n'uma vertigem que a despia toda, bateu o ar, finalmente, como se os seus braços fossem azas n'um tataral desorientado, fechou os olhos e rolou de amparada, como um passaro ferido no coração!

Cahi o penno.

Um instante, infinitamente rapido, mas parecendo longo, de silencio. Ainda empolgava os espectadores attonitos a emoção d'esse bailado tragico e sensual. E os applausos; echoaram, estrugiram, como uma cadupa prisioneira. Acclamavam-na homens e mulheres. Todos de pé vozeavam o seu nome, n'um longo ullulo de ventania:

— Mattá-Harí!

E talavam as palmas reboantes, ininterruptamente.

E ella avultou, olympica, com os seios nus, libertos do peitoral e rijos e pontezgudos, como dois pesos, sobre o thorax.

Não fez um gesto. Em pé, á beira da ribalta, era a escultura do peccado...

E o delirio cá em baixo redobrava, exaltava-se, exacerbava-se, excitado pelo seu proprio echo:

— Mattá-Harí!

— Mattá-Harí!

Quando se retirou, por fim, de novo, em vão a musica entoou um trecho vivo, animador e alegre: a platéa parecia desfallecer exaurida, n'uma absoluta depressão nervosa. E o espectáculo já não teve interesse para ninguem...

Sahi...

Vim pela margem dos canaes, estaticos ao luar que os prateava...

O meu sangue caldeado borbulhava.

Imaginava-a, agora, nos meus braços, palpitante e amorosa, no connubio das nossas carnes, e dos nossos vicios. E como era ella que me conduzia, errei sem rumo pelas ruas longas, á sombra dos platanos antigos, á beira da agua silenciosa...

Que tempo caminhei?

Não sei.

Já tarde cubi a escadaria do Victoria, exausto e ainda vibrante. E logo como uma visão perturbadora via-a no hall, abafada em pelle; caras, tendo na mão um ramo de orchidéas, dizendo adeus a um homem já grisalho.

Parei confuso.

Ella morava ali?

Morava. Até subimos juntos no a'ensor: eu com o coração cabriolante, ella com a indiferença de uma deusa...

E, até hoje não sei, não distingo, com nitidez nas reminiscencias d'essas horas, como foi que tres dias depois passei o humbral da porta do meu quarto!

Era um vasto salão atapetado de couros de urso branco e de tigras. Ao fundo, o leito baixo e largo como um valle, coberto de almofadas muito brancas, bordadas, sobre uma immensa pelle loura de guanaco. Flores. Mais almofadas pelo chão, redondas, chatas, oblongas, de seda, de velludo, de damasco. O gorgorão das cortinas confundia-se com o estofado verde-claro das paredes. E á luz das lampadas foscas, n'essa noite, o ouro, a prata, os crystaes, nas mesas de toilette, magnetisavam-me com chipas de opio...

Só guardara sobre si um longo collar de perolas, que lhe escorria entre os dois seios. E reclinada n'um monte de coxins, tinha entre os dedos um cachimbo de ambar, como os dos mandarins que fumam opio...

Ah, si eu a amei!...

Desde esse instante, ella absorveu-me como uma mania. Não existi sinão para posuil-a, ou para renovar o meu desejo, vendo-a dansar no music-hall, sorvendo a amargura do meu ciúme, como quem sorve um toxico delicioso...

A baixeza da situação em que viviamos augmentava a volupia do seu coito. Nem para o que gastava em flores chegava o meu dinheiro. De sorte que eu não ignorava que alguém devia pagar o seu luxo. Os seus caprichos dispendiosos, os seus dois automoveis, as joias com que voltava cada dia, Deus sabe de onde...

Frequentemente, por isso, revoltado contra mim mesmo eu a insultava. Jurava que não tornaria a vez, erguia os punhos para a esmagar. Ella sorria, vinha como uma gata, e murmurava:

— Baby...

E o seu labio era rubro, e seu seio cheirava, e a sua carne me attrahia como um abysmo!...

Uma noite, mais enervado, segurei-a, atirei-a de encontro a um canapé e esbofeteei-a allucinadamente.

— Ah, miseravel!

— Baby!... — fez n'uma doce supplica.

Mas eu a arremessei ao chão, de novo, pisei-a brutalmente, babujando um epitheto obsceno. E entretanto, de subito, sem transição, entrelacei-a, rolei com ella pelo assoalho, louco, beijando-a e sugando-a como um vampiro, possuindo-a, emfim, ainda uma vez!...

Depois, pela manhã, sellando as pazes, partimos n'um dos seus automoveis para a Haya. Ella ia ao volante. Junto a Haerlem, atravessámos os campos de tulipas, polychromos e recumbrentes, como um immenso estendal de maravilha... Lá, na cidade antiga, as velhas casas griegas e historicas iam ficando á beira do caminho. E ella parou por fim junto da torre, que hoje é um museu, mas foi um carcere, nos tempos tenebrosos de Guilherme, o Taciturno.

— Vamos entrar aqui.

— Que idéa!...

— Eu quero.

Entrámos.

A prisão está tal qual foi ha tres seculos. Vimos o calabouço em que De Witt agonizou com fome. A masmorra em que um mouro, capturado n'um cruzeiro de piratas hollandezes, arremessou-se de encontro ao muro e abriu o craneo. A jaula, situada em cima da cozinha, onde eram encerrados os que deviam morrer de inanição...

Ella porém só se quiz demorar na sala das torturas. Ahi, diante dos cavalletes, dos torniquetes, da roda, das tenazes enormes e das pinças, que esphacellavam carnes palpitantes, senti-a enterrar as unhas no meu braço:

— Baby!

Mirei-a attonito.

— Como seria bom soffrer, ganhar aqui, martyrisada, só para amar depois!...

Os seus olhos brilhavam, os seus labios tinham um rictus de cruel delicia. E o guarda do museu nos contemplava, n'um mixto de admiração e desconfiança, prestando ouvido ao de atino...

Oito dias depois, disse-me que ia á Hespanha. Assignara contracto para Madrid, Sevilha e Barcelona, e devia partir quanto antes. Mas voltaria. Eram tres mezes rapidos de ausencia: que eu a esperasse, confiante...

Fui leval-a a Ymudeu. Nas reprezas o vapor aguardou, durante horas, a cheia da maré. Por fim abriu-se a porta do canal. Cortou os ares um apito estridulo. Desci. Fiquei na dóca a vel-a, no seu tailleur cinzento, a acenar-me do tombadilho com o seu lenço. Ainda lhe ouvi dizer:

— Baby!...

Rapidamente o vapor entrava pelo mar.

O lenço ao longe me acenava sempre.

Meus olhos se encheram de agua...

— Adeus! Adeus!...

E nunca mais ella voltou.

Agora, á luz mortica que alumia o meu cubiculo, só me restava d'ella a noticia dos jornaes narrando a sua morte.

Fôra ao desabrochar da primavera, no Forte de Vincennes, a meia hora de Paris...

As gazetas contavam...

Recusada a petição de indulto que enviara ao Presidente da Republica, homens de catadura atroz, de madrugada entraram na sua cella da Prisão de São Lazaro.

— Mattá-Hari!...

Dormia.

Elles a sacudiram:

— Mattá-Hari!...

Abriu os olhos esgazeadamente.

Que era aquillo?

Que lhe queriam esses homens todos: paizanos e militares, a olhal-a as'im com tão sinistros olhos?

— Foi recusado o seu perdão...

— Heim?!...

— Coragem...

Um padre se de tacou de entre os outros;

— Chegou a hora, minha filha...

— Já!...

— Peça perdão a Deus dos seus peccados...

E algum tempo depois ella seguia, com os pulsos presos por algemas, dentro de um automovel em que a guardavam dois soldados bestiaes e silenciosos.

Longo o percurso, longo e comtudo rapido para ella, que tiritava a caminho do inexplicado mysterio da morte.

Os bastiões de Vincennes appareceram. Fizeram-na saltar, ainda a levaram por corredores e salões soturnos, para inscrevel-a nos registros macabros de condemnados...

Seus grandes olhos negros marejavam-se de lagrimas; tremia, de vez em quando, repetindo:

— Eu não quero morrer!...

Ah, não queria?...

Mas que tinham com isso os militares? Não fóra espia? Não surprehendera os segredos do exercito, para os communicar aos inimigos?

Pois morreria no horror e no opprobrio, sem piedade, sem consolo, sem nada, infamemente!

Que importava a excelsa belleza da sua juventude? Porventura eram juizes do Arcopago? Fóra uma resultante da insanía infrene do desvario de prazer da sociedade? I'so era com os philosophos, os sociologos, os apostolos...

Com elles a questão era o concreto facto que se provara: o crime de espionagem praticado.

E embora se debatesse e supplicasse, agarrando-se a tudo o que encontrava, arrastaram-na, contundindo-a e arrancando-a, qua'i despedaçando-a, ao poste negro do supplicio. As mãos d'ella sangravam; seu rosto se decompunha n'uma expressão pathetica de medo e as suas roupas, esfrangalhadas, deixavam ver a sua carne capiosa, arrepiada de pavor.

Amarraram-lhe os membros frouxos ao marco ignominioso e vendaram-lhe os olhos brucemente.

— Eu não quero morrer!

Rrrá!

A descarga.

O corpo trespassado pelas balas, pendeu, rompendo os laços e tombou, e'terrorante e ensanguentado.

Um sargento abaixou-se, deu-lhe um tiro, para a acalar de vez, em plena frente.

O sangue escorreu vermelho sobre a terra...

Mas a meus olhos attonitos, que o viam como si tudo se pas'sasse ali, no meu cubiculo, elle alastrou-se á maneira do oleo que se inflamma e fica ardente, á noite, á tonz d'agua...

As labaredas collearam, rubras e serpentinas, crepitando em espiraes; diabolicas. Erguiam-se como cobra; em delirio, emmaranhando-se, enfeixando-se n'uma chamma, que, afinal, era unica e terrivel!

Então, como succede á salamandra, seu corpo se modelou dentro da flamma, irradiante e impeccavel como outr'ora. O fogo a vestia toda, espadanando!

E eu toda a noite a vi, e amei, e tive no pesadello que me consumia, no sepulchral silencio da prisão...

A "Labareda do Peccado" pertence ao livro que José do Patrocínio (filho) tem no prelo: "A Sinistra Aventura", livro de dor e de verdade. — o exito mais rumoroso, com certeza, este anno, no mundo literario do Brasil, edição magnifica da nova casa Benjamin Costallat e Miccolis.

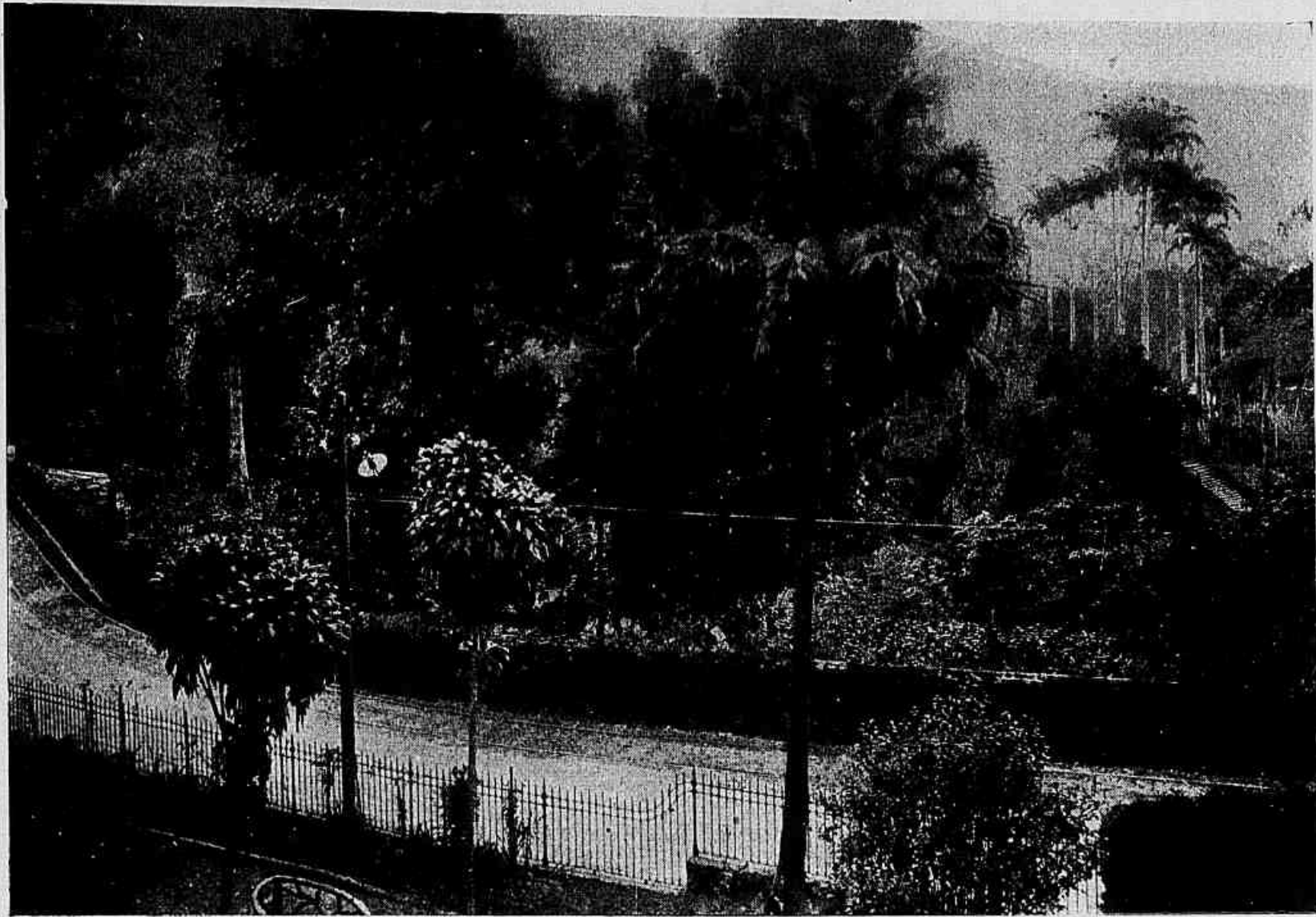


O ENCONTRO DA ESTRADA VELHA COM A ESTRADA NOVA DA TIJUCA
CAMINHO DAS MONTANHAS



J. B. ... 1922

J. B. BAPTISTA | SACUDUCABEDAS | EN DE
D. ACOSTA | EN GALANADAS | DELAS ARTES



RIO DE HOJE — TRECHO DA ESTRADA NOVA DA TIJUCA

Poema de um dia de chuva
por Lincoln de Souza

A chuva cáe, a chuva desce
A chuva desce de vagar.
Chuva. Nevoeiro. Nostalgia...
— Mas como é bom, como elanguesce
A' aria da chuva fina e fria
Fechar os olhos e lembrar...

Lembrar — soffrer... Soffrer, sorrindo.
Soffrer lembrando um sonho meu.
Um sonho immenso — immenso e lindo
Que de tão lindo esvaneceu...

Fumo um cigarro. Num relance
Revejo tudo que passou...
— Por que é que penso em teu romance,
Meu pobre e diaphano Pierrot?

Apitam machinas... Reçuma
O rude esforço material...
É volto á vida em meio á bruma
Desta paisagem de postal.

Comboios passam... Minha face
Empallidece. Ansias mortaes !...
Comboios... viagens... se eu viajasse
Não sei para onde — pouco importa !
E não voltasse nunca mais !

Mas tudo de novo se aquieta.
Ninguém se vê, nenhum rumor...
(Portella é um feudo para um poeta
Contemplativo e soffredor).

Retorno ao sonho. A' minha porta
Um lyrio suave amarellece...
E a chuva cáe fina e dolente...

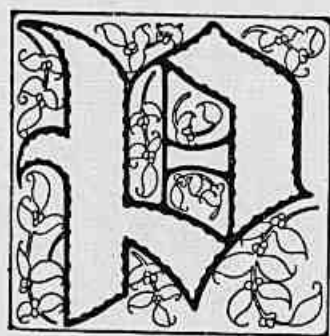
A chuva cáe, fina e dolente,
Tece tristeza e cerração,
Mas em minh'alma, subtilmente,
Dentro em minh'alma, quasi morta,
A chuva cáe como uma prece,
A chuva cáe como um perdão...

G. PORTELLA, 24-3-923.



GRUPO DE AQUATICOS QUE FIZERAM ESTAÇÃO, ESTE ANNO, EM CAXAMBU'

Um discurso do Bispo D. João Nery



OR ocasião da entrega das cadernetas de reservistas aos alumnos do Gymnasio Diocesano de Campinas, o Bispo dessa diocese, D. João Nery, que era paranympho dos alumnos, pronunciou o seguinte discurso :

“Senhores — Conta-se que uma mulher, depois de uma grande batalha em que perdera seu dedicado esposo, ao envés de derramar abundantes lagrimas, como sóe acontecer, destemida e intrepida, tomou em suas mãos valentes o seu joven filho e, num gesto heroico, dissera: — “Tu tambem serás soldado !”

Soldado para substituil-o, soldado para servir após elle as bellas causas que morrerá defendendo, soldado para combater e vencer. Senhores, ha mais de tres annos, sobre immensos campos de batalha, uma multidão de heróes cae gloriosamente na defesa da liberdade, da justiça, do direito e da humanidade !

Homologando a sorte desses bravos por igualdade de sentimentos e identidade de interesses, o Brasil, sem medir sacrificios, conscio de suas responsabilidades actuaes, toma-vos pelas mãos, jovens reservistas, e num surto admiravel de valor, vos exclama: Sereis soldados ! A' retaguarda de vossos irmãos que pelejam pela mais santa das causas, cerrareis fileiras e quando todas as trincheiras fossem rompidas, formariaeis de vossos peitos patrioticos um immenso dique á torrente despota que despoticamente tudo quer avasalar e destruir.

Neste embate tremendo em que se jogam os mais santos dos interesses da humanidade, não ha contemporisações possiveis: ou se arvora o pendão da Patria sobre os destroços das hostes inimigas

ou se morre, nelle envolvido, cantando alegremente o hymno da liberdade.

Senhores, duplo motivo traz-me neste momento, a esta tribuna: manifestar-vos agradecimentos pela minha escolha como paranympho desta solemnidade e dirigir-vos uma palavra de conselho e felicitação.

Acredito que acudiu-vos á idéa de me honrardes com tão alta distincção, porque sabeis o muito que vos quero e o entusiasmo com que applaudo sempre vossos feitos de nobreza.

Não admirareis pois, que, certo disso, eu vos traga de envolta com minhas calorosas saudações, uma palavra amiga, sincera e opportuna.

Senhores reservistas, ao receberdes, por entre palmas e flores, essas cadernetas e implicitamente vos dispordes a corresponder em todas as circumstancias da vida á illimitada confiança que a nação inteira em vós deposita, é esquecerdes de todos os laços que carinhosos vos prendem ao lar e á familia, para só ouvirdes a voz da Patria que vos concita, é sobrepordes aos mesquinhos interesses altos e supremos da collectividade, é offerecerdes emfim, na idade de todos os sonhos, á maior das causas as primicias puras de vossa vida juvenil.

E' certo que em todas as idades o holocausto de si proprio tem alguma cousa de sublime; essa sublimidade, porém, se alcandora mais quando é a offerenda da flor embalsamada da juventude, que se arroja no fogo do sacrificio.

Então o fumo aromatico da pyra sagrada sobe muito: vae, além das estrellas e dos astros, penetra acima da região iriada dos che-

rubins, vae irmanar-se com o proprio Deus que, num gesto sublime de amor, consummou o sacrificio maximo e supremo de morrer como um maldito, para viver a humanidade.

E' certo que em todos os tempos isso é bello: mas muito mais bello, muito mais admiravel é esse sacrificio nas horas solemnes da Patria.

Ser soldado, em tempo de paz para velar pela tranquillidade publica, é já uma grande missão; mas ser soldado quando já se ouve o primeiro troar do canhão e já se vêem as scintillações faiscentes das espadas nuas, ser soldado quando nos achamos em pleno estado de guerra e nos apparelhamos para multiplas surpresas, equivale a offerecer os proprios corpos como trincheiras vivas de defesa nacional, a tornar-se uma particula sagrada da propria Patria, a fundir sua vida com a propria vida, seus destinos com o proprio destino, penetrando, illuminando, nas regiões sempre harmoniosas e bellas do heroismo e da immortalidade.

Não vos esqueçaes, entretanto, senhores reservistas, da principal condição indispensavel ao exito de todas as victorias: o espirito de sacrificio.

E' possivel que este seculo sensual vos tenha preparado mal para os rigores da guerra.

Severa por natureza, ella é quasi sempre cruel, como mestra das grandes energias. Ignora o bem-estar; crucia a carne e flagella os corpos, faz soffrer a fome e o frio e todas as privações. Impõe, por vezes, dolorosas separações e suffoca delicados sentimentos do coração humano. Não se preocupa com a saude, desconhece o amor, e, sendo preciso, extingue a propria vida.

Mas... desses corpos disciplinados pelas provações e retemperados pelos perigos quotidianos, ella, a guerra, faz surgir no fundo das trincheiras e nas linhas de batalha almas incomparaveis, almas sublimes, almas generosas, fortes como almas de heróes, magnanimas como fantasticas aparições de cavalleiros, dispostos como elles a todos os feitos admiraveis e tão habituadas a immensas grandezas que reputam sem valor o que faz a admiração do mundo.

Senhores, não serão verdadeiros gigantes de sacrificio esses heróes sublimes da Italia, da França, de Portugal e da Inglaterra que neste momento partem para as frentes sem uma queixa, sem uma demora, sem um pezar?

Vêde-os. Elles zombam da morte que os ameaça a cada instante, brincam com as metralhas que os dizimam, cantam alegremente sob as balas que os despedaçam.

E quando qualquer obuz os fixa em um leito do hospital, com um braço ou uma perna de menos, do coronel ao ultimo dos soldados, todos têm uma unica exclamação: só lastimo não haver perdido todos os membros do meu corpo, por amor de minha Patria.

Com taes homens, senhores, ninguem póde ser vencido!

Nessa escola sublime de heróes, senhores reservistas, retemperae desde já vossas energias, se quereis corresponder ás esperanças da Patria e continuar para sempre seus feitos gloriosos.

Lembrae-vos que nossa vida pouco vale, se o sangue que deramarmos conservar e reanimar a vida do Brasil, e que ha, depois de tudo, acima da gloria humana que será a partilha dos immolados, a vida eterna e gloriosa para compensar alguns dias perdidos neste mundo de miserias.

Felicitando-vos finalmente, senhores reservistas, por este exemplo edificante de civismo, eu vos deponho, commovido, em nome do Gymnasio Diocesano, sobre o altar sagrado do nosso querido Brasil.

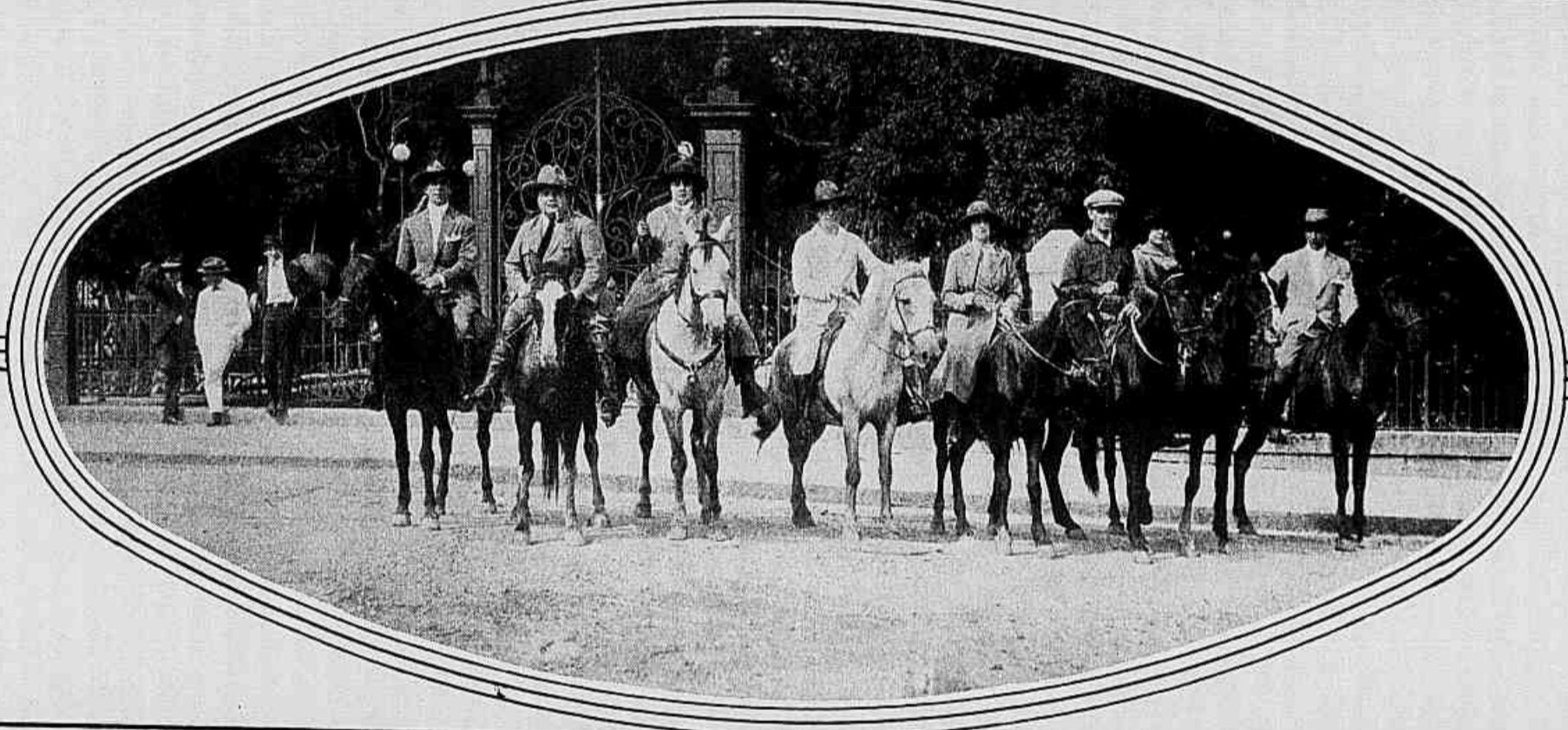
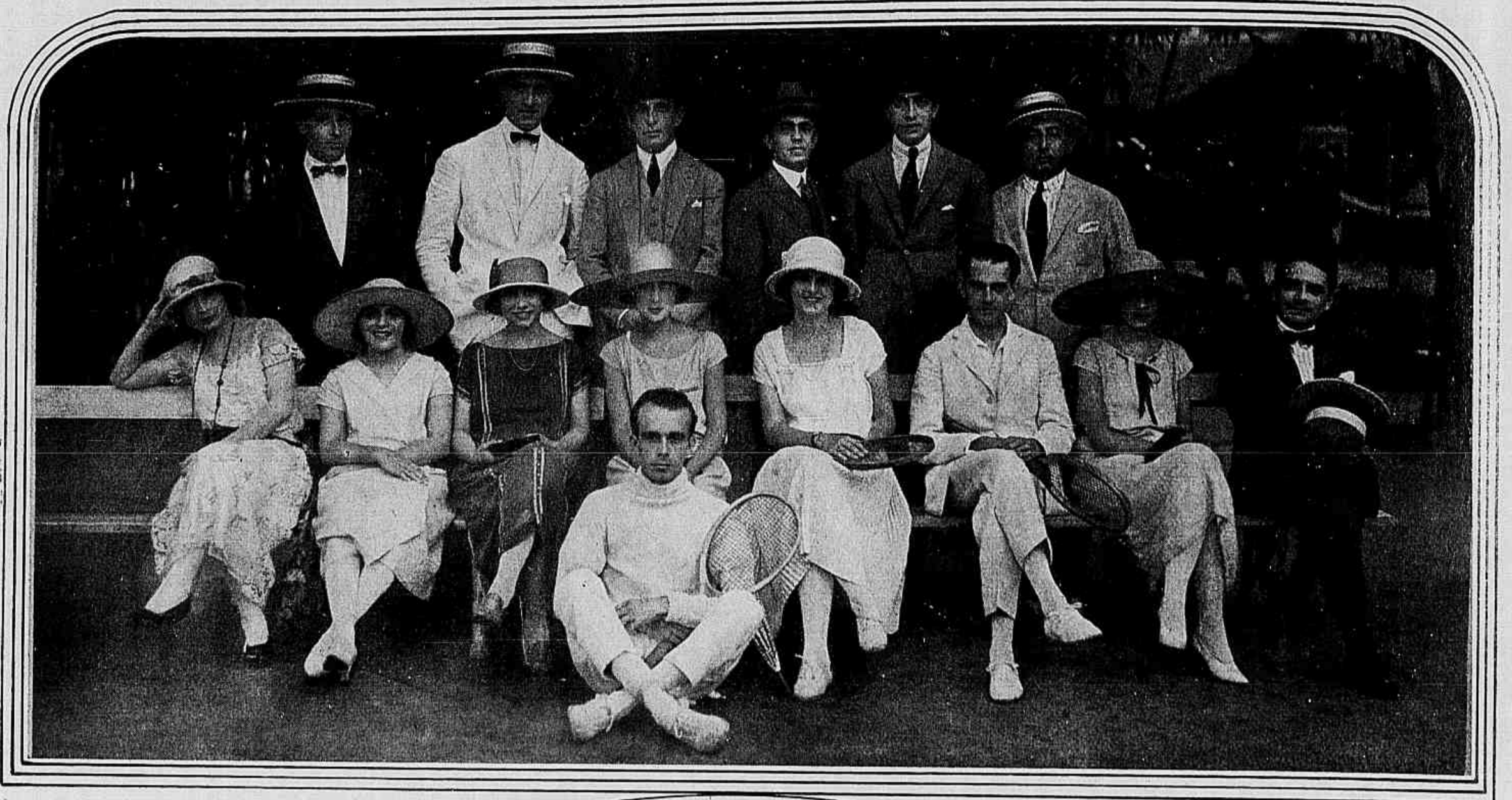
Assim como sois a prova viva e palpitante de um bello consorcio da Religião e da Patria, sêde tambem novos expoentes do valor, da coragem e do heroismo de nossos antepassados.

Quando nos máos dias de Athenas, a Republica estava em perigo, todos os cidadãos iam ao templo dos deuses protectores e batendo sobre seus escudos, exclamavam: Patria! Patria!

E' com iguaes sentimentos que, como elles, interessando-me por nossos destinos nestes dias angustiosos, eu vos digo, a meu turno, com os olhos voltados para Deus e para Christo, não sómente:— Religião! Religião! mas: Patria! Patria!"



NO PARQUE DE CAXAMBÚ



A ALTA SOCIEDADE DO RIO E DE SÃO PAULO EM CAXAMBU'

O lobishomem

de Raymundo Magalhães.



A primeira bodega que se abria, na feira do Jacaré, era a de *seu Bento*. Logo muito cedo, mal o dia começava a raiar, elle sahia de casa, embrulhado num cobertor de lã, por causa do frio cortante, escancarava as duas portas da frente, ia á *ancorêta* de cachaça, pousada em cima do balcão, tomava um *tronco*, para esquentar o corpo e ficava, por algum tempo, passeando dentro do *quarto*, á espera dos primeiros freguezes. Estes não demoravam a chegar. Eram, de ordinario, os mesmos: *seu Valdivino*, marchante, dono do açougue visinho, conversador inextinguível e cacete, depois de terceira golada; o capitão Mosqueiro, espirito alegre e vivo, grande contador de anedotas picantes, que, apesar de muito repetidas, arrancavam formidáveis gargalhadas; *seu Doca*, o mais moço de todos, prosador e poeta, que assombrava a terra com os seus violentos artigos politicos nos jornaes da capital e já era uma celebridade consagrada pelo *Almanach de Lembranças*. . . Tivera estudos. Toda a gente o considerava um moço preparado. Fazia graça de um grosseiro materialismo e, de vez em quando, atracava-se em polemica com o vigário da freguezia, um santo homem, muito ignorante e pobre de idéas, mas, por isso mesmo um santo homem, que tomava a peito converter o *hereje*. . . Só mais tarde chegavam o Bahé, o Januario, o Zé Preto, o velho Macedo, o Caboquim, e outros negociantes das immediações, que foravam uma grande *roda*, applicada, toda a manhã, até á hora do almoço, a beber copinhos de cachaça e a falar da vida alheia. . .

Quando *seu Bento* abria a porta, vinha de dentro do *quarto* um bafo morno, nauseante complexo, em que se misturava o cheiro de mil coisas heterogeneas: sardinhas seccas, jacas, rapaduras, fumo de corda, alcool, drogas, plantas medicinaes, queijos, alhos e cebolas brancas, bananas, atas, *avoantes*. . . Além de negociante de generos alimenticios, *seu Bento* era tambem muito entendido em assumptos de medicina caseira. Como na terra não havia medico nem boticario, elle desempenhava o papel de *curioso*: com o auxilio do seu bojudo Chernoviz, aconselhava remedios a quantos recorriam á sua experiencia, e dizia-se que estava só para tratar das *doenças do mundo*. . . Jalapa para estes, batata de purga para aquelles, gító ou velame, para aquelles outros, eram os seus remedios predilectos. Se não fizessem bem, não podiam fazer mal. Custavam pouco, mas esse pouco lhe bastava para ir vivendo folgadamente, em meio á sua vasta clientela.

Seu Bento era um bello typo de homem, muito branco, de nariz aquilino, com uma barba cerrada e longa, cujas pontas tinha o habito de retorcer, com arrogancia. Andava pelos setenta annos, mas ainda estava forte, esperando vi-

ver, pelo menos, o dobro. . . Extremamente desasseiado, sempre de *corrimboque* em punho, a fungar pitadas de tabaco, com um enorme lenço de ganga sobre um dos hombros, era uma figura pittoresca pelo seu modo de vestir. Quer de verão, quer de inverno, calçava tamancos e o seu traje compunha-se de uma calça de riscado e de uma camisa de madapolão, com as fraldas soltas que lhe alcançavam os joelhos. Nada neste mundo o obrigaria a *passar os pannos* ou a enfiar um *paletot*. Ia assim a toda a parte, á igreja como ao mercado, e, mesmo quando se faziam eleições, era em fralda de camisa que dava o seu voto ao governo.

Certa manhã, ainda *com escuro*, estava a rodinha formada, uns sentados no balcão, outros em caixas vacias de *gaz*. Era em Junho. Fazia um frio de bater o queixo. A cachaça corria com mais abundancia e a palestra augmentava de animação, á medida que os copinhos se repetiam. A *neve*, como lá se chama á cerração, era tão espessa que não deixava vêr nada a vinte metros de distancia. Por isso ninguem reparou na chegada do Zé Vicente, um lavrador da Pavuna, senão quando elle, depois de ter amarrado o cavallo á gamelleira da porta, entrou na bodega, muito maneiroso, dando os bons dias e apertando a mão de cada um.

Seu Bento quiz saber logo que novidade era aquella, porque apparecia elle assim de madrugada. Haveria doença em casa?

— Foi a mulher que quebrou o resguardo — explicou o Zé Vicente. Teve creança ha tres dias e estava passando muito bem, quando, hontem de noite, aconteceu uma desgraça. . .

— Que foi? que foi? — perguntaram todos ao mesmo tempo.

— Acho que foi um lobishomem. Pela meia noite, ouvimos um bicho rosar e arranhar a porta do quintal com muita força. A cachorrinha, parida de novo, deu logo signal do lado de dentro e o bicho largou um grunhido que nos encheu de pavor. Talvez seja um guaxinim, disse eu á mulher. Quiz-me levantar, sahir fóra, para vêr que *marmota* era aquella, mas a Maria não deixou. Depois, mais nada. A *Balcia* calou-se: Pegámos no somno e, hoje de manhã, ao despertar, verificámos que a porta dos fundos estava aberta e o bicho havia comido a ninhada de cachorrinhos, que estava na cozinha. A Maria jura que foi um lobishomem. Eu tambem acho que sim. O certo é que a pobrezinha tomou um susto medonho, quebrou o resguardo e, agora, está para morrer.

Seu Bento consolou o pobre homem sobre cujo lar desabava uma tamanha calamidade:

— Isso não é nada, Zé Vicente. Dá-se um geito. Tenha coragem e fé em Deus.

Consultou demoradamente o Chernoviz:

— O remedio é um purgante de Leroy ou então Agua Ingleza. Leve o *laruá* (era assim que elle pronunciava) leve o *laruá* e venha-me dizer, amanhã, se a mulher melhorou.

Ninguém se atrevia a interromper *seu* Bento, quando elle tratava da medicina. Quem o fizesse, imprudentemente, podia ter a certeza de que o velho *curioso* esmagal-o-ia com um olhar colerico e com esta simples apostrophe — Filho!... Filho, apenas. Não dizia de quem, mas todos sabiam o verdadeiro sentido daquelle palavra...

Zé Vicente guardou o remedio, pagou-o, despediu-se dos circumstantes e partiu a galope. Tomou-se mais uma rodada e os commentarios, então, esfusiamam.

— Santa simplicidade! — observou *seu* Doca — Quanta gente estúpida existe ainda por este mundo! Crêr em lobishomens e almas penadas, em pleno Seculo XX, no Seculo da Electricidade, só mesmo nesta infeliz terra! Mas, não pode ser de outro modo, porque o governo e a igreja, o nosso patriótico governo e a nossa Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, em vez de instruirem o povo, tratam de embrutecel-o, cada vez mais, para que elle permaneça, eternamente, a mesma besta, facil de governar com um freio — quer esse freio seja o terror do inferno, quer o terror da lei!

Calou-se, desolado, com aquelle desabafo, certo de que ninguém comprehendia a belleza do seu pensamento. Bebeu mais um copinho. Zangou-se, por se julgar um incomprehendido, no meio daquelles matutos broncos e passivos. E, de zangado, enguliu, logo em seguida, outro copinho. Irra!

— Esta mocidade de hoje — disse o velho Macedo — Esta mocidade de hoje não crê mais em nada. Por isso é que o mundo está perdido e acontece tanta desgraça feia... Se até os meninos como você, Doca, já são atheus, *maçons*, dizem que Deus não existe... Pois fique sabendo, moço, que Deus está lá em cima e que ha muita coisa, muita coisa... Almas do outro mundo, lobishomem, tudo isso é verdade. Eu nunca vi alma, mas lobishomem já topei um...

Explodiu uma gargalhada na roda. *Seu* Macedo, um velhinho pequenino, melgaço, de olhos azues, cabeça enorme, era conhecido como o maior mentiroso das redondezas. Não abria a bocca que não fosse para contar *historias de onça*, cada qual mais estapafurdia e ficava furioso, quando punham em duvida a sua palavra. Como, de resto, as suas mentiras não faziam mal a ninguém, não passando de arrojadas phantasias, todos gostavam de ouvi-lo e muitos o estimulavam a contar casos maravilhosos.

— Pois conte, lá *seu* Macedo, conte lá a historia do lobishomem. Vamos.

— Foi em Santa Quiteria, meninos. Vocês sabem que eu sou daquelle sertão, de onde vim para aqui na secca dos *tres sete*. Eu era rapaz moço, dos meus dezoito annos, e nesse tempo não tinha medo de nada. Corria atraz de boi no matto fechado, matava onça de faca, pegava cascavel pelo pescoço e quando ella abria a bocca para morder, cuspiam-lhe dentro mel de fumo. Depois soitava a cobra. Ella estrebuchava, estrebuchava, e morria. Eu era doido varrido... E se havia coisa que eu tivesse vontade de vêr de perto era um lobishomem. Se fosse possível, até pagava para me encontrar, frente a frente, com um bicho desses. Queria tirar-lhe o *encanto*. Como vocês sa-

bem, o lobishomem é perigoso, mas basta que a gente o fira, mesmo de leve, com uma faca, de ponta, para elle se desencantar. Pois bem. Parece que foi mesmo um castigo. Uma noite, escura como breu, eu vagueava sósinho, pelas ruas da villa, levando como unica arma uma faquinha de cortar fumo. um *quicê* à tóa...

Fui andando, fui andando, perfeitamente calmo, sem encontrar nada no caminho, a não ser uma ou outra rez deitada na rua e que se levantava á minha passagem. Cheguei assim até perto do patamar da matriz, quando um bicho medonho, quasi do tamanho de um jumento, com olhos de fogo e dentes enormes, se botou a mim, como se me quizesse devorar. Tomei um susto pavoroso. Pulei para traz como um gato. Só tive tempo de gritar pelo nome de Nossa Senhora e arrancar o *quicê*. O bicho estava em cima de mim, damnado. Mandeim-lhe o ferro de riço. As primeiras facadas perderam-se e o maldito, de uma tapa, arrancou-me o peito da camisa. Fugi o corpo de banda e toquei-lhe a faca mesmo com vontade. Nisto ouvi um grito horroroso, que me fez arrepiar os cabellos.

— Não me mate, *seu* Targino! Não me mate que eu sou a Joanna do padre Francisco.

Era a Joanna mesmo, minha gente. Estava diante de mim nua em pello, suja de terra, com o sangue a escorrer de uma facada do lado esquerdo. Eu tinha desencantado a *bicha*...

— E depois?

— Depois a Joanna confessou-me tudo. Era castigada, por ser amiga do visario, ha muitos annos. Todas as sextas-feiras, houvesse o que houvesse, tinha de cumprir aquella penitencia: sahia de casa, á meia-noite, e quando chegava a uma encruzilhada, tirava a roupa e espojava-se no chão como uma besta. Imediatamente, virava um bicho feroz e partia a galope para correr as cinco partes do mundo, até o dia clarear. Só de manhãzinha voltava a ser gente. Mas, agora, ficara livre de tudo, porque eu havia quebrado o encanto...

— Isso não foi sonho, *seu* Macedo? — perguntou um gracioso.

— Sonho? Eu tambem pensei que fosse quando acordei no dia seguinte. Mas, logo me convenci de que tudo era a pura realidade. Fui á casa da Joanna e encontrei-a muito doente, estirada numa rede. Dizia ella ás mulheres que estavam que lhe tinha dado uma dôr, de repente, numa costella, do lado esquerdo...

Mas, a mim, quando ficamos sós, pediu-me pelo amor de Deus, por alma de minha mãe, que não dissesse nada a ninguém. Jurei. E só agora, depois que ella e o padre já estão com os ossos brancos, é que eu me atrevo a contar a historia...

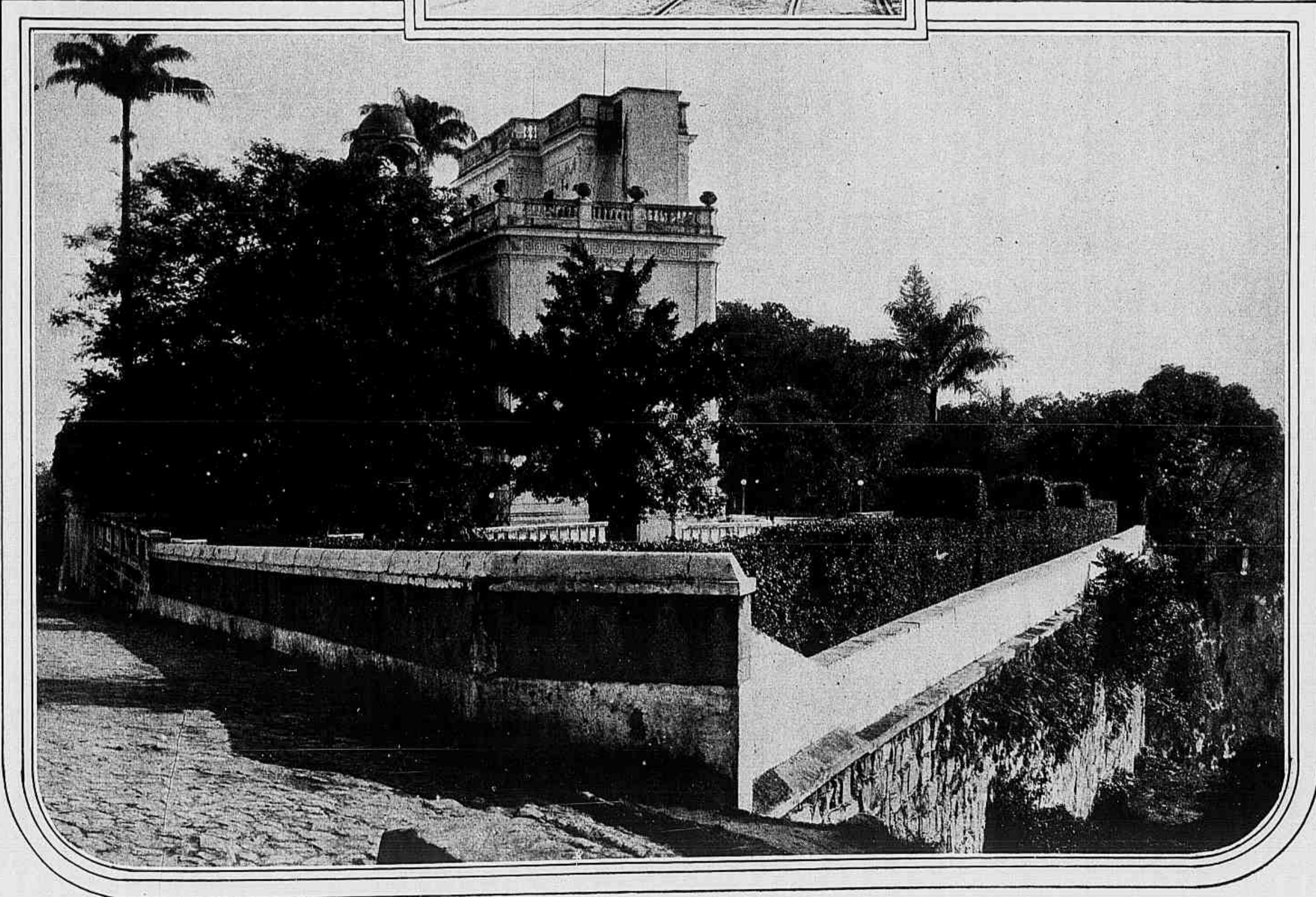
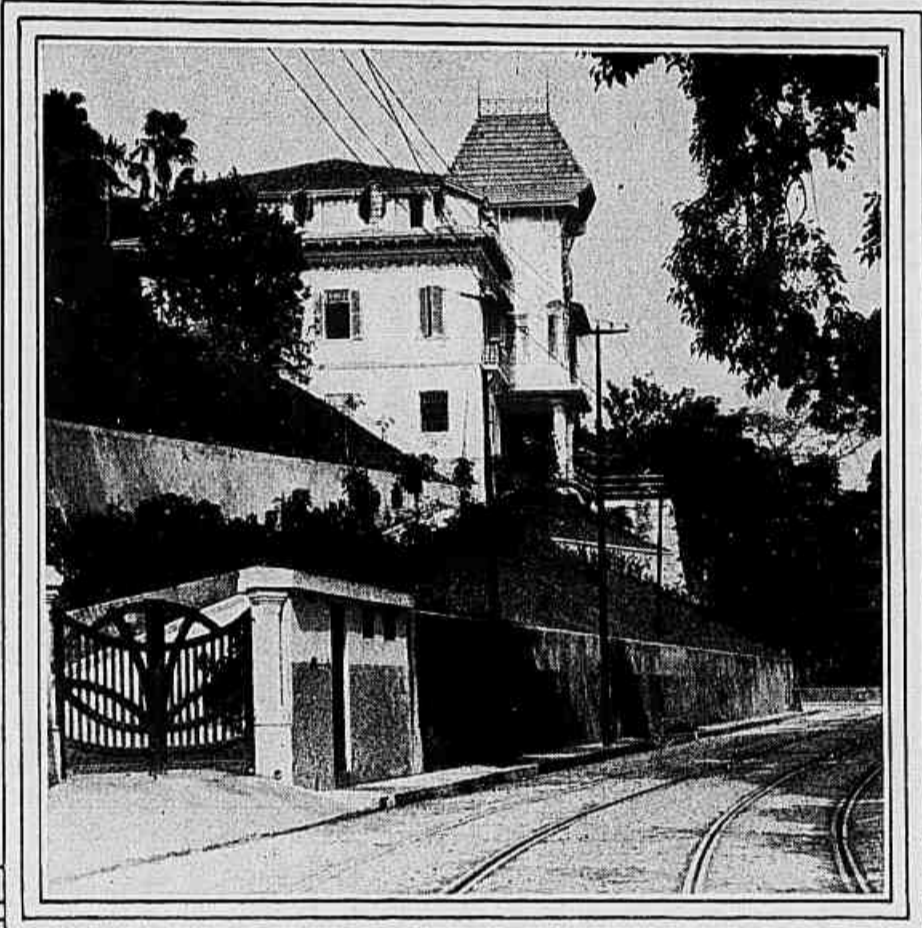
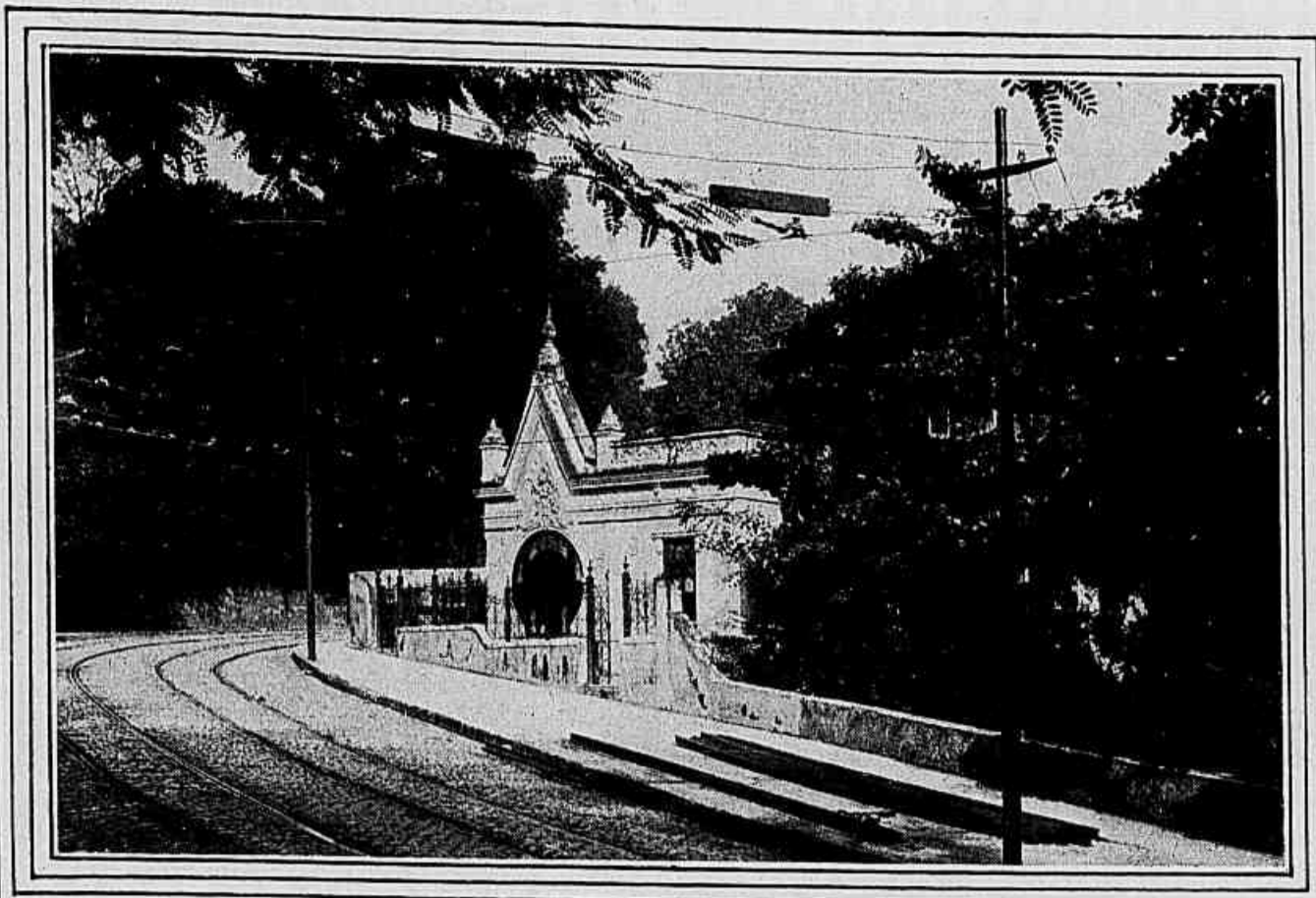
Acabou, triumphante. Tomou o seu copinho de cachaça e sahiu, tropego, apoiando-se á bengala.

— Cabra velho mentiroso! — disseram os outros em côro, mal o viram pelas costas.

— Mentiroso, sim, lá isso é — sentenciou *seu* Bento, gravemente — Mas, ninguém me tira da cabeça que, desta vez, o Macedo se esqueceu de mentir... Se essa historia não é verdadeira, já vi coisa parecida...

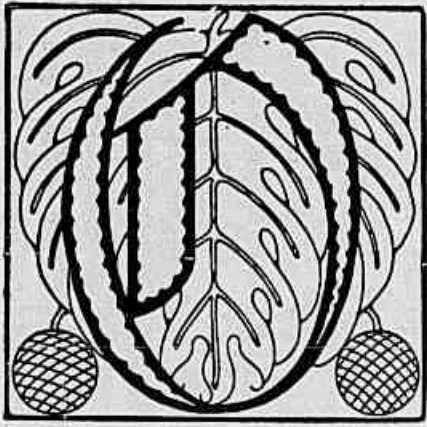
O RIO
QUE
REJUVENESCE

BAIRRO
DE
SANTA THEREZA



Kovas e Ecoos.

SOBRE A CONFERENCIA DE SANTIAGO



chefe da delegação americana na Conferencia de Santiago teve com o Sr. Gastão de Carvalho, representante d'*O País*, uma palestra sobre as suas impressões a respeito da notavel assembléa das nações americanas. Da correspondencia enviada por aquelle jornalista ao grande diario carioca, transcrevemos estes trechos:

“Hoje encontrei o Sr. Fletcher empenhado em uma partida de *golf* com o Dr. Ipanema Moreira, na *cancha*, de Los

Leones. No momento de descanso, após os cumprimentos com o chefe da delegação americana, este teve palavras de cortezia excessiva para o Brasil e para a sua imprensa.

Esquivou-se ainda outra vez de conceder uma entrevista; á vista, porém, de minha insistencia, fazendo ver a S. Ex. a importancia de algumas palavras suas serem motivo de satisfação e de grande curiosidade para o Brasil, resolveu, enfim, falar, procurando sempre não entrar em larga opinião.

A palestra foi aquecendo-se a proposito dos homens e das coisas brasileiros; e o Sr. Fletcher entusiasmou-se. Começando a entrar no assumpto, disse S. Ex. que o intuito da delegação norte-americana era contribuir para o verdadeiro pan-americanismo e para satisfazer os ideaes dos grandes e dos pequenos paizes, sob todos os pontos de vista. Os Estados Unidos têm igual sympathia para todos, sem distincção.

Estou certo, disse o Sr. Fletcher, de que todas as theses do programma da actual Conferencia Pan-Americana terão salutar resultado, pois todos os trabalhos das commissões marcham celeres para um entendimento que resolverá importantes problemas para a vida politica e economica dos paizes do Novo Mundo.

Mesmo que tal cousa não acontecesse, proseguiu o chefe da delegação norte-americana, resultaria da actual conferencia, pela aproximação de homens de responsabilidade, melhor entendimento mutuo, aliás já manifestado desde as ultimas conferencias, cujos frutos se estão agora praticamente concretizando.

Em abono desse ponto de vista o Sr. Fletcher referiu-se, com certa magoa, á falta de unidade de pensamento de alguns paizes americanos ácerca de problemas que interessam a communhão de todos.

A palestra proseguia animada e interessante para mim como jornalista empenhado em bem fornecer aos leitores d'*O País* a opinião do chefe da delegação americana, quando o Dr. Ipanema Moreira chamou o Sr. Fletcher para recommençar a partida do jogo.

O Sr. Fletcher que, por sua vez já se mostrava interessado com o assumpto da palestra, pediu ao seu amigo mais dois minutos.

A attitude de S. Ex. encorajou-me a abordar um assumpto mais importante e que culmina dentre os demais tratados no programma da actual conferencia.

Queria referir-me á questão dos armamentos, cujo interesse avulta em relação ao Brasil e seria valioso conhecer a opinião do chefe da delegação americana sobre o problema do desarmamento aventado pelo presidente Alessandri.

Animei-me e fiz a interpeção quasi ex-abrupto sobre as idéas de S. Ex. ácerca da questão.

O Sr. Fletcher, desde que aqui chegou, tem-se fechado na maior reserva sobre este caso. Ainda ninguem conseguiu arrancar de S. Ex. qualquer declaração positiva sobre o modo pelo qual agirá a delegação sob sua chefia quando se aventar o problema na conferencia.

O Sr. Fletcher, logo após a minha interpeção, sorrindo, como quem já esperava pelo ataque, mostrou-se optimista e assegurou-me que tudo se resolveria da melhor maneira, acrescentando ainda que a não ser assim isto viria de encontro ao motivo da conferencia, de onde só deve sahir confraternização e nunca mal-entendidos prejudiciaes ao engrandecimento das nações que hão de deslumbrar o mundo com a pujança e vitalidades da natureza, intelligencia, valor e intrepidez de seus filhos.

Os trabalhos da Conferencia Pan-Americana, como se tem visto — disse S. Ex. — transcorrem na mais franca cordialidade.

Já os dois minutos concedidos pelo Dr. Ipanema Moreira se haviam decorrido e em um relance de olhar o Sr. Fletcher notou, com pesar meu, que o Dr. Ipanema aguardava a sua pessoa, afim de proseguir a interrompida partida de *golf*.

Não querendo fazer o seu amigo esperar por mais tempo, o Sr. Fletcher terminou a sua conversação, afirmando a fraternal sympathia e amizade dos Estados Unidos da America do Norte, para com os Estados Unidos do Brasil, este olhado sempre pelos *yankees* com justificado orgulho das Americas.

Disse mais que de sua parte demonstrará essa sympathia de seu paiz pelo nosso quando regressar a Washington, pelo Atlantico, e puder permanecer no Rio de Janeiro alguns dias a enlaçar em um abraço amigo o governo e o povo brasileiros.

Já de pé, o Sr. Fletcher apertando-me a mão, disse:

“Diga para o *Paiz*, que o Brasil não terá motivos de se aborrecer com o seu comparecimento á 5ª Conferencia Pan-Americana, de onde todos sahirão satisfeitos.”

E o chefe da delegação americana despediu-se com um sorriso significativo.

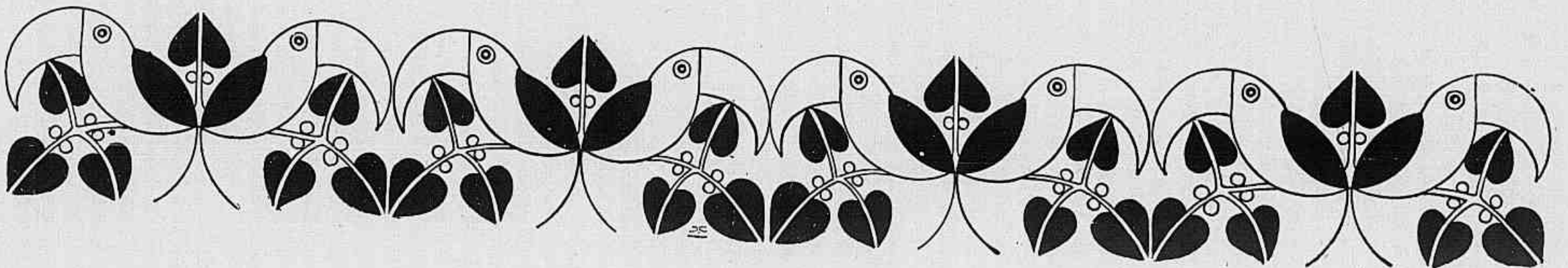
Isto póde ser tomado como um augurio confortador, transmitido por quem quer ser entendido em meias palavras.



O “BULLETIN OFFICIEL DE L'UNION SYNDICALE ET
FÉDÉRATION DES SYNDICATS DES MAITRES
IMPRIMEURS DE FRANCE” PUBLICOU
NO SEU ULTIMO NUMERO:

L'Illustration Brésilienne. — La direction de *L'Illustration Brésilienne* (*Illustração Brasileira*, Rua do Ouvidor, 164, Rio de Janeiro), a eu l'obligeance de nous faire parvenir les magnifiques publications illustrées qu'elle a éditées pendant les mois de Septembre, Octobre et Novembre 1922, pour fêter le centenaire de l'indépendance du Brésil. On sait que le Brésil, qui était une colonie Portugaise, ne pouvant se résigner a ce rôle dépendant, se sépara en 1822 du Portugal et proclama empereur l'ainé des princes royaux de la maison de Bragance, sous le nom de Pedro I. La République y fut proclamée en 1889.

De grandes fêtes ont eu lieu l'an dernier, au Brésil, pour célébrer l'indépendance. Le Directeur de cette publication a tenu a montrer les résultats des efforts accomplis depuis cent ans par le Brésil dans les divers domaines économiques, littéraires et artistiques. Les magnifiques illustrations contenues dans les trois fascicules de cette revue reproduisent les oeuvres des peintres et sculpteurs les plus remarquables du Brésil. Nous devons ajouter que ces publications témoignent de l'état de perfection auquel sont parvenues les Industries du Livre au Brésil, qui ne le cedent en rien aux plus belles impressions européennes.





GEORGINA
ALBUQUERQUE

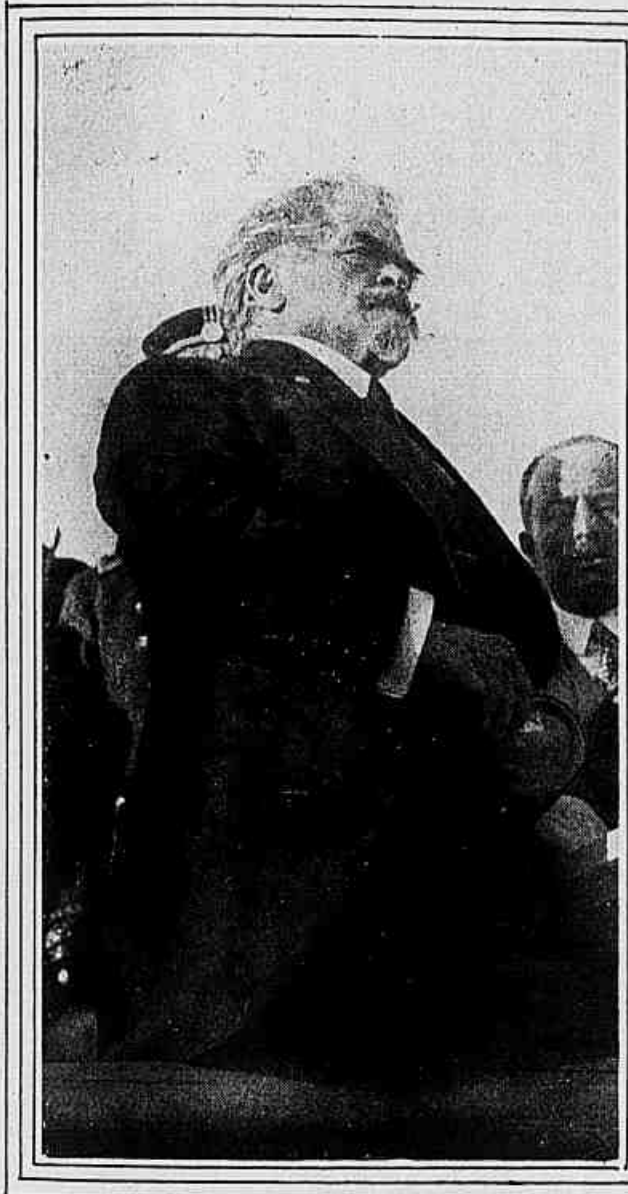
MANAÇA

SALÃO
1922



O SR. DR. JOSÉ SERRATO LENDO, NA CAMARA

DOS DEPUTADOS, O PROGRAMA DO SEU GOVERNO



O POETA ZORRILLA DE SAN MARTIN
PRONUNCIANDO O SEU DISCURSO DE
INAUGURAÇÃO DO



MONUMENTO DE ARTIGAS



SOLEMNEMENTE ENTREGUE À CAPI-
TAL DO URUGUAY PELO EX-PRESIDENTE
DR. BALTHAZAR BRUM.

NA
CIDADE
DE
MONTEVI-
DÉO



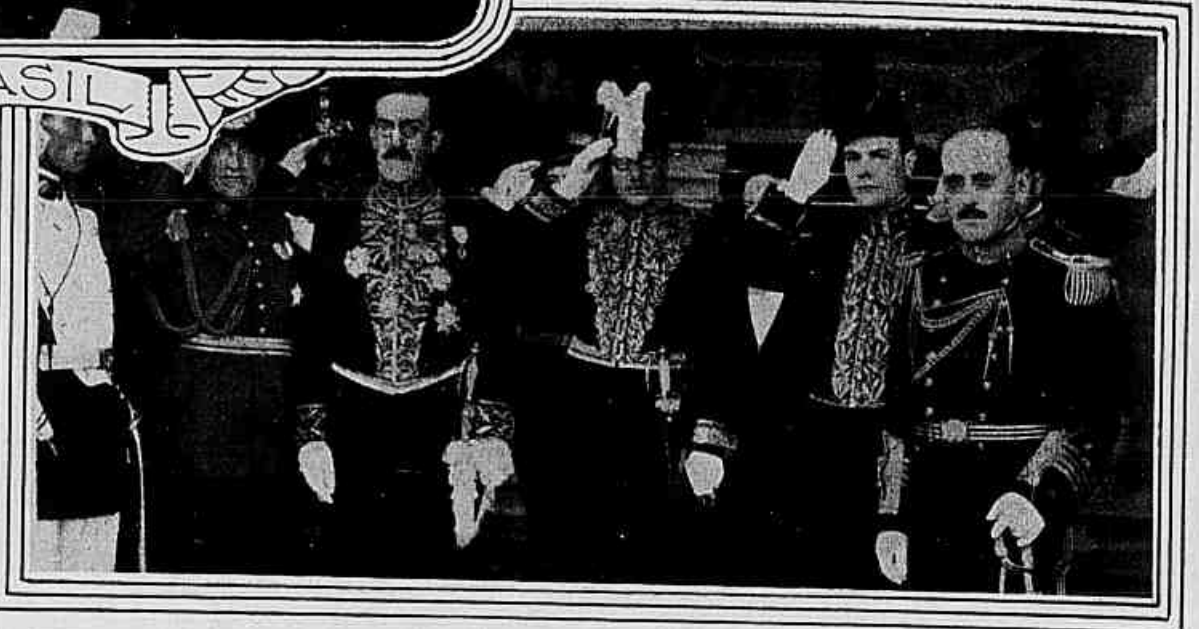
A POSSE
DO
PRESIDENTE
JOSÉ
SERRATO

NA CIDADE
DE MONTEVIDÉO

A POSSE DO PRESI-
DENTE JOSÉ SERRATO



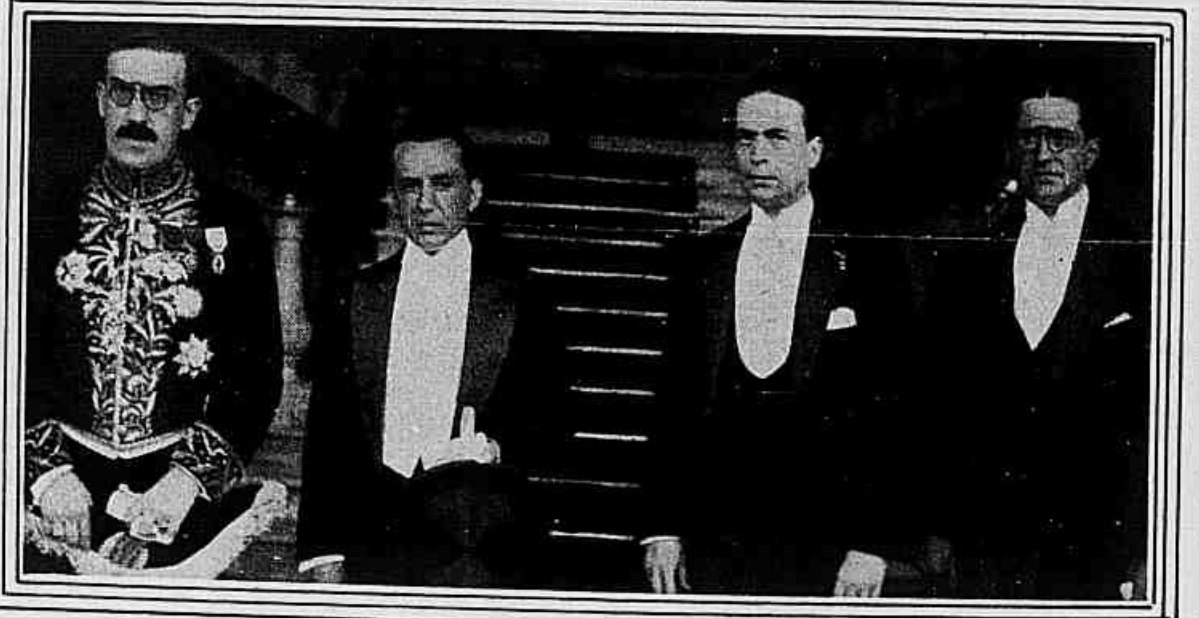
EMBAIXADA ARGENTINA



EMBAIXADA DO CHILE



EMBAIXADA DA BOLÍVIA



EMBAIXADA DO PERÚ



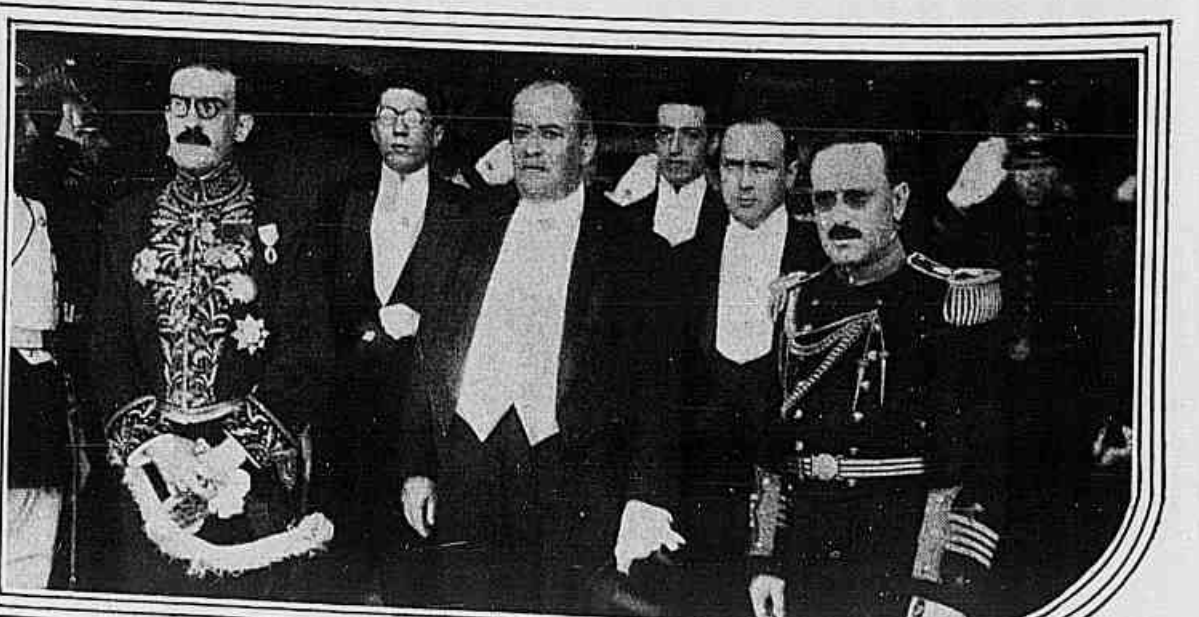
EMBAIXADA DO PARAGUAY



EMBAIXADA DA COLOMBIA



EMBAIXADA DA GUATÊMALA



EMBAIXADA DO EQUADOR

NA CIDADE
DE MONTEVIDÉO

A POSSE DO PRESI-
DENTE JOSÉ SERRATO



EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

EMBAIXADA DA GRÃ-BRETANHA



EMBAIXADA DE HESPAÑA

EMBAIXADA DE FRANÇA



EMBAIXADA DA ITALIA

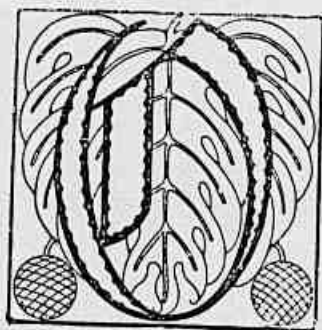
EMBAIXADA DA BELGICA



EMBAIXADA DE PORTUGAL

EMBAIXADA DA SUECIA

Homem que andou muito... *de Carlos Drummond*



homem que andou muito era um bello homem, de cabellos louros e pensamentos leuros. Vestia uma tunica branca, tinha mãos esplendidas e gestos rhythmicos. Amava a agua harmoniosa dos rios, a curva torcicolante dos caminhos, o brilho longe das estrellas. E era feliz, de uma felicidade repousada e quieta. Sonhava de olhos miraculosamente abertos, e cantava nos crepusculos côr de sangue e ouro.

Um dia, ou fosse tédio ou fosse ideal, esse homem poz-se a caminho. D'antes, contentava-se de errar a esmo, pelos arredores floridos de sua vivenda. Naquelle dia, partiu, sem rumo certo, sem destino. E andou. Foi adormecer para junto de uma pedra, onde reclinou a cabeça louira, descansando. Na manhã seguinte, entreabrindo as palpebras, deu com um vulto de mulher, que o contemplava, sorrindo. Tão linda! Tão linda! Abraçaram-se e foram seguindo, risonhos e unidos. Jam cantando. Não tinham pressa, porque não sabiam correr. Caminhavam serenamente, como por uma velha estrada conhecida. A' beira de um lago em que palpitava o reflexo tremulo dos chorões, o homem encontrou uma nova mulher. Era bella como a primeira, mas de uma belleza diferente. Ouvindo-os cantar, ella sorriu e os acompanhou. Já se sentiam menos sós; eram tres agora, e todos tres muito felizes, muito contentes. Riam para tudo. Riam até para as serpentes, e as serpentes não o picavam. Nem havia pedras que lhes sangrassem os pés nus.

Oh! A dogura d'aquella caminhada preguiçosa, através de bosques e collinas, dentro da natureza e dentro da vida! Todos a sentiam, era certo; e todos a manifes-

tavam em canticos. A' proporção que se adelantavam, esses cantos eram mais melodiosos e mais sentidos. A alma fugia-lhes da bocca...

A' sombra de um carvalho solitario, outra mulher se lhes ajuntou. Differente das primeiras, e bella ainda. E a essa mulher se seguiram outras, varias outras. Já o bando era uma chusma de corpos, e sempre alegre, como nos primeiros dias. Cantavam os poentes que incendeiam o céu num fogo de rubis, e as alvoradas fascinantes, e os sóes a pino dominadores. O homem seguia na frente, sereno, glorioso. Mais parecia um deus pagão. E a caravana maravilhosa marchava e sorria. Punha-se em extase deante da lua, levantava hymnos ás nuvens, belleza errante dos céos...

Um dia qualquer coisa de máo aconteceu ao homem louro que encantava as mulheres. Foi doença, foi talvez febre. Levaram-n'o para um recanto sombrio, onde as arvores se abraçavam, de unidas. E ahí, sob a paz das folhas, todos ficaram mudos...

Já cinco annos durava aquella jornada, e não havia sombra de cansaço. O precursor era ainda o mesmo homem de mãos esplendidas e gestos rhythmicos. Mas adoeçera, estava desgraçadamente á morte.

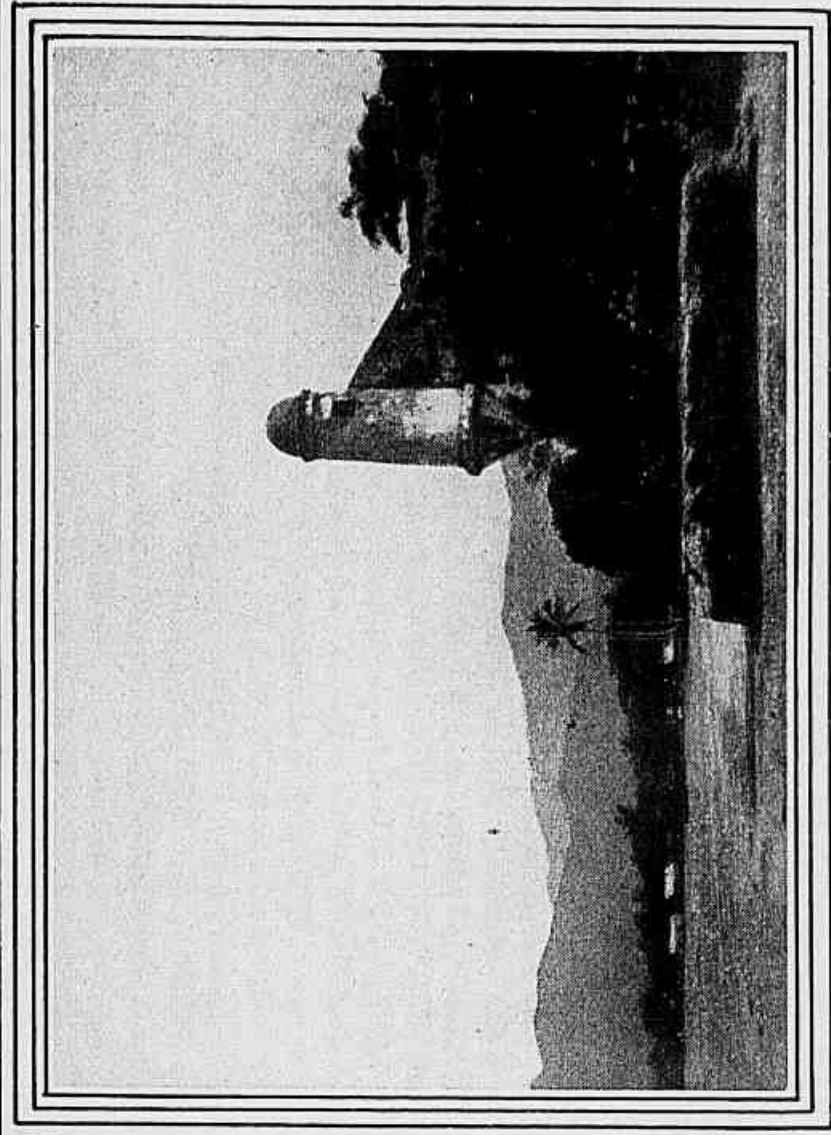
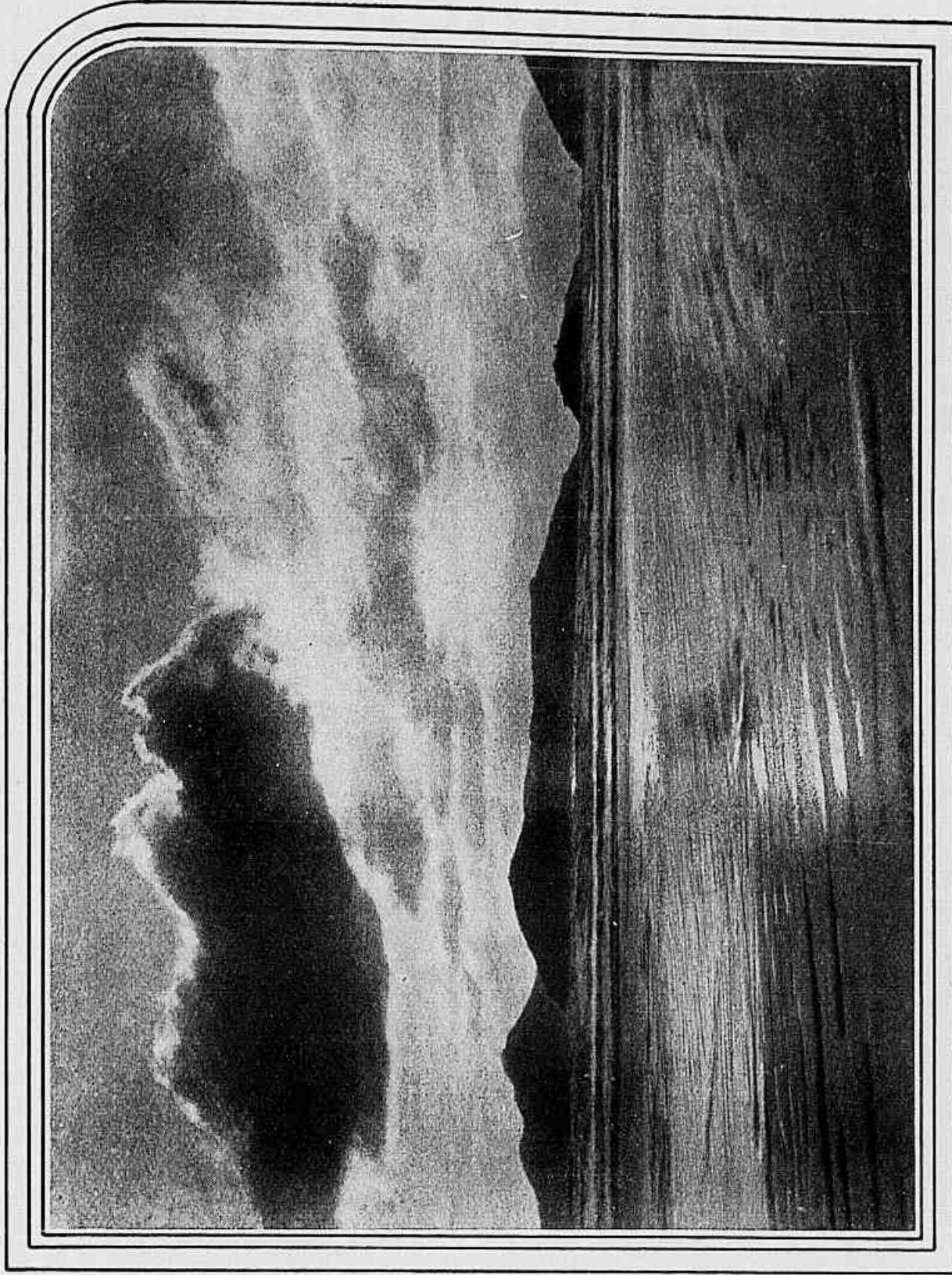
Olhou, com lentidão, as figuras luminosas que o rodeavam, como num sonho bom. Sorriu, mas tristemente. Ia morrer. Cerrou os olhos, silencioso, e morreu.

As mulheres, allucinadas, olhavam o cadaver, estalando de dor, e assombradas. Levantou-se uma, e perguntou, num choro lento:

— Como se chamava elle? Como se chamava elle? Era tão bom!

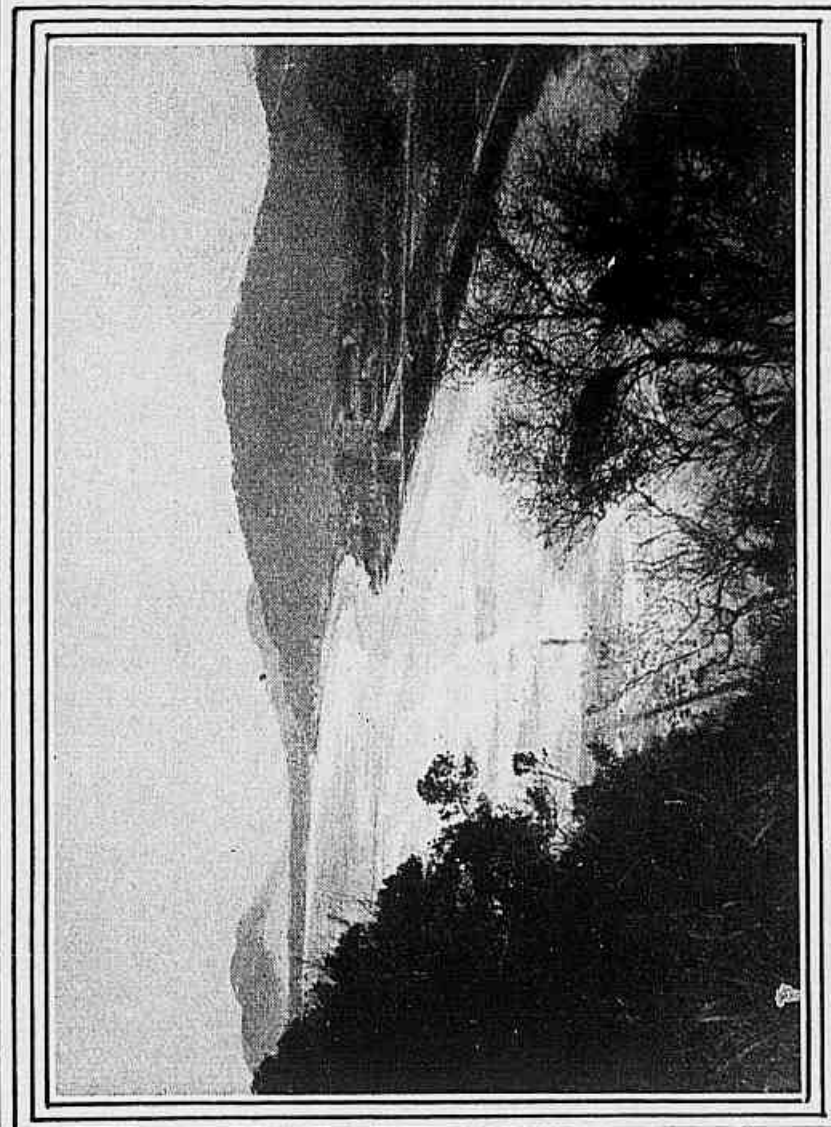
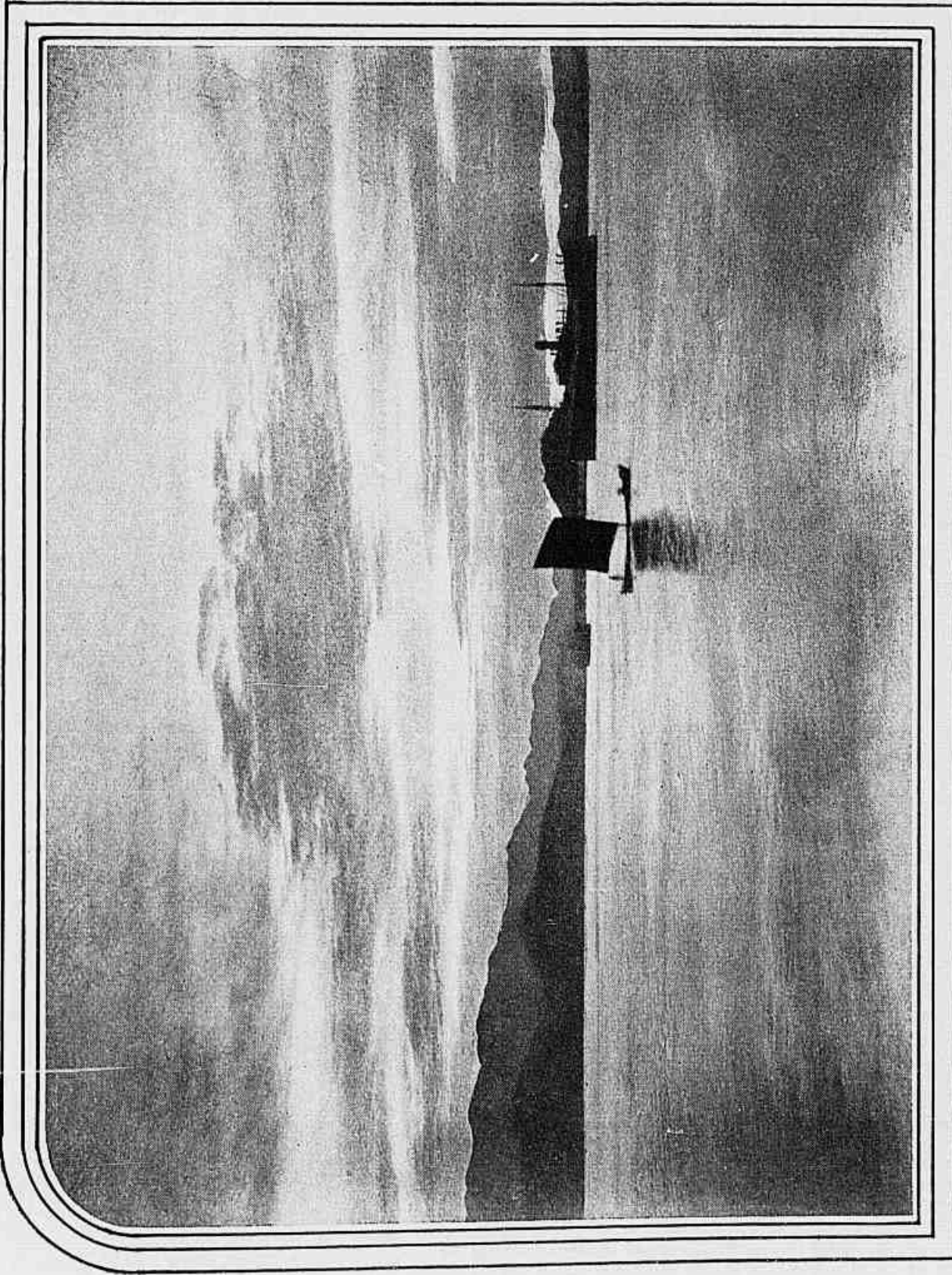
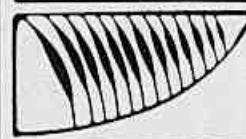
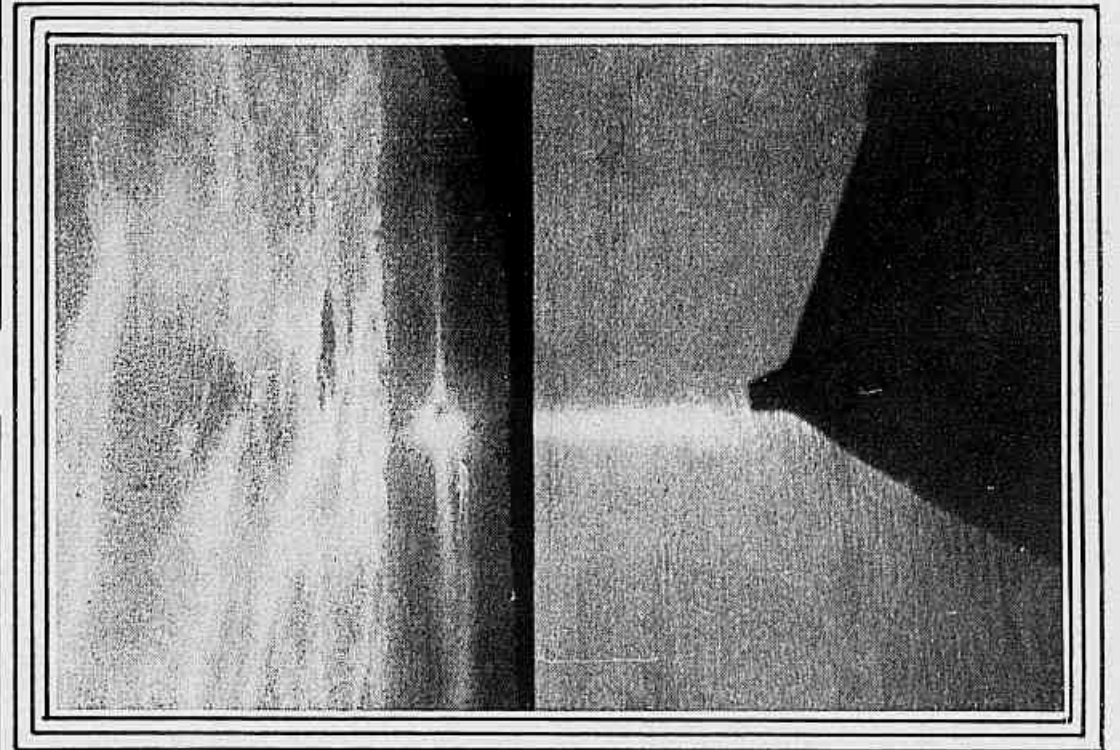
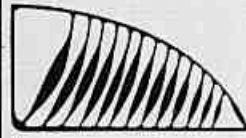
E nenhuma dellas sabia...

("Teia de aranha")



SANTOS

A CAMINHO DE BERTIOGA — RUINAS DA FORTALEZA DE BERTIOGA



SÃO PAULO

UMA AURORA — UM PÔR-DE-SOL — PRAIA DE GUARUJÁ

Infancia, Primavera da Vida

por Oswaldo Orico



UM dos fascinantes capítulos de sua obra de amavel pensador confessa o sr. Graça Aranha não assistir a ninguém o direito de explicar a alma das raças, sendo tudo mysterioso e vago na psychologia das collectividades. Como explicar, pois, o segredo que não deixa de existir

na alma das creanças dessas raças?

Como e por que modo tentar-lhe a revelação, se elle deve ser muito mais subtil no espirito da infancia, tocado por essa mutavel alegria dos inquietos, do que, por exemplo, na adolescencia mal definida, porém já caracterizada? Ha, todavia, uma predestinação que não seria possível desconhecer. Ha uma fatalidade que não seria licito negar. Pelos bondosos elementos; com que a historia nos brinda, é possível, mesmo, o traço de conjecturas que hão de ter, pelo menos, uma verosimilhança.

A legislação de Lycurgo, terrivel nos seus desígnios contra as creanças enfermas e doentias, fez com que a infancia de Sparta fosse um paraíso de meninos sadios — paraíso que deu homens de uma virilidade invejavel e mulheres como Atalanta, que geraram varões como os de Salamina.

Mais tarde, quando se quebrou o encanto da velha patria jonica, e o mundo se transportou para a arguta faixa de terra á beira azul do Latio a que Romulo deu o mais precioso de seu engenho, havia na infancia romana o germen da forte expressão de egoismo, que foi o talisman dos povoadores da Gallia e vencedores de Carthago.

Poder-se-ia afirmar, contemporaneamente, ser a creança de cada paiz o primitivo reflexo da actividade de cada homem que habita esse paiz.

Assim, aproveitando a lição que transmite o estetha de "Chanaan", seria possível afirmar que dos traços definitivos do espirito de energia dos inglezes, da intelligencia elegante e clara dos francezes, da exaltação artistica dos italianos, do ingenuo e mystico pensamento dos hespanhoes ha noticias nas primeiras revelações da infancia de cada um desses povos, como ha noticias também da melancolia, que parece ser a característica dos portuguezes, e é tão palpitante nas creanças de Portugal...

A essa melancolia e áquellas outras qualidades de espirito corresponde, no Brasil, a virtude da imaginação. Sem conseguir vencer o elemento physico, o homem brasileiro vale-se da imaginação para vencer-o ou diminuil-o. E a natureza, a que voluntariamente se escravisa, dá-lhe um estado de perpetuo deslumbramento e infatigavel magia. Esse estado da alma é tranmittido aos filhos do paiz, que se educam logo na mesma festa de amor pela terra nativa. É um predestino. E desse predestino fala-nos com tanta doçura o sr. Graça Aranha, que vale transcrever seus conceitos nesta breve noticia sobre a alma da infancia brasileira, tão luminosa é a synthese com que elle a definiu.

"... E também nesse mysticismo physico da grandeza da terra estão as raizes de exaltado patriotismo, que se vae transmittindo ás gerações e dá logo á aurora da infancia essa illusão nacional que enche a creança brasileira do orgulho da luz, do ceu, das estrellas e das outras expressões da natureza patria. Para uma creança brasileira tudo da sua terra é superior a tudo das outras terras. O Brasil é o paiz

dos maiores rios do mundo, da mais bella bahia, e o Pão de Açucar a mais elevada montanha do globo. E quando a creança percebe o seu erro, chora amargamente essa decepção infligida ao seu patriotismo. Mas a illusão da grandeza nacional lhe persistirá fecunda no espirito. E, mais tarde, fiel á miragem, a creança se tornará o homem ávido de alargar ainda mais a immensidade da terra brasileira. Eis-aquí, nesses magnificos periodos, uma sábia lição de psychologia da nossa infancia, descuidada no intimo deslumbramento de que adivinha existir.

Ora, para os fins de educação intellectual, os mestres devem ser como os clinicos para os fins de educação physica. Em primeiro lugar, é preciso conhecer a estrutura das creanças. Assim como seria condemnavel ao facultativo receitar sem conhecer o intimo de cada um desses pequeninos seres que mal se exprimem, não deixa de o ser, também, em se tratando de educadores de almas jovens. No primeiro caso é necessario o conhecimento do corpo; no segundo, é imprescindivel o conhecimento da alma.

Eis porque o mester de orientar exige, no caso, uma sensibilidade poderosa.

Antes de indicar a solução para o problema do ensino primario, compete aos que se propõem o officio de pediatras de pequeninas almas penetrar o segredo das creanças de cada nação e adivinhar o que ellas necessitam para o desenvolvimento do espirito, afim de que se não venha a incidir no conceito luminoso que, ha mais de um seculo, levava Pestalozzi a afirmar que a escola de seu tempo fizera um mal á sua geração, proporcionando conhecimentos sem crear aptidões.

Faz-se mister, antes do mais, para o desempenho da alta e nobre missão do magisterio, ouvir a voz da experiencia e a da sabedoria que nos transmittem esses luminosos pensadores que, á semelhança de Bacon, tinham a educação como a arte de conservar uma perfeita harmonia entre o espirito e as cousas.

Esse argumento é que servirá de marco ao inicio destas considerações.

Antes de preparar ambiente á disseminação de uma cultura artificial e ficticia, é necessario que se estabeleça a harmonia entre o espirito da creança brasileira e as cousas que a cercam.

Afirmava João Baptista Dumas que, na natureza, mais do que nos livros, é que devemos buscar inspiração... Não foi o homem que inventou a physica, diz elle, foi a natureza que surpreendeu o homem, dando-lhe as observações do acaso de que elle tirou o fundo de suas idéas.

Para os nossos discentes a natureza deve ser o livro aberto ao preparo de sua energia, para que se lhe afigure estar vendo nos motivos que se distendem aos seus olhos o colorido daquelles outros motivos de que "Robinson" é mais que um formidavel indice.

O grande problema da pedagogia moderna, ao contrario do que pensam tantos apedutadas mal-avisados, não é o de semear em cada canto uma escola primaria; é o de encaminhar as creanças para o conhecimento das cousas, sem repetir o velho e gasto processo dos methodos inuteis, que serviram por tantos anno, a deformar a intelligencia infantil.

Toda creança tem a imperiosa necessidade do movimento.

A inquietação é a característica. E, no entanto, o processo educativo que mais se applica, actualmente, nas escolas primarias do Brasil, é uma reacção contra

(Termina no fim da Revista)

Obra completa de Pedro Ballela



guarda dissera-lhe que se podia ir embora. Turibio mirava-o, olhos abertos e fixos. Tinha uma expressão de doido. Ia para perguntar o quer que era, mas, a um movimento do outro, deteve-se, humilde. O guarda deitou-lhe a mão ao hombro, muito calmo:

— Anda, põe-te lá fóra...
— Lá fóra...

Os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente. Hesitava; afinal decidiu-se:

— Lá fóra — e indicava a porta aberta, dando para o pateo. — Lá, na rua?

— Na rua, sim... Anda, põe-te lá fóra.

Turibio passava a mão pela cabeça, olhava estupidamente. Desceu a mão pela nuca, passou-a pela barba hirsuta e crescida. Olhava. E arriscou umas palavras, a medo:

— Posso ir para casa?

O outro desatou a rir:

— Como é? Para casa? — e ria-se — Queres ir para casa, não é?!

E achava-lhe graça. Queria ir para casa; era boa! Veiu-lhe um acesso de tosse. E repetia:

— Com que então queres ir para casa, hein?

Turibio calara-se, cabeça baixa. Esteve assim um pouco; levantou a cabeça por fim:

— Não, senhor... — e desculpava-se, muito humilde. — Não queria ir para casa. Ia, mas era se V. S. me desse licença... — e aparentava um sorriso; as palavras saíam-lhe a custo. — Não era porque eu quizesse, não senhor; — embargava-se-lhe a voz na garganta — ia porque V. S. me estava mandando embora. Mas V. S. desculpe...

Falava como uma pessoa a quem se acenasse com uma esperança para fazê-la desaparecer desde logo. E repetia com a voz estrangulada:

— V. S. desculpe... Pois se eu nem me quero mais ir embora!

O guarda tinha os olhos cheios de lágrimas, á força de rir. Queria ir para casa, o diabo do homem! Enxugou os olhos, levou o lenço á bocca. E, agarrando-o por um braço:

— Queres ir para casa, não é? Pois vae...

Tossia; levou outra vez o lenço á bocca:

— E' boa! Pois vae... Vae, se a encontrares! O que é preciso é que te não demores por aqui. Põe-te na rua, anda!

Empurrou-o, bateu-lhe a porta nas costas. Turibio ficou parado, no pateo, a olhar para fóra. Deu uns passos, correu os olhos pelas paredes, altas, distantes. Moveu os braços, respirou forte. Para lá da porta ficava a sala de espera, vasta, caiada de novo. Elle atravessou-a. Mas, pelo corredor ao lado, vinha um sujeito de olhos. Turibio parou, tímido. Não fosse elle mandá-lo para dentro. E ficou á espera, tremulo, resignado.

O sujeito vira-o, acenava-lhe com a mão:

— Seja feliz, hein, irmãozinho; seja feliz! Veja se nos não torna a occupar.

Elle acompanhava-o com os olhos, indeciso, surpreso. D'um banco proximo, agarrado á parede, meio occulta pela sombra, surdiera uma figura esquelética de mulher. Embrulhava-se n'um chale, tinha um pequeno ao colo. E foi para o dos olhos; cumprimentava com a cabeça, a fala em pranto, os olhos cheios d'agua:

— Senhor doutor... Eu vinha para visitar o 18...

— A's terças, filha; ás terças é que são as visitas. Está lá na porta; é a ordem... Venha depois de amanhã. E' a ordem; ás terças é que são...

E sumiu-se por uma porta. A mulher teve um gesto de desanimo; ageitou o pequeno ao hombro, poz-lhe o chale pela cabeça, e sahiu. A' frente da casa, o jardineiro regava duas enfezadas palmeiras, em tinhas, irrompendo dentre moitas de tinhorões rubros. Turibio seguira; desceu os dois largos degrãos de pedra da entrada, pisou o cascalho do jardim. Ia para transpor o portão, mas o jardineiro detivera-se e olhava-o. Elle arriscou um cumprimento:

— Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias, patrão!

— Deus o salve a você! E que permita que nunca mais o vejamos cá por casa...

Turibio agradecia:

— Muito obrigado ao senhor! Deus que o permita! — e enchia-se de coragem: — Deus que o permita... Olhe, muito obrigado ao senhor!

Sahi; mas da rua voltou-se ainda para traz. O jardineiro curvara-se, cuidava plantas. O sol cahia do alto, rutilo, sobre o aspero cascalho lucido do jardim. Perto, ao alto do morro, badalavam sinos; e da capellinha para cá derramava-se o casario do povoado, atabalhoadamente, pintalgado de cores vivas. Turibio mirava a casa. Ha doze annos era acanhada e humida; pelo telhado limoso e negro, á sombra de copadas arvores, desoladas plantas rachiticas finavam-se, baldas de calor. Agora, erguia-se para o sol, vasta e nova. E ás janellas, as grades de ferro tinham uma coloração artistica de bronze.

Abanou a cabeça; olhou ainda um pouco. Seguiu afinal. Ia embora. O jardineiro, porém, vira-o parado, e teve uma idéa. Correu á porta, chamou-o:

— Eh lá, ó amigo! — e gritava — O' amigo! — e, sardonico: — Onde diabo vae você assim?...

Elle parou. Fez-se-lhe um nó na garganta. Uma coisa gélida subia-lhe, rapida, á cabeça. Tremiam-lhe as pernas.

— O' amigo! Olhe, faça favor...

Turibio veiu. O que elle entrevira ha pouco, o que elle sonhára, tudo lhe desabava de repente. Sentia-o ruir no cérebro. Veiu, não porque o quizesse; as pernas traziam-n'o, máo grado seu. Entrou. Tinha as feições desfiguradas. Passou a manga da camisa pelos olhos; ia para subir os dois largos degrãos de pedra. O jardineiro agarrou-o:

— Onde diabo vae você, homem?

Turibio sacudiu-se num impeto, para se desvencilhar do outro:

— Vou pr'a cima... Lá pr'a cima...

E num desabafo:

— Lá pr'a cima, pr'a o inferno!

— O' homem de Deus! — e o jardineiro parecia arrependido de o ter chamado. — Que pensa você que a gente lhe quer? — o outro olhava-o; não comprehendia coisa nenhuma. — Você quer ir embora, quer? Se quer, olhe que já aqui não está quem falou... Co'os diabos! A gente até se arrepende de lhe querer fazer bem!

Fazer bem; queria-lhe fazer bem. Turibio ficou olhando, calado. O jardineiro falava, batendo-lhe no hombro:

— Vae você por ahi, sem casaco e sem chapéo; a gente chama-o, e põe-se você com essa cara que até dá vontade de lhe voltar as costas, para a não ver.

E elle recordava-se. E', ia por ali sem casaco e sem chapéo. Mas tinha-os em casa. E concordava:

— E', vou... Mas tenho-os em casa.

— Em casa, onde?

— Em casa, lá em casa...

O outro sacudiu a cabeça:

— Qual! você até parece que não entende das coisas... Que casa é que você tem? onde é? Que diabo é que você tem casa?

— A minha roupa... — e como se lhe houvesse recordado alguma coisa melhor — a minha filha!

Enchia-se-lhe o rosto de jubilo, áquella idéa da filha. Brilhavam-lhe os olhos. O jardineiro fitou-o; talvez duvidasse da seriedade do que elle estava dizendo. E não lhe tirava os olhos de cima; não lhe perdia uma contracção, um movimento. Afinal:

— Você está falando sério?

Turibio nem lhe escutára a pergunta. Repetia muito baixo, sómente para si:

— A minha filha!

O outro teve um gesto de piedade:

— Olhe, 22, venha cá... — e passou-lhe o braço pelos hombros. — Venha cá commigo. Você parece-me um bom homem.

Turibio deixou-se ir; parecia que já se não recordava de mais nada do que lhe estava em redor. Calara-se, alheio a tudo, como quem mergulha num sonho. Foram pelo corredor, ao lado da casa. Ao fundo era o quarto das ferramentas, pequeno, de taboas. Entraram. Dependurada do tabique, pendia a roupa de uso. O jardineiro tomou de um *paletot* esverdeado, roto:

— Escute, 22. — Turibio olhava em roda, átoa. — Escute... Leve isto para você... Tenho tambem ali um chapéo velho. — O outro mirava-o, pasmo. — Está um pouco velho... — elle dizia-lhe que não, com a cabeça. — Está; mas que diabo! antes um casaco roto do que nenhum. — Turibio fizera um gesto de recusa. — Leve-os, eu tenho outros; comprei-os ha dias...

E poz-lhe o casaco aos hombros; ajudava-o a vestir as mangas:

— Você ha pouco estava com medo, não era?

— E' que... O senhor sabe; é que ás vezes a gente... — passava a manga do casaco pelos olhos, para enxugar as lágrimas; ria-se. — A gente, ás vezes, sabe lá o que tem...

O jardineiro examinava-lhe a roupa:

— Fica-lhe a matar! Olhe, é só para ver...

Foi a um canto da parede, agarrou lá um pedaço de espelho, collado a um retalho de cartão, preso por tiras de papel de côr; pol-o deante dos olhos de Turibio, obrigou-o a segural-o:

— Veja só... Olhe que nem de encomenda!

Fel-o voltar-se de costas. Olhava.

— Nem de encomenda! Parece que foi feito para você!

Turibio tomou do espelho, fitou-o um pouco, levantou-o mais, para ver bem. Passava a mão pela barba, pelo rosto magro, pelos cabellos crescidos. O rosto delle, muito pallido, muito grave, contrastava com o do outro. Palpava com os dedos as covas amarellas da face. Ficou muito tempo, olhando. E abanava a cabeça, com um ar desolado, em silencio.

— Hein? — perguntava-lhe o jardineiro. — Que tal? Está-lhe a matar!

— E' — e Turibio voltava-se para elle, muito sério. — E' uma esmola que eu lhe hei de pagar. A gente neste mundo sempre se encontra, mais dia,



...EMBRULHAVA-SE NUM CHALE, TINHA UM PEQUENO AO COLO...

menos dia... — olhava para a porta — Bem, eu vou indo... — e esperava a ver se o outro lhe não dizia nada. — Eu vou indo... Muito obrigado ao senhor!

— Nem por isso!

— Deus Nosso Senhor é que lhe ha de dar o pago.

Sahia, chapéu na mão. O jardineiro acompanhava-o; levou-o até a porta, á entrada. Elle voltou-se ainda:

— Deus lhe dê muito ao senhor, e que lhe não falte...

Demorou-se um pouco, a olhar para os lados, como quem se orienta. O caminho fazia uma curva á esquerda; seguia, ladeando cercas; subito, descia para o valle. A' direita, era o povoado, em morro ingreme. E abaixo d'elle, para longe, atravez dos campos, quasi na orla azulada dos montes longinquos, sumia-se a linha de postes da via-ferrea — onde, por neblinosas ma-



...PARA LONGE, ATRAVEZ DOS CAMPOS, QUASI NA ORLA AZULADA DOS MONTES...

drugadas e asperas tardes frigiditas, ferreos, pesados comboios rolavam, abalando o silencio de em redor... Turibio tomou á esquerda; andava a custo, com esforço, com fadiga. Por vezes, illuminavam-se-lhe os olhos, murmurava muito baixo — "A minha filha!" Num ponto, deteve-se, mirou o sol — "Pr'a mais de onze..." E seguiu. A estrada, em declive, ajudava-o a descer. Puxou o chapéu para o rosto. Em baixo, onde começavam os campos, deteve-se ainda. O caminho cansava-o; respirou, comprimindo o peito. E foi por um atalho, por entre terras humidas, para lá, muito longe, onde arvores se erguiam e uma torre tocava o céu.

Mas, dentre sáfaras moitas hispidas de hispidos espinheiros, uma dulçorosa, tremula toada surdiu:

*Peito que foi magoado
Bóte pr'a fóra a paixão...*

Um homem vinha, pela estrada proxima. Passou atravez dos espinheiros, desapareceu numa curva, surgiu afinal, adeante. Cantava. E a voz d'elle, nostalgica e saudosa, espalhava-se, nitida, pelo ar:

*Peito que foi magoado
Bóte pr'a fóra a paixão;
Amor não pôde morar
Onde mora a ingratidão...*

Demorava-se, numa ultima nota, e, numa outra nota prolongada, repetia: Aaaaah...

*Amor não pôde morar
Onde mora a ingratidão.*

Turibio parou; o homem vinha para elle. Tirou o chapéu:

— Com perdão do senhor, hein... Fazer parar assim uma pessoa... E' que eu queria ir para a Santa Thomazia... Já nem sei mais onde é.

— Santa Thomazia?

— E'... Santa Thomazia. Eu tenho lá uma filha.

O homem reflectia — "Santa Thomazia... Santa Thomazia". E, alteando a voz:

— O senhor quer ir para a Santa Thomazia?

— E'...

— Veiu de muito longe?

— Vim lá de cima.

Turibio apontava o morro, distante, para lá da linha de postes da via-ferrea.

— Da banda da Cadeia Nova?

— E'... Da banda da Cadeia.

O homem fazia por se recordar onde era a Santa Thomazia:

— Santa Thomazia... O senhor já lá esteve?

— Ha tantos annos!

— Muitos, pr'a mais de dez?

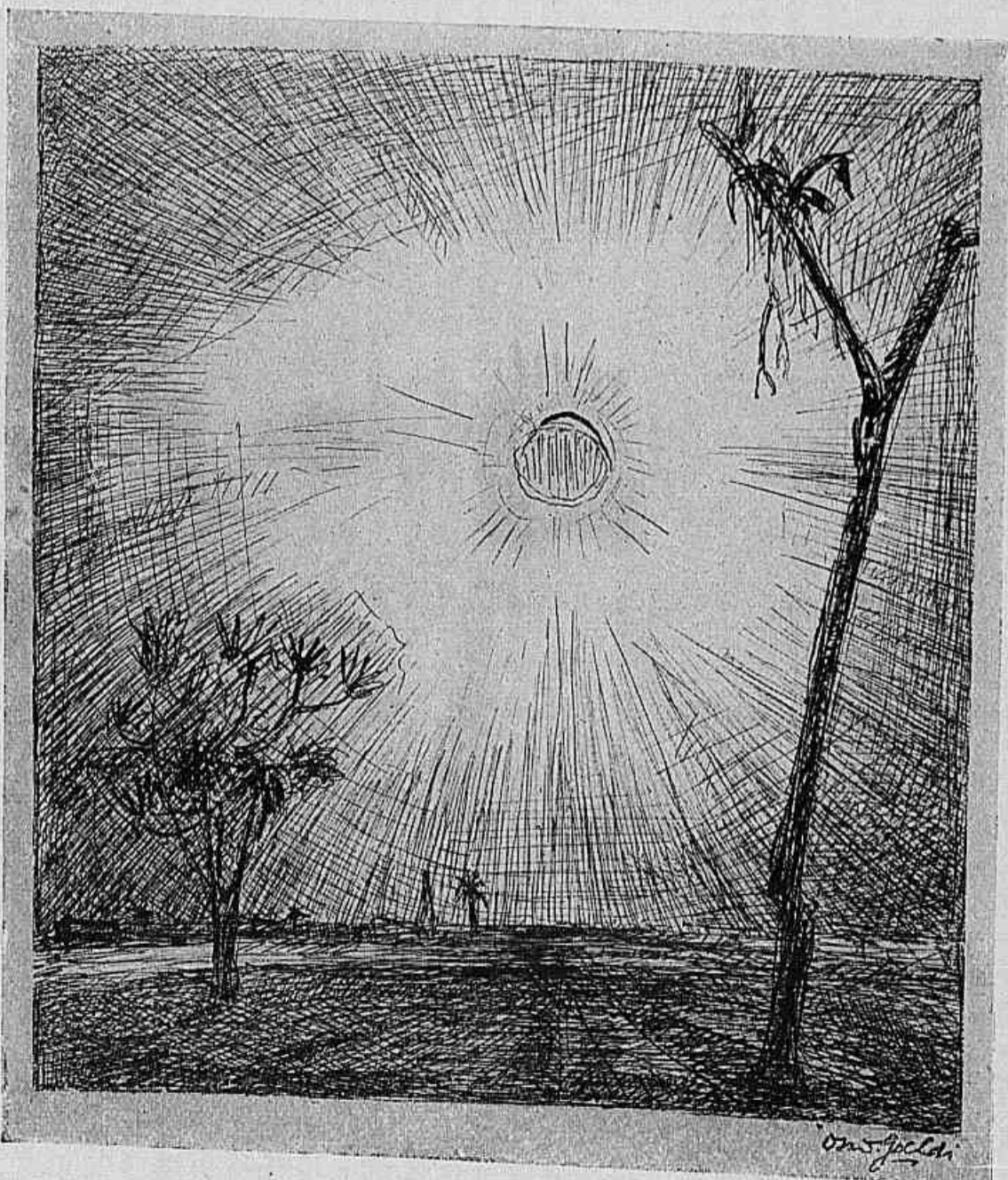
Turibio encolheu os hombros:

— Já lá se vae tanto tempo!

O outro ficára em silencio; mas, afinal:

— Pois, por aqui não ha nenhuma Santa Thomazia, não.

— E' que o senhor não se lembra. Havia lá uma fazenda, grande. Era a um bocado do cemiterio. Até a capellinha pegou fogo.



O SOL CAHIA AGORA DO ALTO...

— Ah! a capellinha pegou fogo?

— Pegou.

— Se sei! O senhor dizia que era Santa Thomazia... Agua Nova sei eu que é! Fica perto da fazenda da Saudade, não fica?

— Fica logo adeante.

— E até a capellinha pegou fogo?

— Pegou fogo.

— Não havia eu de saber onde é a Agua Nova! Pois se lá até foi que mataram o filho da fazendeira...

Turibio fez-se pallido, voltou o rosto, levou a mão á barba. Depois, muito tranquillo, muito devagar:

— Houve lá uma morte, na Agua Nova, Agora, ha pouco tempo?

— Pouco tempo? Só doze annos sei eu que ha.

— Doze annos... — e elle contava pelos dedos. — Doze annos... E mataram um homem?

— Mataram.

— Mataram... — e elle continuava, a meia voz — Mataram...

Quem sabe lá se o teriam morto agora! Quem sabe lá! Depois, mais alto:

— E o que matou foi preso? — O homem dizia-lhe que sim. — Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein? Sabe o que é? Preso sempre, sempre... Ah! — e rangia os dentes, de raiva. — Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turibio calára-se; fitou-o um pouco, baixou a cabeça. Acalmava-se. Depois:

Mataram-n'o á tóa?

O homem sorriu:

— A' tóa! Quer saber o senhor? Eu tenho lá uns parentes...

— Na Agua Nova?

— Sim, na Agua Nova. Agora mesmo vou eu para lá... — Turibio ouvia, muito attento. — Tenho lá uns parentes. Pois elles sabem de tudo; não viram, mas lá toda a gente conta. Era uma coisa de fazer virar o sangue á gente. O que morreu enganava o outro, sabe?

Turibio repetia:

— Enganava o outro...

— E', enganava-o com a mulher. Mettia-se lá dia e noite. Todo o mundo via; o marido é que não via nada. Mas um dia... O senhor sabe; lá vem um dia em que a gente descobre tudo. O marido apanhou os dois, em casa...

Turibio deitou-lhe a mão a um braço, rapido, com um relampago nos olhos: — Com a filha ali perto, não é? Com a filha ali mesmo, deitada ali, vendendo tudo, aprendendo tudo. Não houve um raio do céu que os matasse! Acredita em Deus, o senhor? Acredita, hein? Póde-se acreditar, póde-se ter fé, assim?

Tremia, de colera. O homem puxou o braço:

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu ia lá, ás vezes... E depois, lá — e indicava o caminho, para traz — lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... — e o outro concordava.

— Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Picou-o todo, a faca; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... — e elle accentuava aquillo.

— A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam...

Olhavam para o outro assim... — e puxava as maçãs do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto — Olhavam assim, claro, puro... Falava tão doce, tão sério...

Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito.

— Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz aquillo? Agora não ha de fazer. Está morto, pagou tudo.

— Pagou tudo!" Turibio cerrára os punhos, com força, com odio. Cravava as unhas nas mãos. Via-se-lhe nos olhos uma terrivel expressão de fereza. Esteve assim um bocado; voltava o rosto para um lado, para outro; não via bem, faltava-lhe o ar. Sentia um que quer que era que lhe apertava a garganta.

O homem recuara; parecia disposto a ir embora; estendeu-lhe a mão:

— Bem... Então até, hein?

Turibio serenava, pouco a pouco.

Fez-lhe signal para que esperasse. O olhar delle voltava á primitiva expressão de doçura. Respirou muito, quanto pode. A camisa afogava-o; elle rompeu-a, de um gesto rapido. E levava a mão ao peito, hauria o ar balsamico de em redor:

— Perdoe. A gente póde lá ouvir tudo, assim, a sangue frio... E dizem que ha um Deus no céu! — soluçava, mal podia falar — um Deus, dizem que ha um Deus! — levou a mão á cabeça em fogo, fechava os olhos; e, ao cabo de um momento — E... E a filha do outro?

E frisava bem aquelle do outro:

— A filha do outro? Era tão pequenina, tão loura!

— A filha? Coitada! Andou por ahi... Não vê que a mulher poz fogo á casa, sabe?

— Andou por ahi, a filha?

— A mulher poz fogo á casa. Dizia que no quarto onde o tinham morto,

depois daquillo tudo, só o fogo é que ainda lá podia entrar. E então, levou a pequenina; deu-a numa casa, lá no alto... Depois, foi embora. Tem andado por ahi; está agora com um, está daqui a bocado com outro... E' uma desgraça; mas, ha gente que é assim mesmo.

— A pequenina ficou, lá no alto?

— E'... Mas davam-lhe muito, davam-lhe á toa... Coitada! A mãe tinha-se ido embora, o pae estava preso. Era uma desgraça! Pobre de quem não tem nem uma pessoa por si... A mãe della, então, foi por ahi; estava com um, com outro...

— Elles davam-lhe muito?

— Em quem?

— Na pequenina.

— Davam-lhe tanto!

— Davam-lhe! Mas a mãe della, por que é que lhe deixava dar? Tão pequenina, tão loura!

— Pois a mãe já não estava mais lá, na casa. Poz-lhe fogo e foi embora. E então, a pequena ficou. Antes não ficasse! Davam-lhe tanto...

— Davam-lhe muito... E agora?

— Agora — e o homem apontava para o céu, alto. — Agora, está lá, está nos ouvindo...

Turibio agarrou-lhe na mão, puxou-o a si. Cravava-lhe no rosto o olhar fixo, acerado, lucido:

— Está lá! — e mostrava o céu — Está lá?... Morreu?

— Morreu.

— Morreu!

Lgrimas lhe brotaram dos olhos, rapidas, ardentes. Escaldavam-lhe o rosto, punham-lhe como que pequeninos diamantes disseminados pela barba hirsuta. Quedára-se em silencio. Por fim:

— Elles davam-lhe muito?

— Se lhe davam! Até nem parecia gente christã...

Turibio murmurava — "Davam-lhe!" E, com os olhos vagos, absorto:

— E ella morreu?

O homem affirmava que sim. E elle levantou os hombros, num soluço:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ella era... — e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito... Muitas vezes! Nestes braços andou ella. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minh'alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lagrimas corriam-lhe grossas, rapidas, continuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Desculpe, hein? Mas, eu vou indo...

— Eu vou tambem... O senhor disse que a Agua Nova é pr'a lá, não é? — e mostrava-lhe o caminho, longe. — Eu vou... A mãe della, então, ficou lá na casa?

— A mãe da pequenina? — Turibio fazia-lhe que sim; o outro sorriu. — Foi embora... Pois ella deitou fogo á casa e foi embora.

— Deitou fogo á casa... Ardeu tudo?

— Tudo.

— E foi embora! Comtante que a não tenha tragado o inferno... Vê o senhor? Tanta miseria!... O céu cobre tudo, azul, azul... A casa era lá pr'a cima, não era? Uma, de taboas, com um mamoeiro á porta, uma hortazinha ao fundo? Tinha-a feito elle mesmo... Elle, sim; elle! Muita terra cavou pr'a a fazer...

— O marido era da lavoura?

— O pae, o pae da pequenina! Era da lavoura... Duma outra lavoura; tambem se cava a terra, tambem se planta, mas não se colhe. Cavou muita terra, muita! Ah! assim a estivesse elle agora cavando para a que foi embora!

O homem achava que sim:

— E' mesmo, antes trabalhasse pr'a a filha. Quando se tem mulher assim...

Mas Turibio interrompeu-o:

— Pr'a a filha, não! — E com a voz em lagrimas: — Pr'a a filha, coitada! nem foi elle que a cavou. Atiraram-n'a lá para o fundo, á toa. Pr'a a filha, não; para a que foi embora! Deitou fogo á casa e foi embora... Antes para ella! Bem larga, bem funda! Lá, bem embaixo...

E dentro em pouco:

— A casa era lá pr'a cima?

— Inda lá está o terreno... E' perto. Eu é que já vou indo...

— Tambem eu vou.

E foram ambos. Turibio calára-se; por vezes, ouvia-se-lhe um soluço. O homem apertava o passo. Numa curva, por uma aberta de cerca, mostrou-lhe o

caminho adeante, o terreno da casa, o mamoeiro á porta, longe, mal distincto. O sol cahia agora do alto, por sobre a terra humida da geada; aureo e tardio, retardatario sol benefico de Junho...

Turibio reconhecia a estrada, alegravam-se-lhe os olhos. Já nem sentia o cansaço de ha pouco. E marchava calado, com pressa. Num ponto, o homem agarrou-o, fel-o parar:

— Olhe, vê ali, agora...

Era o terreno proximo, o mamoeiro á entrada. Onde a casa estivera, por sobre a massa disforme do entulho, daminhas plantas se enredavam, subiam, avassallavam tudo. E dentre ellas, apenas, a espaços, carbonizados caibros emergiam do matto crescido e ruim.

Pararam á porta. O homem voltou-se para Turibio:

— Não era aqui?

— Era... — e elle fitava o terreno desolado e lugubre. — Era aqui!

— e enchiam-se-lhe os olhos d'agua. — Comtante que a não tenha tragado o inferno! Olhe, tem a sua vida segura, o senhor? — o outro não respondia. — Tem-n'a segura? Deixe-a andar... Segura para que? Um dia desaba tudo. Está ali, queimado, podre... E o céu cobre tudo, azul, azul...

Passeava os olhos em redor. Súbito:

— O cemiterio é pr'a lá, não é?

— E' lá adeante, no fim daquelle caminho; lá por traz daquella mangueira grande...

— Lá adeante, por traz da mangueira? Olhe — e acenava-lhe com a mão. — Deus que o acompanhe!

E deixou-o. "Deus que o acompanhe!" Foi embora. O homem ficára, pasmo; abanou a cabeça sorrindo: — Qual!

E seguiu. Turibio embrenhara-se pela estrada. Tinha as pernas tropegas, como as de um ebrio. Gelava-se-lhe a cabeça; esvahiavam-se-lhe as forças. E aos olhos delle, o campo em roda, as arvoredos, os morros, tudo se ia de tenébras cobrindo. Deu ainda uns passos, mas dobraram-se-lhe os joelhos, fez-se-lhe um vacuo em torno. Cahiu para a frente, e ficou inerte, ao meio da estrada, ao sol.

Nevoas cahiam do alto, quando se lhe descerraram os olhos. Vinha a manhã nascendo, longe. O orvalho alagava-lhe a roupa. Tiritava de frio. Despiu o casaco humido; secuiu-o com

força, vestiu-o de novo. Tumultuavam-lhe idéas no

cerebro. Sentou-se; fitava a estrada adeante. E a pouco e pouco, foi-se-lhe aquietando a cabeça. Lembrava-se devagar: — "Poz fogo á casa". Lembrava-se. "O cemiterio é pr'a lá..." Ergueu-se; sentia-se fraco, com fome; respirou, tirou o chapéo. E poz-se a caminho. "O cemiterio é pr'a lá..."

Avistou-o, adeante. Homens estavam á porta, casaco aos hombros, fumando; um dentre elles, tomava-lhes os nomes:

— Gaspar?

— Cá está.

— Domingos?

— Prompto.

Entravam, um a um, tirando os casacos, dobrando-os ao meio. Turibio chegou-se, chapéo na mão:

— Com licença dos senhores... E' que... Eu venho lá de cima... 'Stou desempregado. Então, vinha por aqui... Talvez queiram alguém para a enxada.

Um alto, espadaúdo, coçou a barba, e depois:

— Isso é lá com o Sr. Eduardo.

E deu com o queixo para o lado do que tomava os nomes. Turibio foi para elle, vagaroso, hesitante, tímido:

— Com sua licença, hein... E' que eu 'stou desempregado. E'... Perdoe o senhor... E vinha para saber se não precisam cá ninguém...

O Sr. Eduardo tinha um cachimbo á bocca; tirou-o, olhou do alto:

— Você já trabalhou nisto?

— Tantos annos!... Ah! a mim não me ganhavam! — e procurava uma resposta — Mas o senhor sabe; a gente guarda o seu dinheiro, depois é infeliz...

O Sr. Eduardo franzira a testa. Esteve a pensar, olhava-lhe p'ra a cara. E depois, para dentro:

— O' Mathurina?!

"Mathurina!" Turibio sentiu que a alma lhe saltava num impeto. E de dentro uma mulher veio, chegou á porta:

— Assim inda é peor... Agora é só ferver a agua.

— Quem é que fala aqui em ferver agua? — e ella calava-se, attenta.

— Sabes tu quando vem o Corrêa?

— O Corrêa? — a mulher sorriu. — Vá esperando! O vir, diz elle que vem para a semana; agora o poder vir é que são ellas.

Turibio cravava-lhe os olhos no rosto; olhar de odio, olhar impiedoso e máo. Traspassava-a, implacavel e frio. Por fim, baixou a cabeça. O Sr. Eduardo pensava, franzida a testa:

— Homem, você se quer, fique p'ra ahi, a ver. Mas olhe que assim inda se lhe não dá nada.

Turibio calára-se, o Sr. Eduardo convencia-o:

— Porque ahi ha um de cama... Elle ha um de cama. E você fica co'o seu direito.

— Isso é...

— A comida fornece-se-lhe ahi; você paga-a. O outro póde ser que não vá nem ao S. João. E você fica co'o seu direito. Lá o seu direito é que se lhe não tira...

E Turibio ficou. E numa frígida tarde ennevoada e tristonha, o Corrêa veio, do alto, piedosamente trazido, a mão, para uma cova que elle mesmo se esforçara por abrir. Os outros acompanhavam-n'o, descobertos, silenciosos



oscar Reizenstein

REZAVA O QUER QUE FOSSE...

e graves. Fizeram-n'o descer para o fundo, hirtos e magros. E a terra que lhe deitaram cahia aos poucos, numa poeira leve, para o não acordar.

— Porque este é cá dos nossos... — explicaram.

E um, para Turibio :

— Quem aproveita agora és tu... Faze-te fino porque querel-o, ao logar, ha muito quem n'o queira.

Deram-lh'o. O Sr. Eduardo chamou-o, logo no outro dia, cedo. Bateu-lhe no hombro, com amizade :

— Agora, ficas de vez. Cá a palavra d'um homem, é ali; o que se diz é o que está! E o teu direito, olha que ninguem t'o tira.

Elle agradecia. Ficou de vez. Os outros estimavam-n'o; era generoso e humilde. E reservavam-lhe a tarefa peor. Faziam-n'o acabar o serviço de um que tinha a mulher de cama, trocar de horas com outro a quem a humidade da manhã punha doente. Era o ultimo a largar a enxada. E vinha embora, cantando. A' noite, apenas, errava pelo quadro dos anjos, á procura. Escutavam-se-lhe soluços abafados.

Foi então, ao descambar de uma tarde sonora e rútila — já as mangueiras se cobriam de flores e mysteriosos perfumes erravam no ar — o Sr. Eduardo parou, por entre tumulos, vendo-o a fechar uma cova, curvado e suando :

— O' Turibio?! — e Turibio levantou a cabeça. — Olha qu'isso não vae a matar! Não vae a matar, que diabo! Assim, prepáral-a p'ra ti...

E Turibio ergueu-se, apoiou a mão á enxada; olhava o sol morrendo, longe...

— E'. Fica p'ra amanhã... Já o verão entra. O sol vem cedo.

Sacudia a terra presa á enxada; apanhou o casaco, perto, a uma borda de tumulo, atirou-o ás costas, pôz a enxada ao hombro. E veio, e dizia :

— Porque lá isso é... Não vae a matar. Mas sempre é bom andar p'ra deante. O que fica feito, fica feito. Não se faz mais...

Tinham-lhe dado um quarto de taboas, janella para o quadro dos adultos, em frente. Pedira-o, instára por elle. Os outros dormiam á entrada, paredes meias com o administrador. Turibio, porém, lembrára as corôas abandonadas, fóra. "Assim até era melhor para a vigia." E ficára lá. De onde estavam, já o quarto se avistava, ao fim da aléa. E elle repetia :

— O que fica feito, fica feito... E' tempo que se poupa. Não se faz mais.

— E'... Mas tu, matas-te. Um homem quer-se trabalhador, mas com saude. Porque depois, dá-lhe em casa o raio da doença; e é pegar-lhe p'r'ali, á tóa, e é vel-o a s'agoniar... Elle vae-se, e os outros é que ficam.

Turibio concordava :

— Também lá isso, é...

Vieram. Elle parou á porta :

— Vou aqui agora ver...

— Pois então, é o que te digo; um homem quer-se com saude.

E o Sr. Eduardo seguiu. Turibio demorou-se um pouco, á porta. Enrolava um cigarro; puzera a enxada a um canto. Por fim, entrou. A noite cahia, tenue; e, no céu, ainda claro, a lua, em crescente, surdã, luminosa e doce.

Madrugada alta — inda a manhã não viéra — já elle estava vestido, á janella do quarto. Fumava, pondo largas baforadas para fóra, através da neblina e da noite. E, subito, por entre arvôres, longe, ao luar, um vulto de mulher, hesitante e esquivo.

Elle ficou suspenso, no ar, como se alguma cousa o viesse elevando do chão. Os olhos prendiam-se-lhe áquella figura, distante, negra. Perdeu-a num ponto, viu-a crescer do outro lado. E agora, brotava-lhe uma idéa no cerebro; expandia-se-lhe o rosto. "Vae ver a filha..." — fez, muito baixo. Accendiam-se-lhe os olhos. Tomou da enxada, e sahio.

O vulto ia direito ao quadro dos anjos; passou por elle, numa curva larga. Turibio seguia-o, agarrado ás arvôres, occulto por ellas. Viu-o parar, seguir depois, dar uma volta, entrar pelo outro quadro em frente. Um tumulo deteve-o; cahiu de joelhos. Resava o quer que fosse, entre-cortado de soluços; debruçava-se sobre o marmore, regando-o de lagrimas. E á cabeceira, de um quadro, circulado de perpetuas, banhado da lua, o busto de um homem emergia, amarellecido e sereno.

Turibio parou; e, para logo, do intimo, velhos rancores, esquecidos odios vieram-lhe atropeladamente para fóra, sufocando-o. Ella resava pelo outro, chorava pelo outro! Ouviam-se-lhe soluços, angustiados, continuos, como se nelles a alma inteira, também angustiada, lhe fugisse. Turibio cravára os dentes nos labios, mordida-os a fazer sangue; apertava o cabo nodoso da enxada na mão convulsa. Tremia, tremia... Ia-se-lhe fazendo em torno uma atra noite de loucura e de morte.

Virou a enxada, com a lamina para dentro. Acertou-a bem, bem segura, bem certa; direita e forte. Curvou-se, chegou-se um pouco mais, com vagar, com cautela; tinha o braço p'ra traz, a enxada á mão. Esperou... Mathurina

levára o lenço aos olhos, a cabeça alta. Elle marcou-a, ao meio do lado. Tremia, tremia... Fez um esforço; crispavam-se-lhe os dedos. A enxada ergueu-se, brilhou, lucida, no ar.

Vibrára-lh'a, rapido, na cabeça. Houve um som cavo, um estertor, um concavo baque ôco e surdo. A massa informe do corpo cahiu, flacida; distendeu-se... Batia os pés, tremulos, nervosos, esticados; empinava o ventre, na ancía de se reerguer. E elle vibrou-lhe a enxada, de novo. Da brecha aberta, mal percebida, purpuro, o sangue em ondas vinha, corria, manchava o solo; e — tal como se para o alto houvesse partido, num rapido jacto rubro — altas, no céu, rubras, purpuras manchas sanguineas espalhavam-se pelo nascente.

Turibio olhava, absorto agora... O corpo aquietára-se; agitava-se apenas a bruscos, tremulos espaços, no estertor ultimo. Teve um estremecimento mais forte, e ficou, parado, morto. O sangue corria por uma depressão do terreno; era um tenue fio, quasi roseo, que se coagulava ao frio gélido da manhã.

Elle moveu-se, como quem desperta; atirou a enxada fóra. Voltava a si. Recordava-se de um dia, ha muito. Ferira fundo, muitas vezes, muitas vezes, com delirio, com raiva. Levaram-n'o. Annos decorreram; tudo se foi apagando aos poucos, odios, memoria, tempo, tudo. E recordava-se; olhava em roda, pelos alvos tumulos, pelos avidos sepulchros abertos. Suava frio. Tirou o chapéo, atirou-o para longe. O olhar deteve-se-lhe na cova ainda mal cheia, da vespera, voltou ao corpo immovel, fitou-o, voltou a ella. Esteve assim um instante, de um lado para outro. Acalmava-se mais. E tomou da enxada, foi para a cova, enterrou-a lá, com força, tirou-a depois, bem cheia, sacudiu-a para o lado. Enterrou-a ainda, tirou-a, para a enterrar de novo. E a terra ficou, espalhada pelo solo, por sobre plantas, aos montões.

Cavava com esforço, rapido. Já de uma derradeira camada, ultima e leve, irrompia a tampa negra e lugubre de um caixão. Elle deixou a enxada. Tomou de Mathurina pelos pés, inteiriçados, ainda quentes; arrastou-a para perto; e os cabellos della, de rastroz, luzidios e longos, toucavam-se de folhas seccas, empovavam-se de lucidos granulos de areia, vinham marcando a sua passagem pelo chão.

Deixou-a posta á beira des e que lhe seria o pouso ultimo; agarrou-a então pela cabeça, pol-a ao comprido da abertura. E atirou-a para dentro, para baixo, para bem fundo. Por onde viéra, o corpo deixára um rastro de sangue. Elle apagou-o, com a enxada; desfez os largos coagulos sanguineos; levou-os, empastados, para a cova aberta. Procedia com arte, com vagar, com cuidado — tal como quem numa obra definitiva e completa se absorve. Passava e repassava a enxada pelo terreno; deu-lhe a apparencia de um pedaço de jardim, tratado e limpo.

Voltou para a cova. O corpo ficára meio dobrado, ao fundo; elle ageitou-o, ao comprido. E começou de cobri-lo com a terra amontoada, ás porções, grossas, rapidas, brutas. O corpo desapareceu em baixo. Por sobre elle ia a espessa camada de terra subindo, crescendo, pesada do eterno peso do olvido e do esquecimento eterno. Turibio saltou para a cova ainda mal cheia. Puxava a terra para si, quasi a cobrir-lhe os pés. Por momentos parava, pisava-a com força, atirava-a com o pé para as extremidades. E continuava depois. Passou os dedos pela testa, para limpar o suor; estava calmo, respirava com força, muito, em roda — como um enterrado vivo a quem se houvesse arrancado a algida lage cerrada e fria do tumulo. Respirava... Mas ouviu passos. O Sr. Eduardo vinha apressado, sem chapéo; gritou-lhe de longe :

— Que é da Mathurina ?

Turibio alçou a cabeça, ficou olhando; hesitava, parecia querer occultar alguma cousa. E, apoiado á enxada :

— A... Eu...

— Tu viste-a... — e o Sr. Eduardo agarrou-o pelo hombro. — Fala ou ponho-te na rua !

Turibio levára a mão á cabeça: — Homem... — e ali-sava o cabello, por traz da orelha. — Ha bocado, inda o dia lá vinha na casa de Christo, vi-a passar por ali... Apon-tava a aléa, perto. O Sr. Eduardo sacudiu-o :

— E depois ?

— Depois, foi lá para os lados da porta... Havia lá um senhor alto, um que já hontem andou por ahi. Estiveram a conversar juntos, e foram-se. Foram embora. Ella levava uma trouxa.

O Sr. Eduardo fel-o voltar-se, com um repellão. Agarrou-o pela gola :

— Levava uma trouxa ? E o chale, ia de chale ?

— Levava um chale preto.

Fôra-se, pregára-lh'a na bochecha ! Turibio calára-se... O Sr. Eduardo repelliu-o, com força. Fel-o cambalear. E expectorou :

— O raio da burra !



O padre Souza Caldas jacobino. de Paul de Nielsen.



AESDE que chegaram a Portugal, em 1789, as primeiras notícias da revolução franceza até á expulsão da côrte portugueza para o Brasil, pelas tropas de Junot, não cessaram em Lisboa e em todo o reino as perseguições contra os *jacobinos*, e os *pedreiros-livres*, isto é, contra todos os suspeitos de sympathias pelas idéas triumphantes na França.

Diogo Ignacio de Pina Manique, o intendente de policia, movia crua perseguição aos *illuminados* ou *pedreiros-livres* aos quaes retratava da seguinte maneira: "sapatinho bicudo e mui brunido, atilhos nos calções, gravata por cima da barba, collarinho até meias orelhas, cabello rente no touço e tufado sob a molleirinha, com suissas, até aos cantos da bocca" e recommendava aos seus esbirros que "trancassem na cadeia carregado de ferros" todo aquelle que encontrassem trajando na referida maneira.

A falta desses requisitos exteriore; bastava algum ter talento e cultivar as musas, ou sómente ser amigo da leitura, e o que se lia no seculo XVIII vinha quasi exclusivamente da França, para que as iras das camarilhas reaccionarias se desabassem sobre o infeliz.

Assim foram perseguidos muitos dos melhores talentos de Portugal. Uns conseguiram fugir, outros foram presos ou exilados.

No Brasil os homens cultos eram tambem rigorosamente vigiados pelos beaguins do Conde de Rezende, e alguns dos mais illustres soffreram dura prisão e iniquo processo como o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e Marianno José Pereira da Fonseca, futuro marquez de Maricá.

Chegado de Portugal, onde recebera em Coimbra o grau de bacharel em mathematicas e philosophia, em 1793, é o futuro conselheiro de estado e collaborador da Constituição do Imperio preso pelo espaço de dois annos e sete mezes, sem que no fim desse tempo se lhe descobrisse culpa alguma.

O temor dos corsarios francezes augmentava a ira do Vice-Rei, contra todos os presumidos jacobinos ou partidarios da conjuração mineira tão cruelmente repellida.

Ainda em 13 de fevereiro de 1797 o commandante La Graviere aprezaava uma escuna carregada de arroz e algodão.

Apezar de todo o rigor de Pina Manique as idéas francezas penetravam em Portugal e vendiam-se até 10.000 exemplares da constituição franceza traduzida em portuguez.

Por isso o governo portuguez tratava por sua vez de fazer a propaganda dos livros contra-revolucionarios, que eram espalhados por todo o reino e remetidos tambem para o Brasil.

Em 15 de dezembro de 1798 o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho remettia de Lisboa, para o Vice-Rei, conde de Rezende, no Rio de Janeiro, o seguinte officio:

"Ilmo. Exmo. Sr. — Sua Magestade é servida que V. Ex. faça pôr em venda seja em casa de algum livreiro ou onde melhor extracção possam ter os cento e vinte exemplares juntos da traducção do *Mercurio Britannico*, feita na côrte de Londres, a preço de trezentos réis cada folheto; e que V. Ex. procure acreditar a leitura desta obra periodica, e fomentar a compra della. Como agora vão só sessenta exemplares de cada numero, V. Ex. fará saber a Francisco Xavier de Noronha Torrezaõ, official da secretaria de Estado, quando convem fazer mais avultadas

expedições dos mesmos folhetos, para que a todos possa chegar a doutrina purissima que prega o autor contra os principios revolucionarios dos francezes. Ao mesmo official da secretaria d'estado fará V. Ex. remetter com toda a regularidade o producto da referida venda, em promover a qual V. Ex. pora toda a actividade possivel, afim de que tambem se vá augmentando a remessa dos numeros successivos que hão de ser vinte e quatro em cada anno. Nada direi a V. Ex. da importancia desta obra; ella diz tudo, e V. Ex. com o seu zelo fará o mais."

A espionagem e a delação tinham sido erigidas em systema. As mais altas personagens e autoridades não se envergonhavam de fazer o officio de esbirros policiaes.

E' typico officio que o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho dirigiu em 2 de julho de 1799, ao Vice-Rei do Brasil, conde de Rezende:

"Sua Magestade é servida ordenar a V. Ex. que vigie muito escrupulosamente sobre a conducta de todos os empregados nessa capitania, e que vendo em qualquer delles, por grande que seja o seu merecimento, indicios de se achar contaminado de principios jacobinos e revoltosos, dê logo conta, indicando os motivos que tiver de suspeita para que Sua Magestade dê a conveniente providencia. E V. Ex. deve dar esta parte com tal silencio que ninguem nem levemente o suspeite, podendo ficar seguro que estas informações secretas subirão sómente á real presença, e jámais apparecerão á luz do dia."

O jacobinismo era a eterna preocupação do governo portuguez, que não reconhecia legitimo em França senão o regimen absoluto com a dynastia dos Bourbons.

No emtanto a França tinha passado por muitas phases na sua vida politica desde 1789, desde o regimen monarchico constitucional com Luiz XVI e o estatuto de 1791, até ao Consulado e Bonaparte, passando pela Convenção e Directorio, com as constituições de 1793 e 1795.

Durante todo esse tempo, a não ser a tentativa fracassada para a paz tentada por Antonio de Araujo Azevedo com o tratado de 10 de agosto de 1797, não ratificado pelo governo portuguez, o odio contra o francez persistia sempre o mesmo e a denominação de *jacobinos* comprehendia todo o francez de de o partidario da monarchia constitucional, até aos sectarios de Robespierre ou da Communa.

Com o advento do general Bonaparte, apezar das suas fortes tendencias contra-revolucionarias desde logo manifestadas, não diminuiu e antes nasceu o incansavel odio dos retrogradados portuguezes contra a Republica Franceza.

Por isso nos primeiros annos do seu governo o nome de Bonaparte era por toda a parte aclamado como o de um libertador que iria levar por todo o mundo as idéas de liberdade e fraternidade dos grandes patriotas francezes de 1789 e 1793.

Eis o motivo porque numa conspiração descoberta por essa epoca na Bahia, em que tomaram parte Cypriano Barata, Marcellino Antonio de Souza se davam vivas á liberdade e a Bonaparte. (*)

E era essa razão porque a côrte portugueza redobrava de vigilancia, como se vê do officio de D. Rodrigo de Souza Coutinho, datado de 16 de agosto de 1799, em que determinava ao Vice-Rei que, de accordo com o vice-almirante Antonio Januario do Valle, fizesse estacionar uma nau e um bergantim á embocadura do Rio da Prata, para impedir que os francezes ahi levassem as prezas que faziam no commercio portuguez.

(*) (Accioli, 1º t. pg. 260.)

E' que ainda resoavam aos ouvidos portuguezes as palavras attribuidas pela tradição a Bonaparte depois da batalha de Abukir e do auxilio prestado pela esquadra portugueza do marquez de Niza a Nelson no Mediterraneo:

"Portugal ha de pagar com lagrimas de sangue o ultraje que e'tá fazendo á Republica Franceza."

A paz só viria a realizar-se com o tratado de Amiens em 1802.

Um anno antes o odio e o terror ao francez tinham chegado ao apogeu em Portugal. A 2 de março a Hespanha, sob a pressão da França, declarava guerra ao governo portuguez e o exercito hespanhol e 26.000 francezes invadiam os dominios de D. Maria, I, tomando Olivença, Campo Maior e Juromenha.

Foi por esse tempo durante essa terrivel excitação dos espiritos portuguezes e principalmente dos ferrenhos adeptos do antigo regimen os quaes pela primeira vez iam vér de perto, junto ás suas lazeiras, os diabolicos e sempre odiados jacobinos, que o padre Antonio Pereira de Souza Caldas deliberou vir ao Rio de Janeiro, seu torrão natal, do qual estava afastado desde a idade de seis annos.

Nascera aquelle que viria a ser mais tarde um poeta e prégador illustre, a 34 de novembro de 1763 e desde a tenra idade acima referida foi enviado para Lisboa onde ficou sob os cuidados de um tio.

Quando attingia quinze annos e começava para elle a vida espiritual, morria D. João I, terminava a era de Pombal, e tinha inicio com a ascensão ao throno um regimen de retrogradação e obcurantismo.

Sentava-se agora no throno "uma mulher virtuosa sim, diz um illustre historiador, mas tambem a maior beata que a educação jesuita creara no decurso de quasi tres seculos."

Continuava a existir a intendencia de policia, creada pelo Marquez de Pombal, com o eterno Pina Manique, "o grande homem do reinado de D. Maria I" e resuscitava a Inquisição que o marquez havia abatido.

Todos os homens de talento e independencia de espirito foram perseguidos nessa epoca. Francisco Manuel do Nascimento teve de fugir, para escapar aos furores da Inquisição, debaixo de um carro de laranjas, em 1778. Bocage, em 1787, tambem soffreu pena de prisão decretada pelo Santo Officio.

Antonio Pereira de Souza Caldas, na sua mocidade, tambem purgou o peccado de pensar livremente.

Eis o que escreve a respeito o conego Januario da Cunha Barbosa:

"Encantado pelo estudo das sciencias naturaes e applicado ao mesmo tempo ao estudo das sciencias positivas, este joven venceu innumeradas difficuldades literarias, e começou a ser objecto de vigilancia á assombrosa policia de Portugal, que então castigava a mais leve sombra de liberdade de pensamento, valendo-se quasi sempre, para melhor segurança de seus golpes, de um fingido zelo religioso. O fogo da mocidade de Caldas fazia-o menos reservado na expressão de suas idéas, aliás baseadas em solidos principios; e esta circumstancia só concorreu poderosamente para a injusta perseguição que lhe fizera. Preso com alguns outros collegas seus de reconhecido merito literario, foi entregue ao Santo Officio, e desse tribunal passou por ordem do governo á Congregação dos Padres Catechistas de Rilhafolles, para fazer exercicios seis mezes".

Attribue-se a prisão de Caldas nesse tempo a uma poesia que intitulara *Ode ao homem selvagem*. Os inquisidores de D. Maria I descobriram ali talvez adhesão ás idéas equalitarias de Jean Jacques Rousseau.

Quando o padre Souza Caldas requereu licença, em 1801, para vir ao Brasil, os inquisidores e os beaguins da Intendencia da Policia lembraram-se que o mesmo em sua mocidade se dava á leitura dos *per-versos escriptos* de philosophos francezes.

Por esse motivo foi que D. Rodrigo de Souza Coutinho, em officio de 12 de março de 1801, dirigido ao conde de Rezende, depois de recommendar ao subserviente titular que examinasse com a maior severidade os individuos que passavam de Lisboa para

o Rio de Janeiro, se refere ao padre como suspeito de jacobinismo.

Diz o officio: "Illmo. Exmo. Sr. — O Principe Regente Nosso Senhor manda recommendar a V. Ex. muito particularmente que examine com a maior severidade a conducta de todos os individuos que passam deste reino para essa capitania, e quaes sejam as suas opiniões, religiosas e politica; e logo que V. Ex. venha ao conhecimento ou justa desconfiança de que elles são propensos aos falsos principios que desolam a França, ou mostram disposições de desunir entre si os vassallos de S. A. R., procederá contra elles, remettendo-os immediatamente presos para esta capital com os processos dos seus crimes. O mesmo deve V. Ex. praticar com todas as outras pessoas infeccionadas de tão perniciosos principios, tendo nesta materia o maior cuidado e vigilancia; pois fica responsavel na real presença de qualquer omissão que tenha sobre um tão importante objecto.

Advirto a V. Ex. que para esta cidade partiu o presbytero Antonio Pereira de Souza Caldas com o destino de ver sua mãe: este sujeito foi tido aqui alternadamente como santo e como jacobino, deixando uma reputação muito equivocada do seu caracter; e como elle é prégador, e eloquente, fazendo-se por isso temivel, quando tenha más disposições, recommendo a V. Ex. toda a vigilancia a seu respeito."

O padre Caldas veio em 1801, não consta, porém, que aqui tivesse deixado alguma reminiscencia de seu jacobinismo. Voltou no mesmo anno para Portugal.

Lá permaneceu até 1807, anno em que veio definitivamente para o Brasil, acompanhando a grande emigração de D. João e sua côrte.

No seu officio de 12 de Março de 1801, acima transcripto, dizia o ministro da Marinha e Ultramar: "este sujeito (o padre Caldas) foi tido aqui alternadamente como santo, e como jacobino..."

Quanto á sua santidade, estão todos os seus biographos de accôrdo em que se não foi um santo, tinha em alta escala a qualidade primordial de todos aquelles que attingem a suprema culminancia do ideal christão: — a caridade.

Souza Caldas possuia tambem outra das qualidades que adornam a corôa dos santos, qualidade essa, a humildade, difficilissima de cultivar, principalmente aos que vivem junto ás côrtes.

Toda a sua vida é um attestado inapagavel do quanto praticou as duas virtudes.

Graduou-se em leis pela universidade de Coimbra e recebeu ordens sacras em Roma.

Recusou o cargo do juiz de fóra do Rio de Janeiro, diversas abbasias e até o bispado da sua terra natal. São testemunhos que falam demasiado alto a favor da sua humildade.

Do seu coração caridooso contam-se muitas anedotas qual dellas mais significativa.

Quanto ao seu jacobinismo, porém, é caso que ainda está para ser estudado e resolvido.

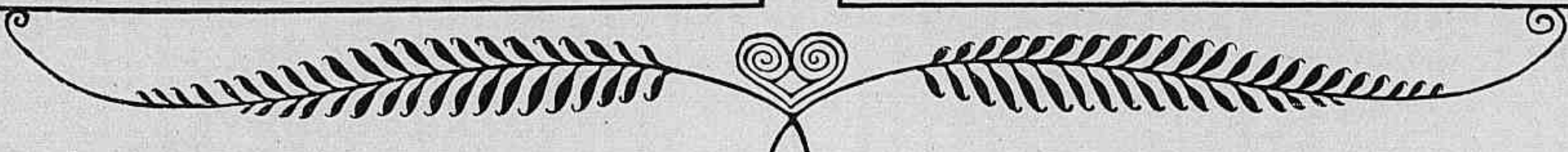
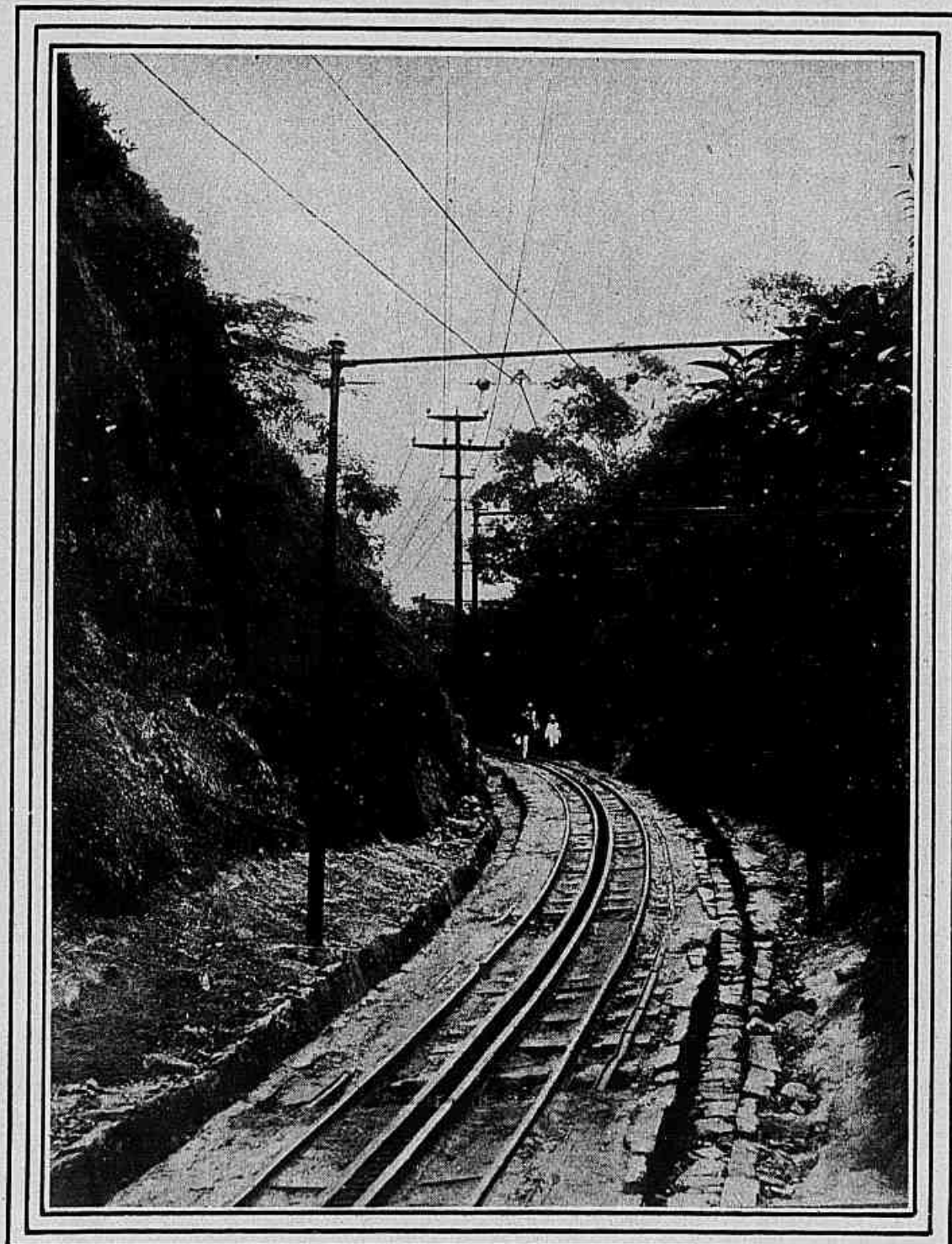
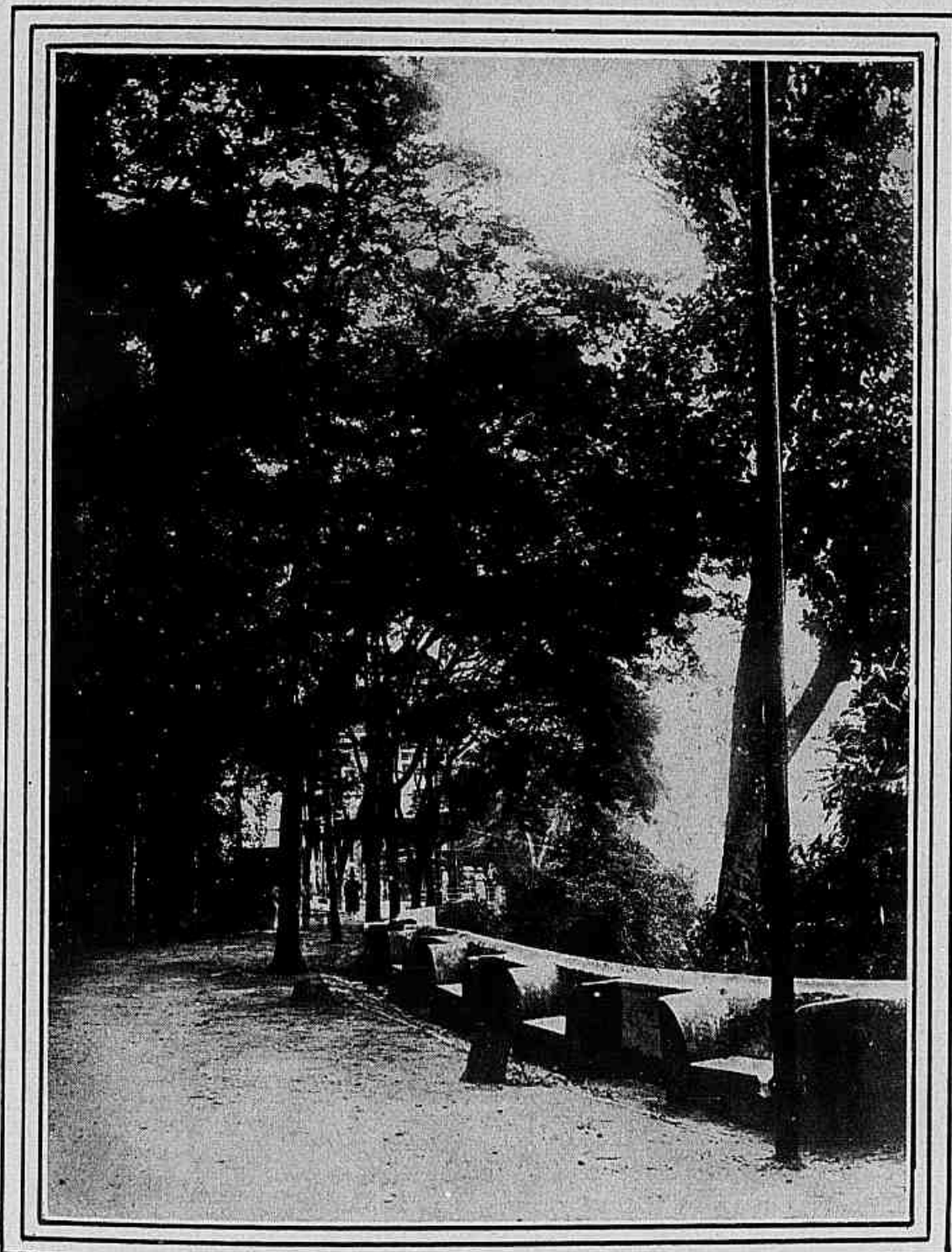
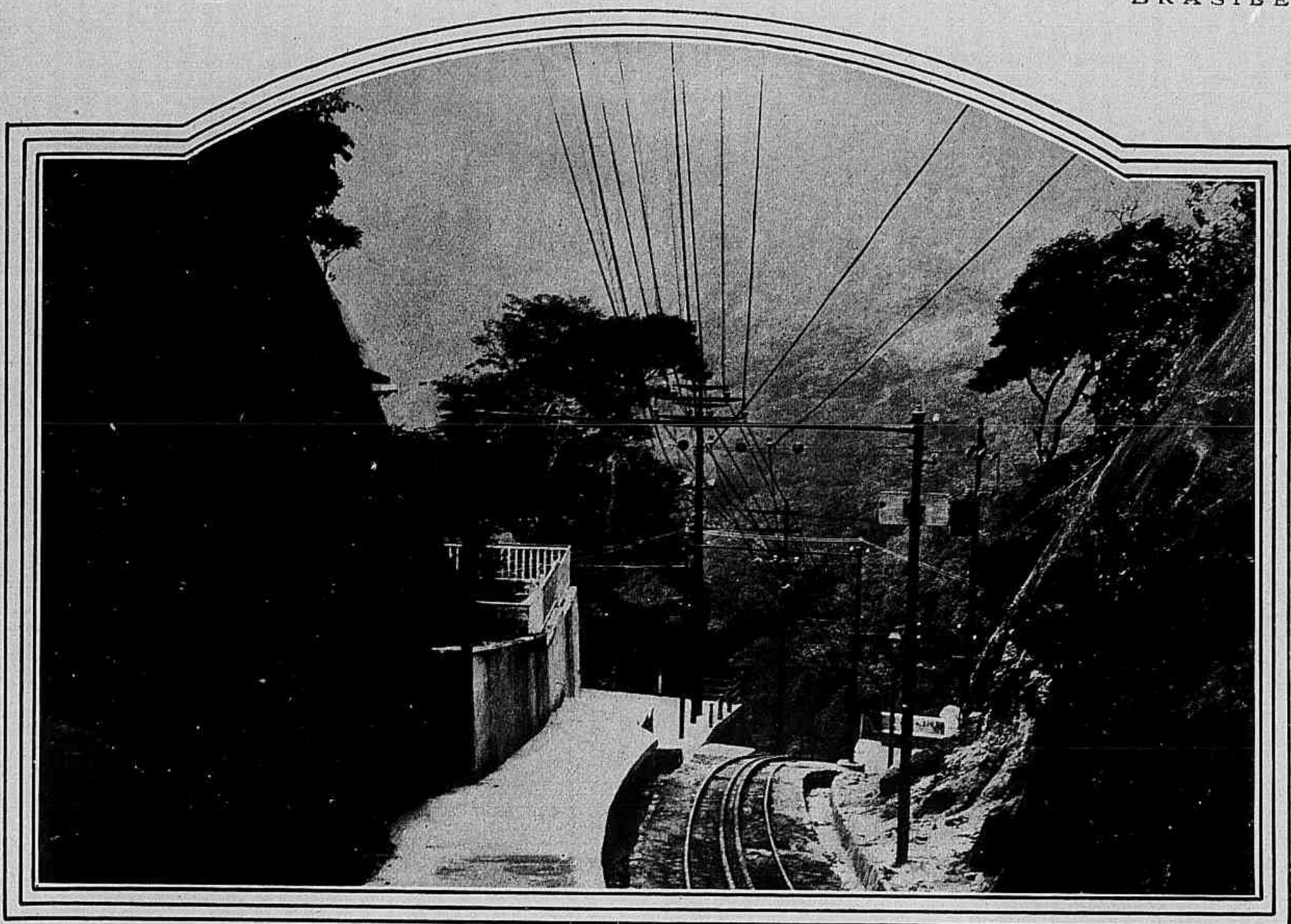
O que se sabe de positivo é que o orador "eloquente" depois que chegou ao Rio de Janeiro, viveu exclusivamente para as suas ovelhas de Santa Rita, em cuja freguezia tinha na cida. Não consta que apparecesse na côrte para prégar, elle que já em Lisboa era conhecido e já famoso pelo seu grande talento de poeta e orador sacro.

Era na me-quinha egreja de S. Rita que elle prégava os seus adoraveis sermões que extrahia do thesouro de sua intelligencia, prodigado tão fartamente como em esmolos dissipava todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos.

Mas, esse grande coração que atdia com tanto vigor, de fé e de caridade, de puros sentimentos religiosos, não teria esse formoso coração um recanto em que fervesse tambem o amor da patria?

Acreditamos que debaixo desse exterior todo sacerdotal existisse uma alma de patriota, ardendo por uma occasião em que pudesse agir com o vigor e a sinceridade dos corações bem formados.

Algun fundamento havia de ter forçosamente a opinião corrente em Lisboa de que era alternativamente santo e jacobino, isto é, patriota.



R U M O D O C O R C O V A D O

— T R E S P A I Z A G E N S D O S Y L V E S T R E

PAZ, de Carlos Alberto de Araujo

Nuvens nocturnas,
nuvens corcundas,
nuvens disformes, côr de phantasma...

Pallidas clamydes abandonadas
da lua grega...

Chammas geladas,
chammas amaveis,
lambendo, languidas,
grandes carvões pretos,
entre as chispas subtis das estrellas...

Nuvens macias
como cinza de velludo queimado...

Nuvens claras muito visiveis,
como algodões ou pennugens alvas
escapando do esticado setim
de negras almofadas rasgadas...

Nuvens pequenas,
nuvens dispersas, nuvens tremulas
como um bando ingenuo
de creanças nuas...

Nuvens quasi amarelladas,
nuvens frescas, nuvens movediças,
como natas frias
que a brisa molle tira
do lago de leite que ha na lua...

Nuvens nocturnas,
nuvens corcundas,
nuvens disformes, côr de phantasma...

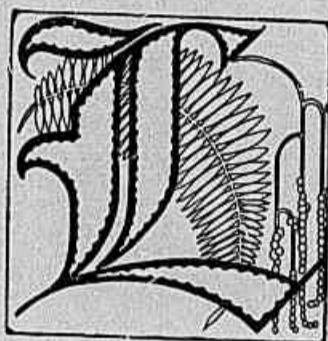
Bandeiras silenciosas,
bandeiras vagamente luminosas,
bandeiras de paz
que o céu feliz, na grande festa victoriosa,
põe-se a agitar,
bandeiras de paz,
para as almas cançadas de lutar...



ESTADO DO CEARÁ
LAGOA DE MESSEJANA, ONDE IRACEMA SE BANHAVA...

Registro Mundial

O EGYPTO MYSTERIOSO A. C.



DORD CARNAVON, o celebre egyptologo, que fez, a suas expensas, a expedição archeologica que descobriu o famoso tumulo de Tut-Ank-Amen, e que morreu não ha muitos dias, de certo nunca imaginou que o seu desaparecimento havia de dar-se por vingança dos espiritos. Pois deu-se. Pelo menos assim o affirmou o admiravel creador do detective Sherlock Holmes, agora convertido ao espiritismo, Sir Conan Doyle.

Era já conhecida a *urucubaca* attribuída a certos objectos retirados dos tumulos egypticos e transportados para o estrangeiro. Houve até uma epoca em que se contou a historia da tampa artistica do sarcophago de uma sacerdotisa de Amon-Rã, a qual deu azar a quantos a possuiram. Essa maravilhosa obra de arte, que não tinha menos de tres mil e quatrocentos annos, foi comprada em Thebas e transportada n'um vapor para Inglaterra. Todos quantos a possuiram, e não foram poucos, tiveram morte desastrosa. Actualmente está no museu britannico e é tal o poder da superstição que os guardas a evitam, como se, só de a ver, pudessem offerir-lhe a malefica influencia.

A nova theoria de Conan Doyle longe de terminar com a lenda da *macaca*, vae desenvolvê-la n'um campo mais propicio para ferir a imaginação das creaturas mais impressionaveis e sujeitas aos prejuizos e jettaturas.

☆

A descoberta de lord Carnavon revolucionou o mundo dos egyptologos e, como de costume, levantou logo uma série de contestações. D'ahi o estabelecerem-se fortes duvidas sobre a veracidade do tumulo de Tut-Ank-Amen, descoberto em Louqsor. T. T. Peet, professor da Universidade de Liverpool e G. René, egyptologo francez, affirmam que nada n'aquelle hypogeu apresenta os caracteristicos d'um tumulo real. Já em 1912, Davis descobriu uma tumba semelhante a esta agora do mysterioso Tut-Ank-Amen.

Não vem fóra do proposito dar o resumo da historia do famoso pharaó, extrahido de um artigo de H. Pouis de Chavannes:

"Amenophés IV teve tres filhas, uma das quaes esposou Tut-Ank. Segundo uma tradição, os homens podiam associar ao seu o nome de Deus; por isso o heroe passou a chamar-se Tut-Ank-Amen.

Além d'isso era de uso que a divindade fosse representada sob os traços de pharaó reinante. Não era natural que as suas fórmulas se identificassem, uma vez que este devia ser o perfeito interprete do seu pensamento?

Comtudo, os subditos de Tut-Ank-Amen, um dia duvidaram da verdade do missionario e da sua sinceridade, e logo que elle morreu quebraram, na nova effigie consagrada, a sua pequena imagem que o deus protector mantinha nos braços, no intuito de assignalar que tal protecção não era verdadeira. Todavia não ousaram tocar no rosto do Deus e por isso é que se pode conservar o retrato de Tut-Ank-Amen."

No museu do Louvre existe o retrato *authentic* em uma das salas egypticas.

Tut-Ank-Amen restaurou a velha religião dos egypticos, transformou toda a politica e instituiu a

Thebas o titulo de Capital que seu sogro, o rei Akhnaton havia dado á cidade de Tell-al-Amarna, construida por elle para esse fim.

A MORAL E' UMA QUESTÃO DE LATITUDE...

Parece que os escriptores allemães tomaram gosto pelos assumptos escabrosos, até ha bem pouco tempo explorados apenas pelos seus confrades latinos.

Ultimamente, certos theatros têm representado peças um pouco cruas, mas a todas essas excede pela audacia das situações a *Moral dos Sentidos*, de Franz Kaibel, levada á scena no Weimar. Um pouco nos moldes de Bernstein, mas com o evidente desejo germanico de trazer á luz da ribalta a gravidade dos problemas moraes.

Uma mulher casada sacrifica-se — á maneira de Judith pelo seu povo, — entregando-se a um amigo rico, para salvar o esposo da bancarrota. O marido que, a principio se mostra reconhecido, torna-se suspeito e dá livre curso á sua desconfiança. Exige dos dois culpados um juramento de innocencia que elles fazem sem hesitar mas ao qual os seus ciumes não dão credito. Sua mulher, reconhecendo a inutilidade do seu extranho sacrificio, termina por se suicidar, n'um accesso de desespero.

Todo o esforço do autor, n'este drama singular, foi tornar-se objectivo na apresentação do seu problema de *moral sexual*. Não faz demonstração de approvação á heroína cujo sacrificio se tornou inutil e mesmo fatal, pelo ciume do marido; quando muito, procura demonstrar que a amoralidade exerce maior influencia nos sentidos do homem que a verdadeira moral de consciencia, dos costumes e da opinião publica.

Em certos paizes do Oriente e da Africa, o sacrificio da heroína de Franz Kaibel seria a cousa mais natural do mundo. E' verdade que, com a moral e principios d'essa gente, o escriptor não poderia ter escripto aquelle drama; escreveria um outro, em que talvez a mulher não se sacrificasse com espanto e indignação do marido... e da sociedade indigena.

Na verdade — e não trazemos aqui um conceito inedito, — a complicação moral, os prejuizos sentimentaes — para felicidade dos autores occidentaes e dos povos que lhes saboreiam as obras, — não passam de uma questão de latitude...

NOVO GENERO DE IMMORTALIDADE

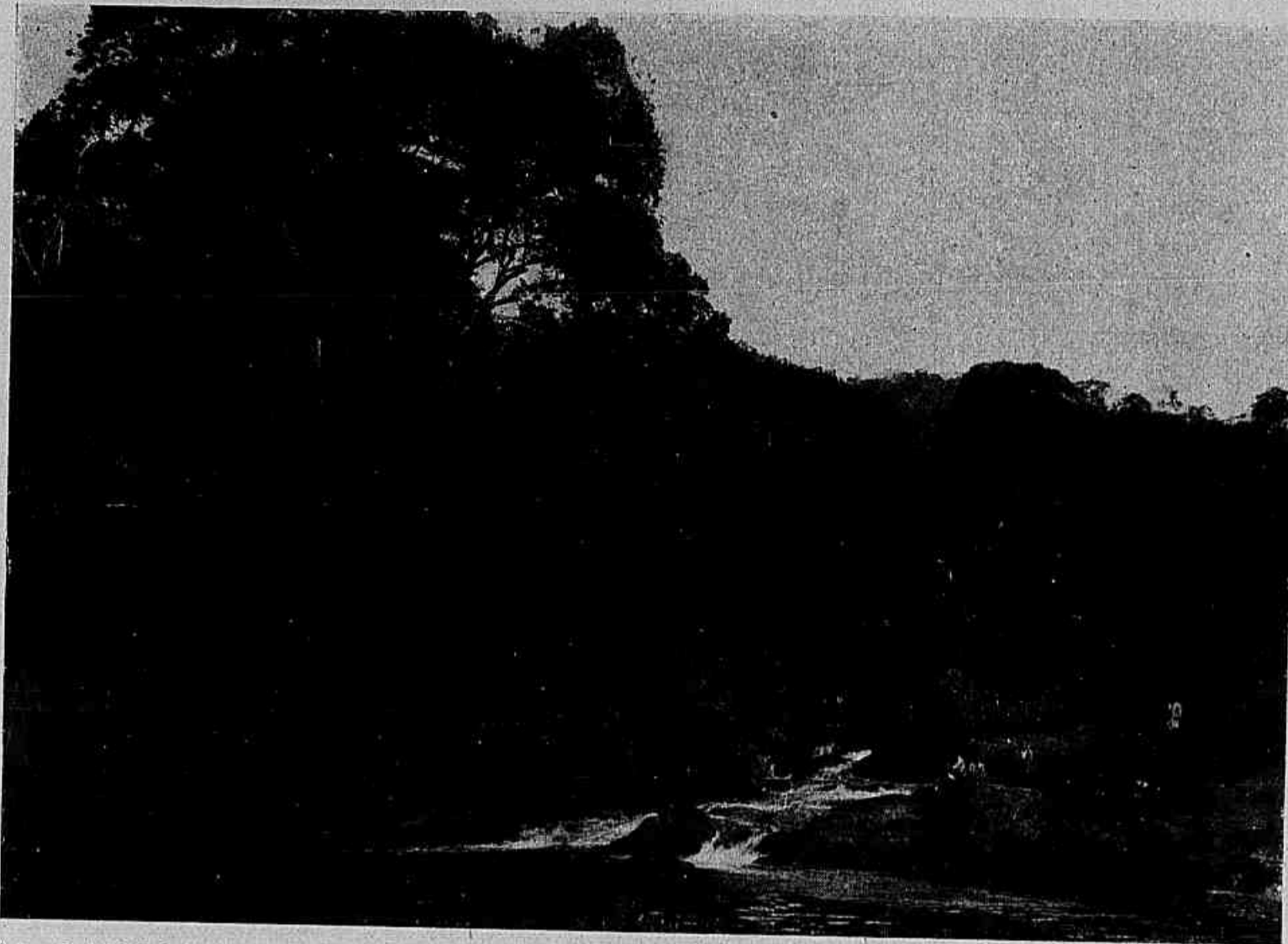
Alfred de Musset achava lamentavel que a gloria dos cantores fosse tão ephemera, e, de certo, esse pensamento lhe veiu da paixão que teve pela formosa e famosa Malibran, cujo nome pretendeu immortalisar em versos admiraveis.

Ora, não dispondo os admiradores new-yorkinos de Caruso dos recursos do poeta e desejando absolutamente prestar fervoroso culto á memoria do celebre tenor, sem recorrer á banalidade da estatua, recorreram a uma idéa verdadeiramente original.

Mandaram de presente á igreja de Nossa Senhora de Pompeia uma vela enorme, de cera, que lhes custou 3.750 dollars ou sejam quasi trinta e um centos de réis da nossa moeda.

Não se trata de uma vela commum, mas de um trabalho artistico, em relevo e pintura. De alto a baixo, vêem-se motivos Renascença, onde o nome de Caru'o está constantemente gravado.

A vela foi confeccionada com uma cera especial que queima lentamente.



“A CARIOCA”. PAIZAGEM DOS ARREDORES DA CAPITAL DE GOYAZ

Os doadores, ao que consta, suggestionados pelo cardeal Vanutelli, indicaram, no acto da entrega da vela, que só deveria ser accesa nos dias de grandes festividades religiosas.

Sendo assim, economicamente accesa, segundo os cálculos do fabricante, a vela deve levar mil e oitocentos annos a consumir-se. Só d'aqui a 18 seculos é que o fogo destruirá o ultimo pedaço da vela onde está gravado o nome do grande Caruso.

Não ha duvida, os yankees acharam a quasi immortalidade para o tenor da sua... devoção.

A UTILISAÇÃO DO CEU

As maravilhas da sciencia industrial, o espanto ante as sensacionaes proezas sportivas, o assombro pela descoberta de thesouros artisticos escondidos ha millenios, tudo, enfim, que podia surprehender-nos ficou relegado para um plano secundario, ante o espirito inventivo de um agente de publicidade, de concepção vertiginosa, que imaginou utilizar o ceu para uma réclame estupefaciente.

Paris, de ha muito que se orgulhava de ostentar nas fachadas das casas dos boulevards, ao anoitecer, telas onde se corriam films annunciadores, mais ou menos pittorescos. Os homens-saudwiches; as creanças cheias de sabão ou empanturrando-se de chocolate; os letreiros a giz no asphalto e um sem numero de ruidos attrahindo as attentões para taes ou quaes exposições de productos, mas o que ainda não tivera, nem sonhara ter, era um annuncio no ceu.

Durante uma semana, a população, de bocca aberta, lia no ceu o nome de uma marca franceza de automoveis, projectada de um avião, apenas assinalado pela densa fumaça branca que traçava em grandes letras a réclame original.

Agora já não ha mais duvidas: pode alugar-se um certo numero de metros quadrados para annunciar os productos commerciaes. A que preço chegará o metro quadrado, não é facil calcular, mas o que se pode exigir é que este genero de réclame seja regulado de um modo artistico e que não escandalise demasiado os nossos olhares. Os assumptos allegoricos e symbolicos são os mais indicados, se bem que os themas mythologicos e religiosos não deixem

de ter sua oportunidade. E' um novo campo aberto á imaginação fervida dos annunciadores.

E n'esta epoca da vida vertiginosa quem nos diz que o ceu não virá a ser utilizado, entre nós, por alguma grande empreza jornalistica? E tamos d'aqui a vêr os cariocas, á noite, n'essas horas tranquillias que precedem o momento de recolher ao leito, sentados á porta de casa, a lêr no azul do firmamento as ultimas noticias illustradas com caricaturas do Luiz do J. Carlo, do Fritz...

Mas que advirá depois?

O Conselho Municipal, na sua ancia de arranjar receita para pagar o deficit da Prefeitura, lançará um novo imposto:

“§ 1.º — Cada metro quadrado de ceu será cobrado á razão de X.”

E nomear-se-á um batalhão de fiscaes nocturnos que... absorverão a receita.

EXCESSOS... DEMOCRATICOS

Ultimamente, na Polonia, as exigencias dos empregados de restaurants chegaram a um exaggero tal que os proprietarios acharam preferivel vender os estabelecimentos. Não pode fazer-se idéa da ganancia d'esse pessoal que, além do mais, pouco ou nada queria trabalhar.

Os compradores foram ás sociedades de resistencia d'esses mesmos empregados, alliados aos gerentes. Mas agora os vereis! Como proprietarios põem-se nas suas tamanquinhas e não admittem que se lhes chame: *garçon*. Quem quer ser servido, tem de lhes dar o tratamento de *senhor*.

O espirito democratico subverteu as corporações na Europa.

Na Tcheco Slovaquia, cujo povo está eivado de certa bruteza militar, um *garçon* de restaurant declarou a um jornalista: “Entre nós, reina uma democracia absoluta. Aqui, tanto vale um jornalista, como um empregado de restaurant.”

Na Polonia, apesar da democracia invasora, ainda existe uma certa polidez, pelo menos superior á dos paizes visinhos.

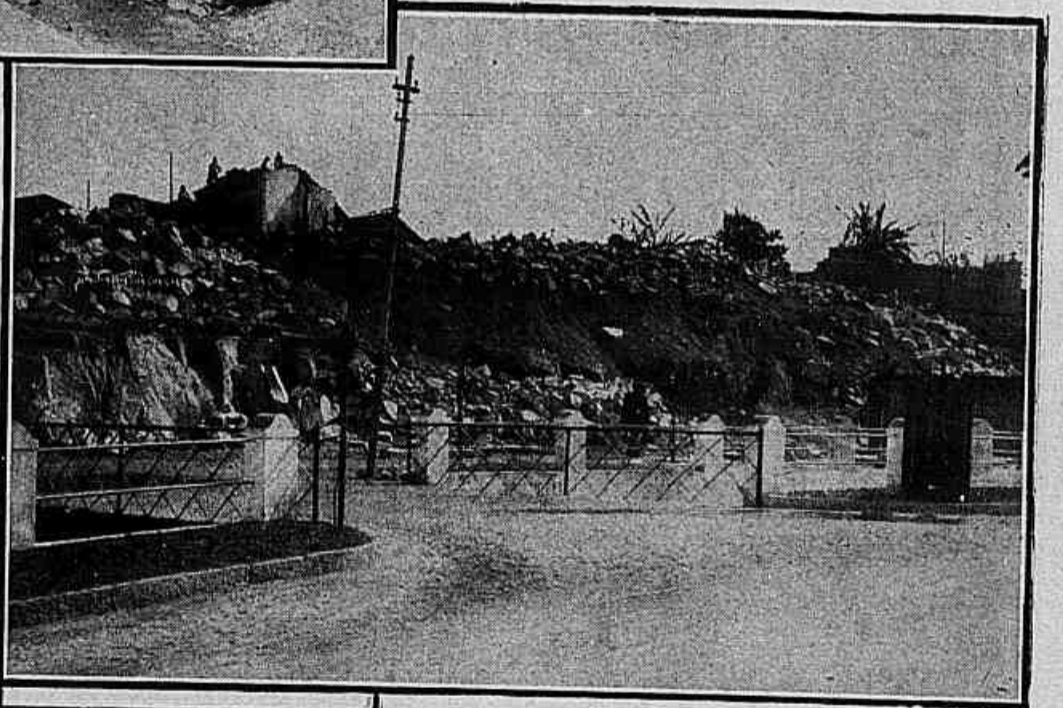
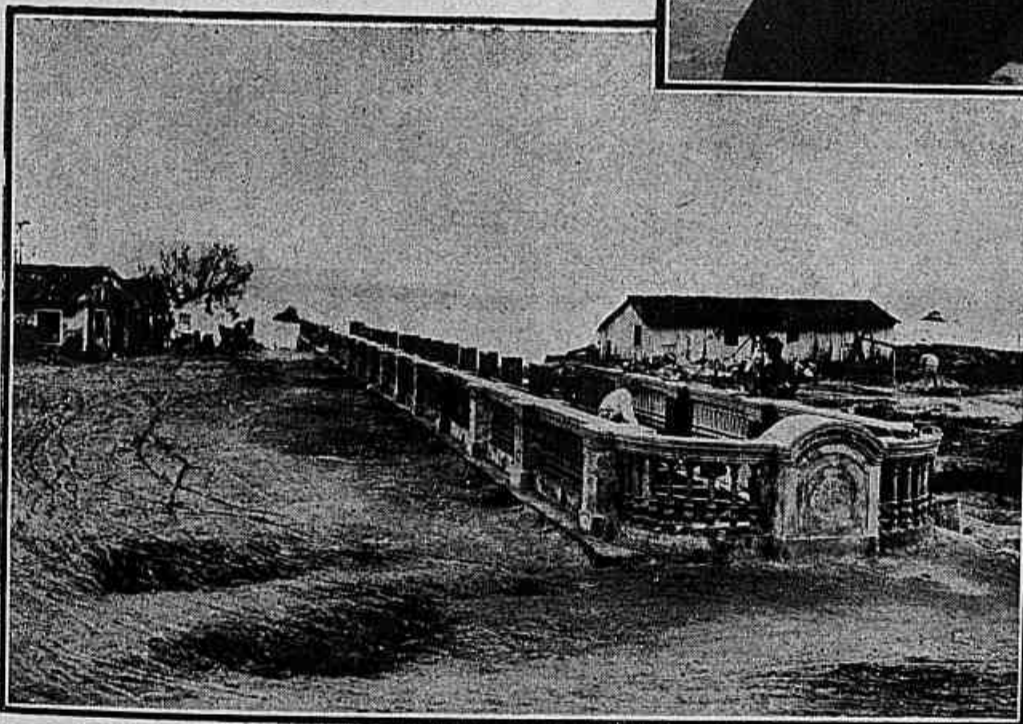
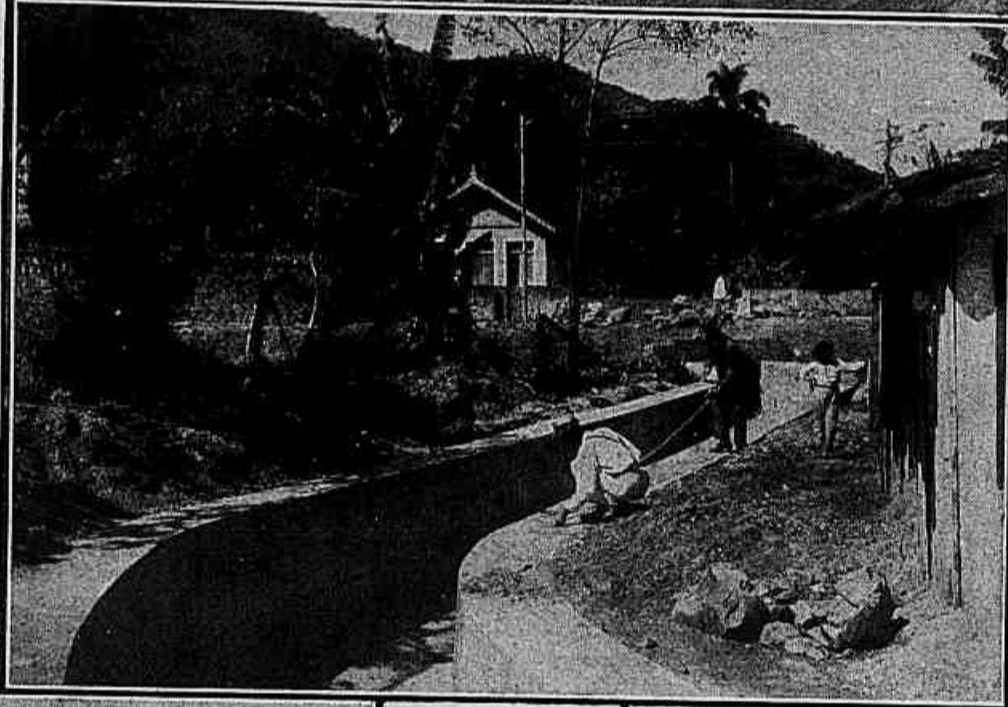
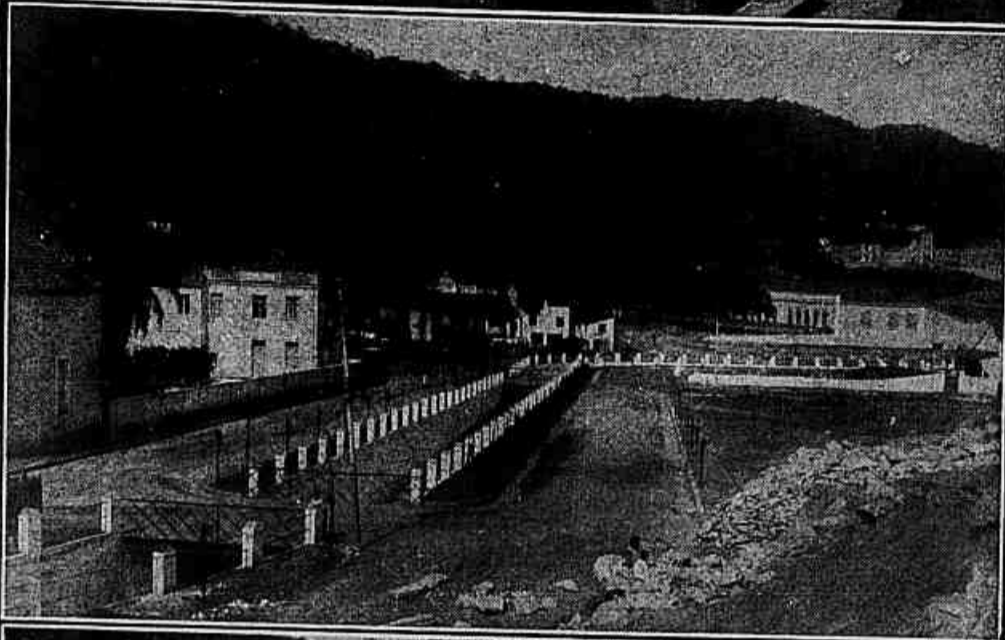
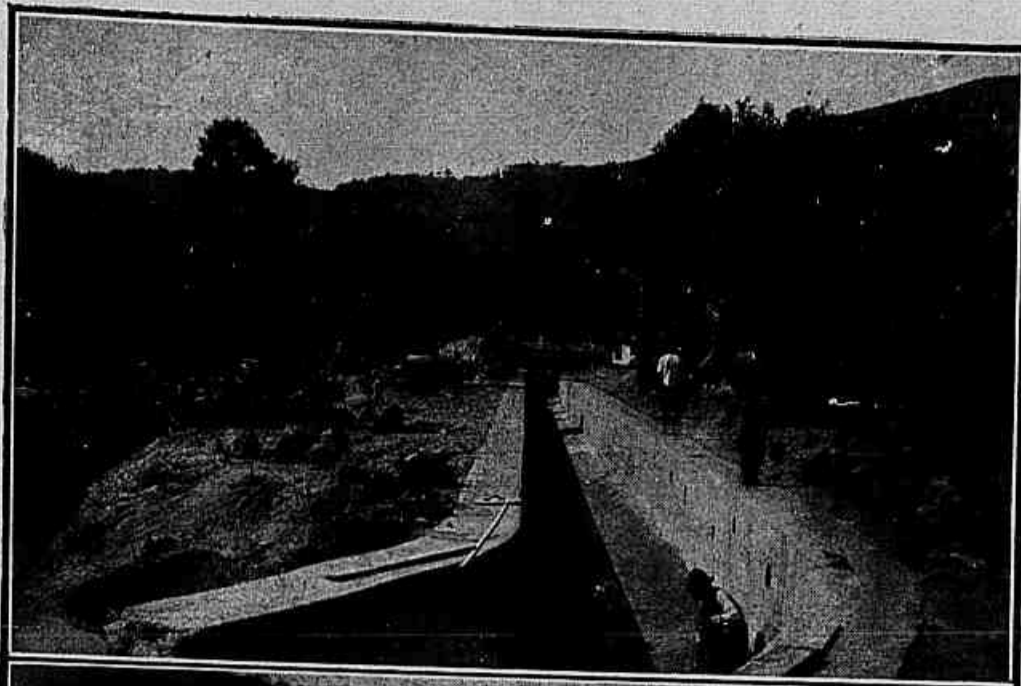
A democracia levar-nos-á a resolver o problema dos serviços domesticos pela mecanica, como affirmou certo escriptor?

O BRASIL QUE
PROGRIDE

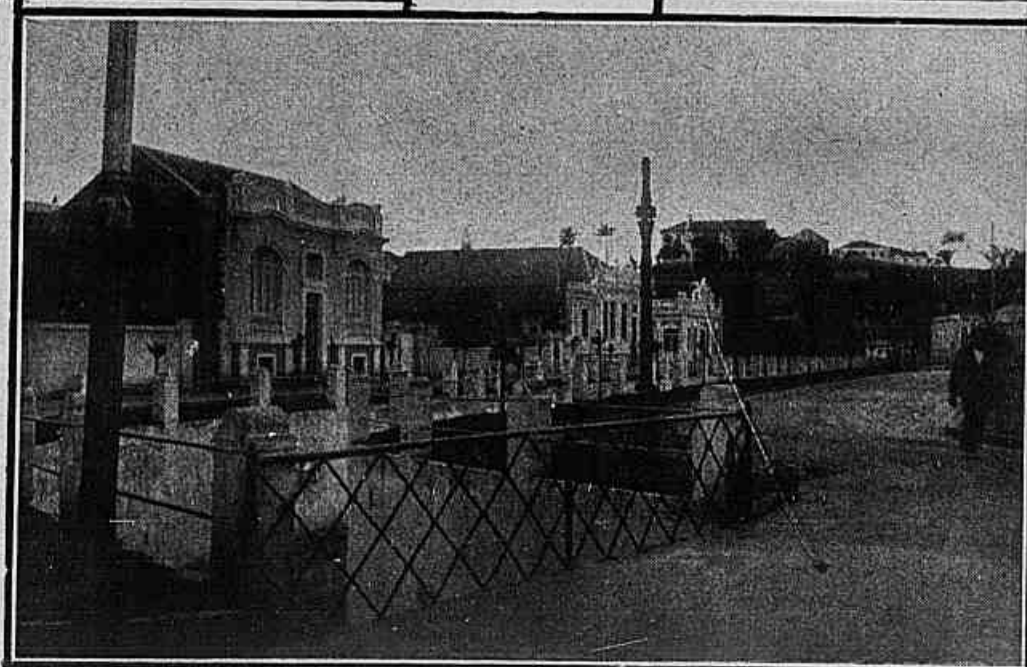
ESTADO DE SANTA
CATHARINA

A ACÇÃO DO SR. DR. HERCILIO
LUZ, EM SANTA CATHARINA, DEU
ÁQUELLE PEDAÇO DO SUL DO BRASIL,
UMA VIDA NOVA, TORNANDO-O,
PELO TRABALHO E PELA JUSTIÇA,
ORGULHO DA GRANDE PATRIA

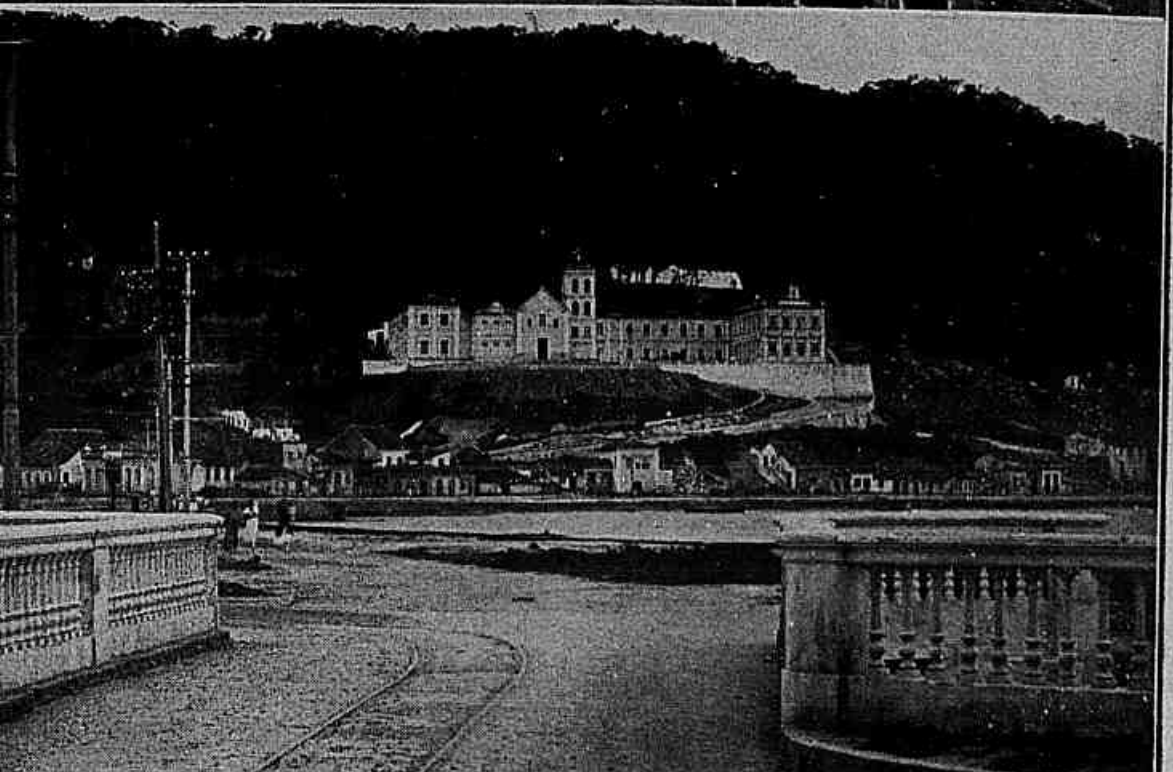
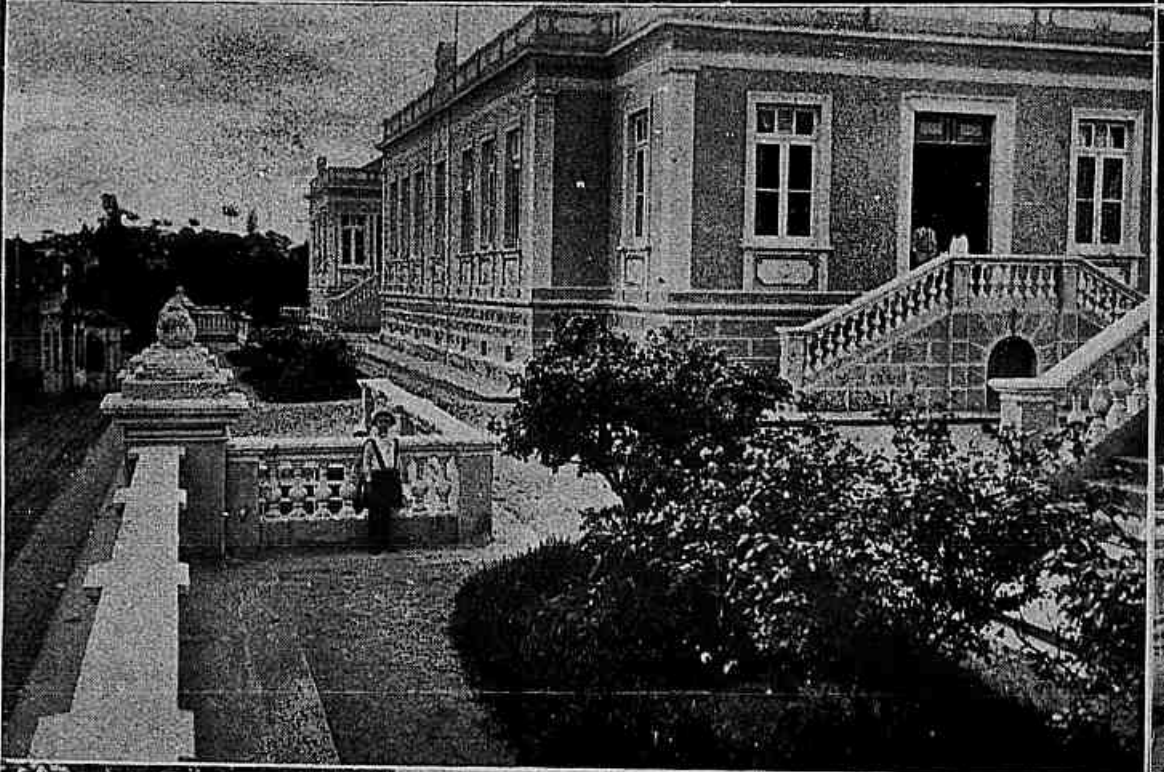
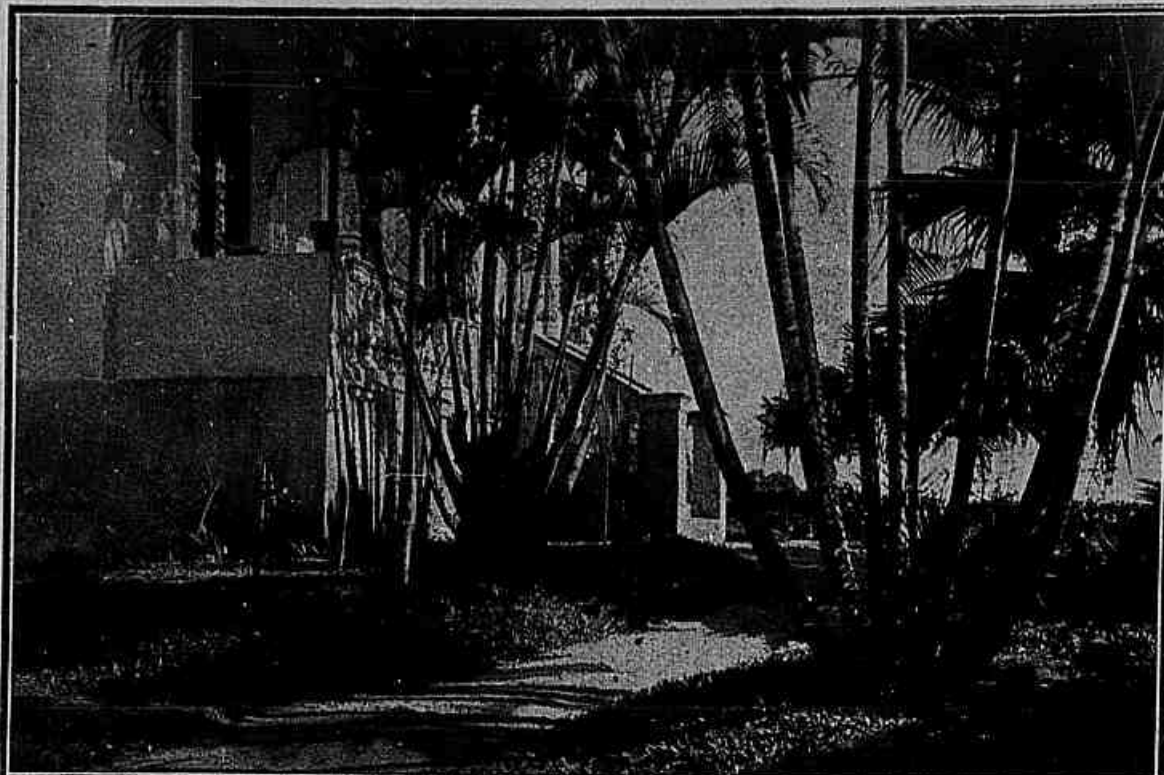
O ILLUSTRE GOVERNADOR, DONO DE
CULTURA APURADA, AO PAR DE TODO
O MOVIMENTO DO MUNDO MODERNO,
ADIANTOU DE MUITOS ANNOS A SUA
TERRA, CUIDANDO-LHE AO MESMO
TEMPO DO DESENVOLVIMENTO INTEL-
LECTUAL E MATERIAL



OBRAS DE SANEAMENTO NA CAPI-
TAL DO ESTADO



DIVERSOS ASPECTOS DA LINDA ILHA
DE SANTA CATHARINA



ESTADO DE SANTA CATHARINA, FLORIANOPOLIS: PALACETE DO DR. HERCILIO LUZ — LADO ESQUERDO DA PRAÇA 15 DE NOVEMBRO — GRUPO ESCOLAR LAURO MULLER — TRECHO DA AVENIDA LUZ — ESTRADA CIRCULAR DA ILHA: TRECHO DA ESTRADA VELHA — CAMINHO DO SACCO DOS LIMÕES — CAMINHO DAS TRINCHEIRAS — ESTRADA DA LAGOA: CAMINHO DAS TRES PONTES



OSCAR PEREIRA
DA SILVA

DALILA E SANSÃO EN. DE BELIAS ARTES

Em torno da Diathese exsudativa

do Prof. Paulo Moreira



DOLHIDA embora, ainda hoje, nas malhas da discussão, a diathese continúa a absorver, no seu bojo, numero extenso de entidades morbidas mal esquadrihadas, de explicação imprecisa.

Sobre ella estão-se quasi a repetir as palavras de Demócrito na: "Reflexões moraes": "Certo, não sabemos nada, porque a verdade está soterrada nas profundezas."

Trousseau, o mestre admiravel, considerava-a um estado especial, disposição particular da economia, hereditaria ou *adquirida*, mas essencialmente, invariavelmente chronica, em virtude da qual se produzem, sobre expressões identicas no fundo, variaveis e moveis quanto á forma, disturbios morbidos em geral francamente caracterisados.

Não fosse a prolixidade e interessante seria estudar a evolução que, desde a epocha empirica da Medicina, vem tendo a significação de diathese. Não ha talvez ponto de sciencia que tenha soffrido tantas alternativas, tantas fluctuações, que seja mais vago e mais preciso, mais extenso ou mais restricto. Desde os tempos hyppocraticos até o seculo XVIII, tudo se resumia na incerta denominação, e se dizia um modo de ser, um temperamento talvez, que tudo concreti sava.

A era pasteuriana, que tudo revolucionou, trouxe tambem a separação de duas especies de affecções: as diatheses propriamente ditas ou as endogenas e as infecções ou as exogenas. Bouchard, porém, firmado na pathologia cellular, talhada por Virchow e na physiologia pathologica, cujo vôo grandioso coube a Claude Bernard, evidenciou o laço intimo de parentesco entre as duas, pela coexistencia nos mesmos individuos e, ao grande numero de doenças, por debilidade da nutrição, onde andavam englobadas a gotta, a obesidade, a lithiase urica, a asthma, etc... chamou, em conjunto, diathese arthritica ou arthritismo.

O que é, afinal, uma diathese, em synthese, caracterisada na infancia? Ora, com frequencia extraordinaria, notam-se, em algumas creanças, disturbios especies da saúde, abalo franco do estado geral, embora para elles possa haver o cuidado decidido de evitar qualquer damno de seu organismo. Não obstante, elles adoecem, apresentam seu quadro morbido, mais ou menos diffuso.

O que se deve concluir, pois, de tudo isto? E' que em taes creanças — e ahí está a explicação melhor da diathese — ha uma propriedade especial da economia ou, digamos mais acertado, uma susceptibilidade maior para certas perturbações. E' peculiaridade individual de origem congenita, vinculada intimamente á herança, situação a produzir manifestações pathologicas, por acção de estímulos physiologicos.

Quadro mais distinctamente comprehendido, quando entra em scena o parallelismo entre lactentes submettidos ao mesmo regimen alimentar, onde a prosperidade, o estado florido de uns, vem contrastar com a apparencia lastimosa de outros.

A aproximação entre os estados diathesico e anaphylactico, é evidente. Retrata-se, em ambos, a vilivel inclinação ás enfermidades, cujas causas são analogas: injección ou ingestão de substancia estranha, quer seja ou não toxica, vem determinar a descarga anaphylactica, assim como a falta de hygiene ou erro alimentar faz surdir a scena diathesica.

A diathese não é, portanto, uma doença, mas uma tendência ás doenças.

Sem duvida que, da reunião das differentes constituições morbidas, resalta, como muito importante para o pediatra, a chamada *Diathese exsudativa, catarrhal ou inflammatoria*.

Nasceu de uma nebulosa e, ainda agora, ra teja em terreno litigioso. Para os que abraçam a concepção admiravel de Czerny, sentem nella a synthese intelligente de symptomas variados e inexplicaveis até então, assim como assistem a jorros de luz sobre pontos obscuros e a efeitos therapeuticos surprehendedentes... Fel-a brotar Czerny da syndrome confusa da *escrophulose* que, na pediatria de annos passados, englobava variados aspectos morbidos, de natureza phymatosa uns, outros alheios á tuberculose. Depois de sua descripção, todos os disturbios e *scrophulosos*, não produzidos pelo bacillo de Koch, entraram no capitulo vasto da Diathese exsudativa.

De facto, justo foi distinguil-as, porquanto a *escrophulose* é conhecida como fórma de tuberculose ganglionar na infancia, havendo intimos pontos de contacto, a confirmar tal asserção. Quem ignora serem as manifestações *escrophulosas* tantas vezes associadas ás de caracter tuberculoso? Assim, por ex. a micropolyadenopathia é encontrada nos tuberculosos. Necropsias de creanças *escrophulosas* vêm, de continuo, mostrar processos bacillares, nos ganglios tracheo-bronchicos, e se evidencia a reacção positiva a tuberculina naquelles que, em vida, denotam hypertrophia ganglionar, com caracter de *escrophula*.

Dahi se conclue o papel importante, na caracterisação da Diathese inflammatoria, do exaggero de volume dos ganglios, sem caracter phymatoso.

E justamente nisso vem residir o facto da conexão entre a susceptibilidade aos procesos catarrhaes reincidentes e a tumefacção dos ganglios lymphaticos. Amiude tão bem se coordenam os dois systemas, que se pôde falar, com acerto, em *diathese catarrhal-lymphatica*. Não raro, o laço intimo se estabelece com evidentes perturbações nervosas, e architecta-se a *diathese neuro-lymphatica*.

Na magnifica these de doutoramento do Dr. Mario Olinto (Contribuição ao estudo da Diathese exsudativa. O acido urico nas fezes) lê-se:

"Repetindo um conceito ouvido de Arthur Keller, affirmava Olinto de Oliveira, em suas lições clinicas, que a concepção da diathese exsudativa era um dos cinco fundamentos basicos da moderna pediatria allemã.

No modo de pensar de Fernandes Figueira a diathese exsudativa é uma anomalia constitucional da creança, caracterisada por certas perturbações de metabolismo e uma accentuada predisposição ás infecções."

Degladiam-se, ainda hoje, no estabelecer barreiras, neste terreno, as escolas franceza e allemã.

Difficil é decidir a quem assiste razão, se aos francezes, com o arthritismo, tendo Comby á frente, se aos allemães, com a Diathese inflammatoria, chefiada por Czerny.

Com mais justeza, diremos que ambas podem andar bem, mas o que não deixa duvidas é que ellas se separam.

No arthritico de Comby existe um numero interminavel de symptomas, onde, a par os da diathese exsudativa, surgem outros, vagos, confusos, geraes, de associação evidente com os signaes que constituem a *diathese espasmophylica*.

A Diathese exsudativa, porém, é uma synthese precisa, nitida, de varias perturbações morbidas, e que se impõe ao pratico, nos misteres da clinica.

Pfaundler que descreve, separadamente, no tratado de Feer: "Lehrbuch der Kinderheilkunde", as duas predisposições, no que affirma admittir tambem a diathese urica, contesta que o enxerto do arthritismo em terreno exsudativo não é constante, e discrimina-as de caracter bem distincto.

Permaneça a pathogenia de ambas ainda na obscuridade, dando azas a que muito se discute, ha, contudo, pontos interessantes e essenciaes entre as duas, que estabelecem bastida, a evitar confusão. Um delles é o resultado therapeutico, como veremos, com as modificações dieteticas, sobretudo no que tange ao metabolismo das gorduras, facto não assignalado no arthritismo da escola franceza, pois este tem marcha lenta, progressiva, de alteração difficil, ao recurso do tratamento.

E não é só. Poder-se-ia ajuntar a circumstancia de se conhecer o exsudativo desde o nascimento, architectando typos caracteristicos da tendencia doentia, o que se ignora na descripção de Comby.

E, com gozudo, e para pesar mais ainda, cito-vos a conclusão da these do Dr. Mario Olinto:

"As minhas pesquisas, sem dirimir a questão, trazem um contingente de certo peso em favor da opinião de Czerny, Lichmann e outros, negando a existencia de relações entre a diathese exsudativa e a chamada diathese urica", pois elle apoia-se nas palavras proclamadas á pag. 27 do seu trabalho:

"Sabe-se, pelas pesquisas de Niemann, Uffenheimer e Kern, em creanças exsudativas ou chamadas arthriticas, que o metabolismo das purinas se comporta como nas creanças normaes, salvo um certo desvio nas curvas da excreção, indicando uma leve perturbação daquelle metabolismo. Por outro lado, Czerny recusa-se a admittir uma assimilação entre a diathese exsudativa e a diathese urica, não só porque ao contrario do que nesta se observa, uma alimentação rica em purinas não prejudica os exsudativos, como porque casos graves destes são encontrados com uma alimentação em que ellas são escasas.

As pesquisas de Liefmann sobre a proporção do acido urico do sangue na infancia, estudando varias creanças normaes e doentes, falam no mesmo sentido: um augmento de acido urico no sangue não pôde ser considerado como symptoma obrigado da diathese exsudativa, e não se justifica uma idéa de dependencia entre esta e a diathese urica."

☆☆☆

Analysemos com grande cautela os symptomas que denota o exsudativo, logo ao nascer, embora devamos tomal-os em consideração, em suspeita necessaria da anormalidade intrinseca.

Assim, por exemplo, contraste curioso se estabelece entre recém-nascidos de aspecto debil, de peso escasso, atrophiados, enfim, e seus progenitores, fortes, robustos. Evidencia-se, ás vezes, nelles, o tufo de cabelo, especie de penacho, alçado na altura da sutura frontal.

De todos os signaes, porém, estampados no recém-nascido, encare-se, como primordial e mais constante, o retardamento do readquirir a curva normal do peso, depois da perda physiologica.

Não obstante alimentação opportuna e sufficiente, o peso fixa-se estacionario. Semanas a fio, detem-se-lhe o desenvolvimento. Pensa-se na pobreza alimentar, quantitativa ou qualitativa, nada, porém, modifica a situação, quer haja augmento das rações, quer mudança da nutriz.

Este facto leva-nos a pensar no fracasso da alimentação natural, visto que, apesar de todo methodo, o individuo continúa na sua desnutrição.

Tal o *habitus* commum do diathesico.

Mas, a esse typo de inferioridade nutritiva, tão pequeno e fraco que causa dó, junta-se, de quando em quando, aquelle que constitue o orgulho dos paes, ao vêr o filho contrastar com outros da mesma idade, pois os sulcos accentuados, a papada á mostra,

lhe exaggeram a gordura que mal lhe permite o deslocamento dos membros.

Estes, nos concursos de robustez, onde não toca o dedo do pediatra, logram, em geral, conquistar o primeiro plano, quando, em verdade, se lhes fosse apreciada a capacidade physiologica, muito longe estariam de elogios e classificações distinctas! Flacidos, por augmento do conteúdo d'agua nos tecidos, tendem sempre a engordar, e reveste-lhes o tegumento accentuada pallidez, realisada mais por eschemia que por anemia e completa assim o *habitus pastoso*.

É caracteristico do estado *thymo-lymphatico*, tal o baptizou Paltauf.

"Der Status thymico-lymphaticus ist eine der wichtigsten der angeborenen und vererbaren Konstitutions-Anomalien; die Trager dieser besonderen Konstitution sind pradisponiert for die Entwicklung, einer ganzer Reihe pathologischer Progresse von denen ein nicht geringer Teil in erster Linie die Drusen mit innerer Sekretion in ihren Funktionen beeintrachtigt", define Josef Wiesel, na obra de Lewandowsky: "Innere Sekretion und Nervensystem".

Liga-se intimamente á Diathese exsudativa, fazendo corpo com ella, embora descripta á parte por autores varios.

Digamos, então, que o estado *thymo-lymphatico* nada mais é que a expressão de uma debilidade congenita de órgãos ou de systema de órgãos.

Ahi estão essas creanças que crescem mal, nascidas já de peso escasso, cujo evoluir é lento, preguiçoso, difficil, aos quaes denominou a sciencia de *hypoplasticos*, de caracterisação tal a não se hesitar em agrupal-os no numero dos diathesicos. Ardua é a differenciação desse grupo com o dos chamados *hypotrophicos* de Variot, cuja unica distincção está em que adquirem a inferioridade material e funcional, após o nascimento, enquanto que os primeiros iniciam congenitalmente suas anomalias. Neste grupo está desenhada a hyperplasia dos órgãos lymphaticos e do thymo.

É sabido que, em relação ao resto do corpo, esta ultima glandula é maior ao nascimento, embora se mantenha bem desenvolvida na infancia. Consiste em dois lobos, um de cada lado, subdivididos em *lobulos*. O tecido conjunctivo que os envolve contém vasos sanguineos, lymphaticos e nervos. Cada lobulo é composto de uma cortex e de uma medulla.

É órgão de funções obscuras; os experimentadores divergem em suas demonstrações e, pela injeção do seu extracto, assignalaram, apenas, de commum, o desenvolvimento dos órgãos genitales.

Ha symptomas que nos permitem pensar na hypertrophia do thymo. Ao lado do augmento de massiez que se confunde, com frequencia, com a do coração, accentuam-se: a saliencia da glandula, em alguns casos, acima da furcula esternal e o arqueamento do esterno.

Recorre-se tambem á radiographia, de penosa obtenção — que o digam os radiologistas — pois a agitação da creança, ao lado do empecilho no respirar, difficilmente deixa perceber sombra nitida.

O capital dos signaes da hypertrophia thymica, é, porém, a dyspnéa. Com caracteres identicos á que nasce na larynge, pôde surgir desde as primeiras horas da vida. Ha tiragem, seguida de pieira, nos dois tempos, predominando na inspiração. Torna-se isto permanente, accrescido de intensidade, no decubito dorsal, na extensão forçada do pescoço, no exame da larynge, durante o somno, no grito e choro da creança. Nem a tracheotomia, nem a intubação a modificam. Dahi resalta, pois, um accesso de asphyxia aguda, sobrevindo a morte nessas circumstancias. Tem-se visto a compressão da trachéa, ao nascimento, exhibir-se de caracter brusco, o que mata o pequenino, instantaneamente.

Sob a influencia de angina infecciosa ou do soro anti-diphtherico, como o assignalaram Escherich, Paltauf, Combe, e Gallotti, sóe desvendar-se congestão brusca do thymo, que tira a vida ao infante, e que nos induz a considerar a morte thymica. Como explical-a? Sua pathogenia segue a marcha, eivada de hypotheses. Pois a creança, em plena saude, sem o mais leve signal de compressão da trachéa, morre

por syncope, e a necropsia vem mostrar, tão cômente, a hypertrophia do thymo. Um lactente, após a ultima mammada, dorme como de costume. Horas depois é encontrado morto no berço... Entram em scena cogitações varias, onde não faltam a idéa da asphyxia pelas cobertas e o acto criminoso. O exame cadaverico desvenda augmento consideravel da glandula, caminho aberto para suspeitas seguras.

Tambem para Paltaulf, o aparelho cardio-aortico é hypoplasico, descobrindo-se, no sangue, apreciavel lymphocytose. "In letzter Linie sei der Tod ein Herztod, da die Herzen der lymphatisch konstituirten Menschen ebenso leicht versagen wie die organisch Herzkranker", diz Josef Wiesel.

Ha, como vamos vêr, ao depois, nos thymo-lymphaticos, uma vagotonia, cujos accidentes bruscos se explicam pela inibição do coração, visto romper-se o equilibrio entre o tono do sympathico e do pneumogastrico.

Explica Svehla os accidentes syncopaes pelo facto do thymo lançar na circulação productos toxicos, a determinarem excitabilidade particular dos centros nervosos cardiacos. Se o individuo normal a elles resiste, não se dá o mesmo com o exsudativo, em constante hyperthymisação.

Ha quem ache melhor apoio, nos phenomenos compressivos sobre o pneumogastrico.

A chamada *asthma thymica* entra em jogo nestas circumstancias.

De subito, leva a creança a cabeça para traz, em esforço inaudito, em ancia violenta de exygenio, procurando uma inspiração. Dilatam-se-lhe as pupillas, e para cima reviram-se-lhe os olhos.

Toda a *facies* se lhe altera, em transfiguração. Azulados e edemaciados permanecem os labios, fica a lingua perra entre as arcadas dentarias. Entumecem-se, desenhando-se nitidas, as veias jugulares. Os dedos das mãos contraem-se cyanosados. Os membros inferiores quedam-se ou em pronação ou em supinação, assim como se nota accentuada cyphose. Lucta o pequenino sem treguas, com os phenomenos compressivos, n'uma sêde de ar. Toda intervenção é inutil e dentro de 1 ou 2 minutos é o infante um cadaver.

Incontinencia de fezes e urinas, bradycardia, hypotensão arterial, etc., são outros tantos symptomatos que retratam o accesso da *asthma thymica*.

O exsudativo exhibe uma polyadenopathia chronica, de volume exiguo, a generalisar-se a todos os ganglios do organismo, superficiaes ou profundos. Estabelece-se, dest'arte, o typo clinico bem distincto, da micropolyadenopathia.

Concomitante a outros symptomatos da Diathese exsudativa, ou independentemente, os ganglios mostram-se hypertrophiados nas regiões cervical, submaxillar, axillar, inguinal, duros, indolentes, a rolar sob os dedos, de pequenas dimensões, isolados da pelle e dos tecidos subjacentes, não adherindo entre si.

Leva-me isso a dizer que, entre doentes manifestamente diathesicos, tenho encontrado o que se entende por *febre ganglionar*, em ausencia de tuberculo.

E, entre elles, cito-vos duas irmãs que vou observando ha tempos, que, por motivo obscuro, se mostram com febre elevada e, ultimamente, têm apresentado quadro tydico de temperaturas diarias. Uma tem 9, a outra 6 annos de idade. A mais moça soffreu de pertinaz eczema, quando com 8 mezes, com rebelde crosta lactea e seborrhéa do couro cabelludo, tendo característica *lingua geographica*, sobre o que falarei em breve. Agora, ha uns 4 mezes, com exames, quer clinicos, quer laboratorias negativos, denotam uma curva thermica que só permite seja incluída na febre ganglionar, pois ambas soffrem de micropolyadenopathia geral.

Completando a symptomatologia vasta do thymo-lymphatico, percebem-se, como é de prever, a hyperplasia das amygdalas pharyngéa e palatina, com todo seu circulo morbido e todas suas consequencias. Mesmo em casos leves de Diathese exsudativa, o baco é, frequentemente, palpavel. Em outros, em que são possíveis exames necropicos, vae-se encontrar

hypertrophia das placas de Peyer e dos folliculos solitarios intestinaes.

Um dos caracteristicos mais curiosos do processo descamativo da Diathese exsudativa e tão assiduamente encontrado, é a chamada *lingua geographica*.

Não se queira dizer seja exclusiva dos diathesicos, mas é symptoma que, amiude, lhe acompanha a phenomenologia multiforme. Sem precisão, tem-se-lhe attribuido a presença á syphilis, á tuberculose e, mesmo, dão-lhe alguns origem parasitaria. O certo é apresentar-se seguido entre os doentinhos que descrevo e, não raro, persiste até á idade adulta.

A lesão passa, de começo, despercebida dos paes. Um bello dia levam o filho ao medico, na persuasão de capinhos, aphtas ou qualquer outra lesão da bocca, isso só depois das infructiferas fricções, na lingua do pequeno, de varias substancias, taes o mel roçado e o bicarbonato de sodio.

Inicia-se como pequena mancha, levemente acizentada, na superficie da lingua. Rapidamente e de caracter irregular, augmenta de dimensão, emquanto se assiste ao esvaecer da côr clara a dar logar a um rubor intenso, pois nella desapareceram o epithelio e as papillas filiformes. Os bordos cinzentos e levantados, consistindo de espessamento epithelial, avançam celeremente sobre a extersão da lingua que, dia a dia, muda de aspecto. Emquanto a região proxima aos bordos acuminados é de um vermelho vivo, a parte central, lentamente, toma coloração natural do orgão. Pelas differentes zonas descamadas e pelos limites nitidos, explica-se o epitheto feliz de *lingua geographica*.

Fastidioso e longo seria descrever a multiplicidade de symptomatos, nos differentes aparelhos, da Diathese exsudativa. A analyse detalhada dello não se encaixaria, no corpo desta palestra. Por isso, chamar-vos-ei a attenção, tão sómente, para os pontos capitaes.

Afóra a presença da lingua geographica, devo accentuar, para o lado do tubo digestivo, phenomenos attribuveis, de certo, á predisposição morbida que discuto. Entre outros, assignale-se o que Marfan, em recentes publicações, tem descripto com o titulo de *Vomitos periodicos com acetonemia*, representante distincto de manifestação, ora de caracter neuropathico ora de disturbio do intercambio nutritivo, e que, para mim, deve ser incluído na Diathese exsudativa.

Entre as causas que incrimina, ha a hyperalimentação com corpos gordurosos que, como veremos, representa papel de destaque na scena da Diathese inflammatoria.

O baptismo do notavel pediatra francez á syndrome alludida firma-se nos seus caracteres principaes.

Pois, na generalidade, a creança que é constipada, antes do primeiro vomito, denota o habito com cheiro de acetona, e tudo que ingere, mesmo a agua pura, é rejeitado de modo violento, por vomitos, seguidos de esforços impetuosos, embora, ao principio, sejam faceis, repentinos, como nos estados meningiticos.

Emquanto persistem os symptomatos, desprendem-se da bocca do pequeno exhalações de acetona, comparaveis ás do chloroformio, misturado ao acido acetico. O mesmo excesso se percebe na urina.

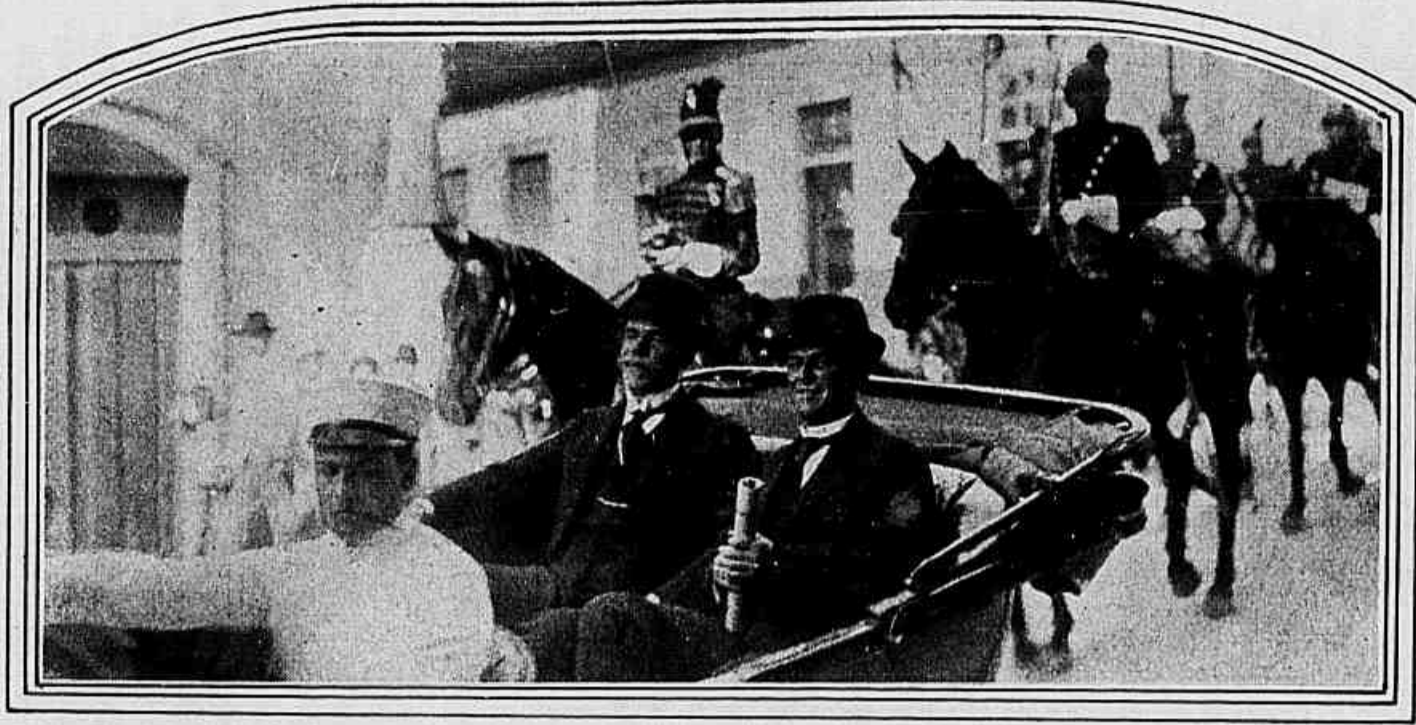
Alcancem os vomitos seu mais elevado gráo, pareça um doente um moribundo, a cura, comtudo, é a regra, a morte — excepção.

Ao lado, leva-me a collocar o *pyloro-espasmo*, de etiologia tão obscura. Occorrido, sabe-se, mais amiudado na alimentação artificial, attribuem-no alguns á hyperirritabilidade muscular physiologica do lactente, auxiliado pela acção mechanica do alimento ou dos productos chimicos da digestão.

Inclinados á *appendicite* e ás *hemorrhoides*, os diathesicos são sujeitos tambem a crises francas de constipação rebelde.

(Conclue no proximo numero)

O CINCOEN-
TENÁRIO DA
CONVENÇÃO
DE ITÚ



AS IMPONENTES
COMMEMORAÇÕES
DAQUELLE
ACTO

CHEGADA DO SR. PRESIDENTE DO ESTADO, ACOMPANHADO DO PREFEITO DE ITÚ



O DR. WASHINGTON LUIS FAZENDO O DISCURSO INAUGURAL
DA SESSÃO SOLEMNE



O DR. CARLOS DE CAMPOS LENDO A SUA NOTAVEL ORAÇÃO



ASPECTO DA ASSISTENCIA NA SALA HISTORICA

NO SALÃO DE
HONRA DA CAMARA
MUNICIPAL DE ITÚ
LOGO DEPOIS DA
CHEGADA DO
SR. PRESIDENTE E
SUA COMITIVA



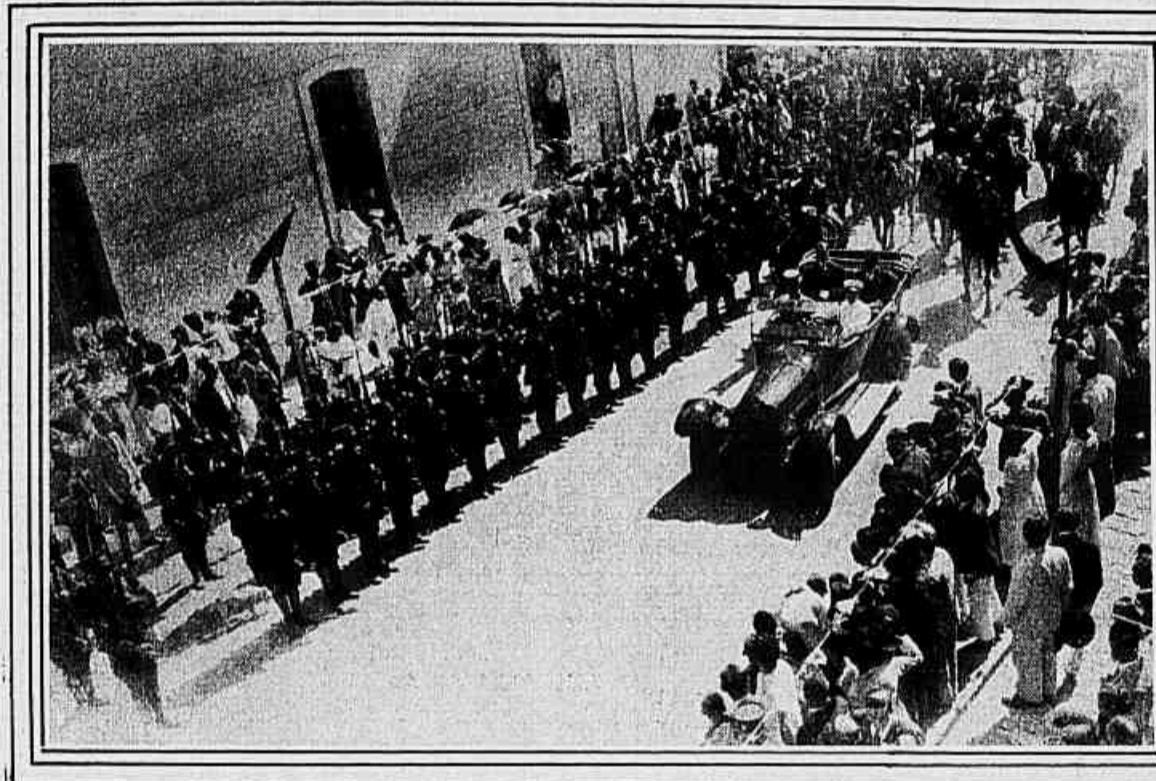
A' SAHIDA DO
MUSEU HISTORICO
REPUBLICANO, APÓS
A REALISAÇÃO
DA SESSÃO MAGNA
RECORDATIVA DA
DE 1873

A CIDADE
DE
ITÚ EM
FESTA



MEMORIA
AOS
REPUBLICANOS
DE 1873

GRUPO DE SENHORINHAS DA SOCIEDADE DE ITÚ



A CHEGADA DO SR. PRESIDENTE AO MUSEU HISTORICO

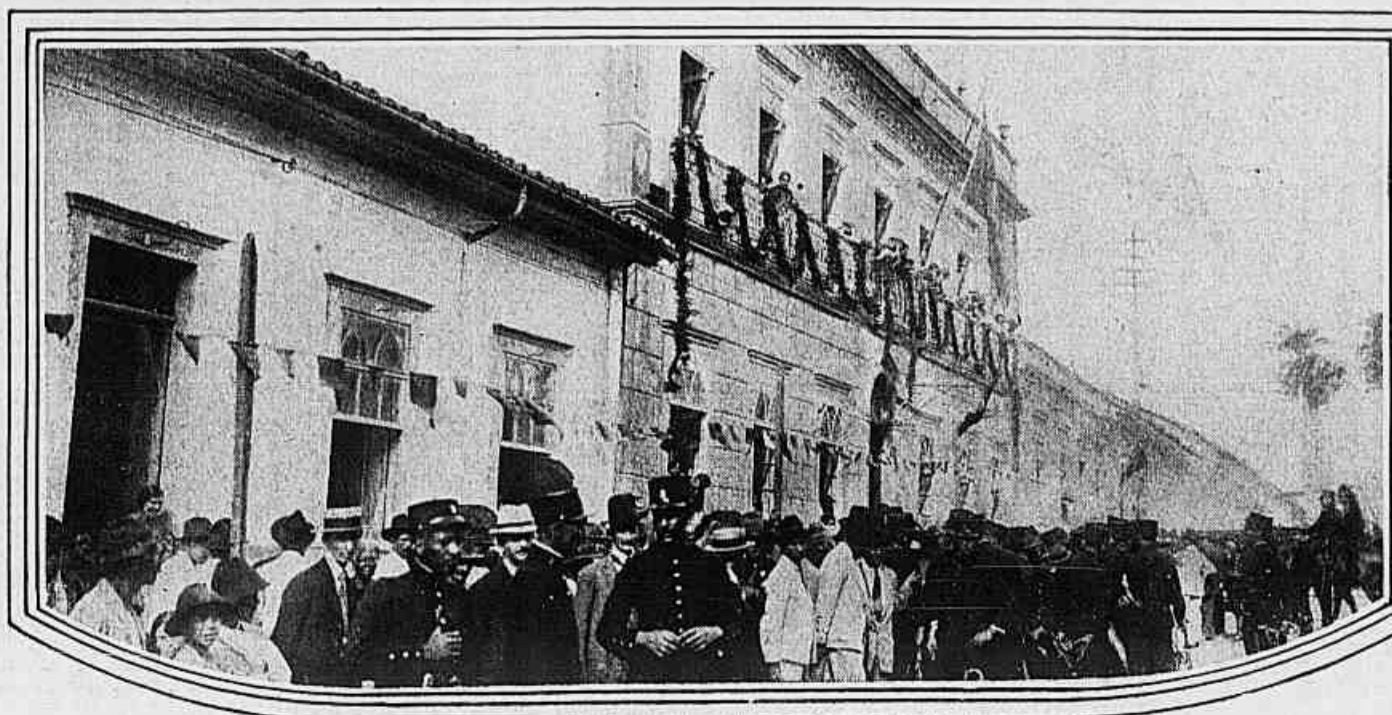
ASPECTO DA RUA ONDE ESTÁ O EDIFICIO



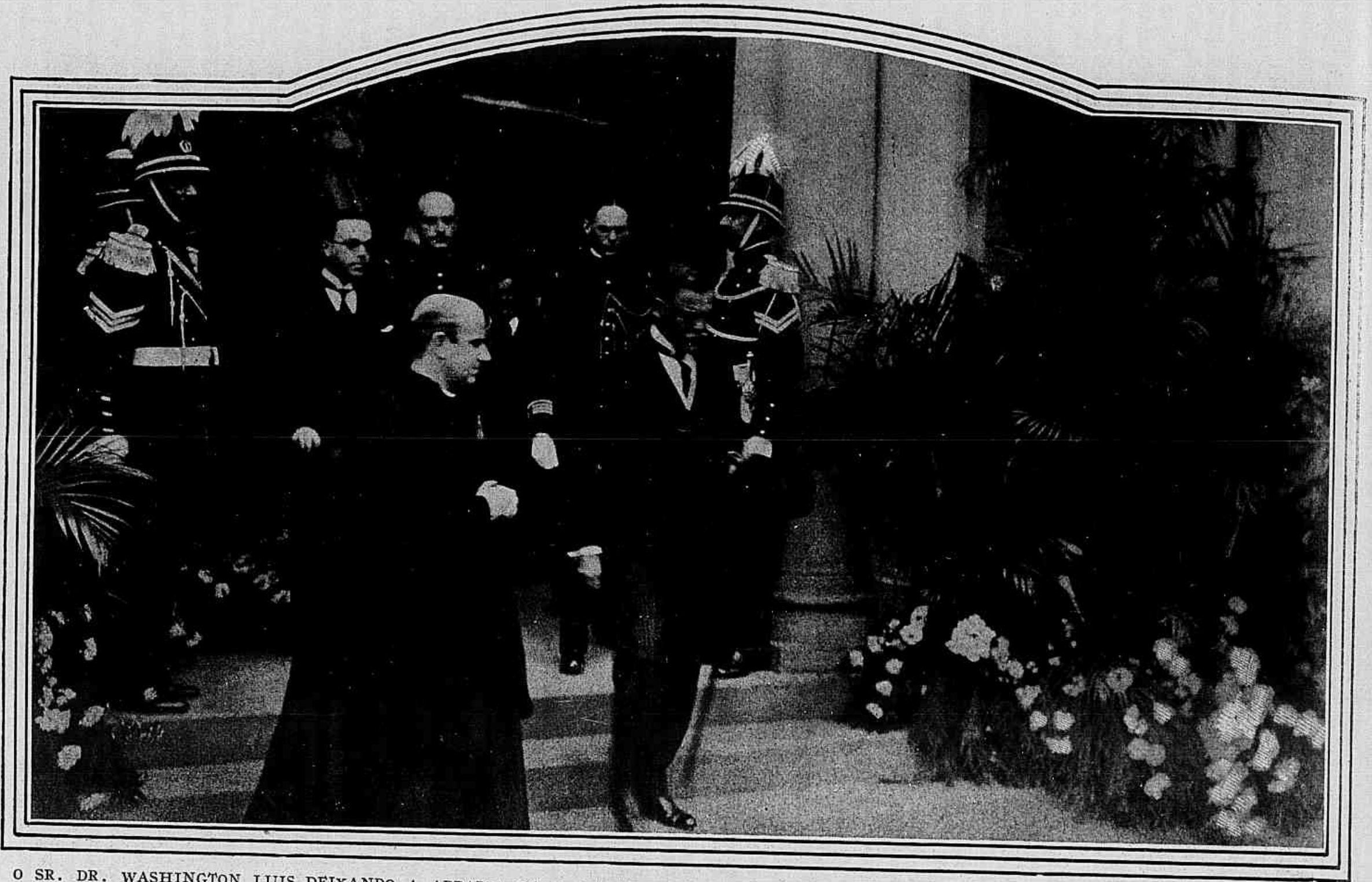
DÉFILE DAS FORÇAS EM HOMENAGEM ÀS ALTAS AUTORIDADES

OS ESCOTEIROS DE ITÚ EM CONTINENCIA

EDIFICIO
DO MUSEU
HISTORICO
REPUBLICANO
EM ITÚ

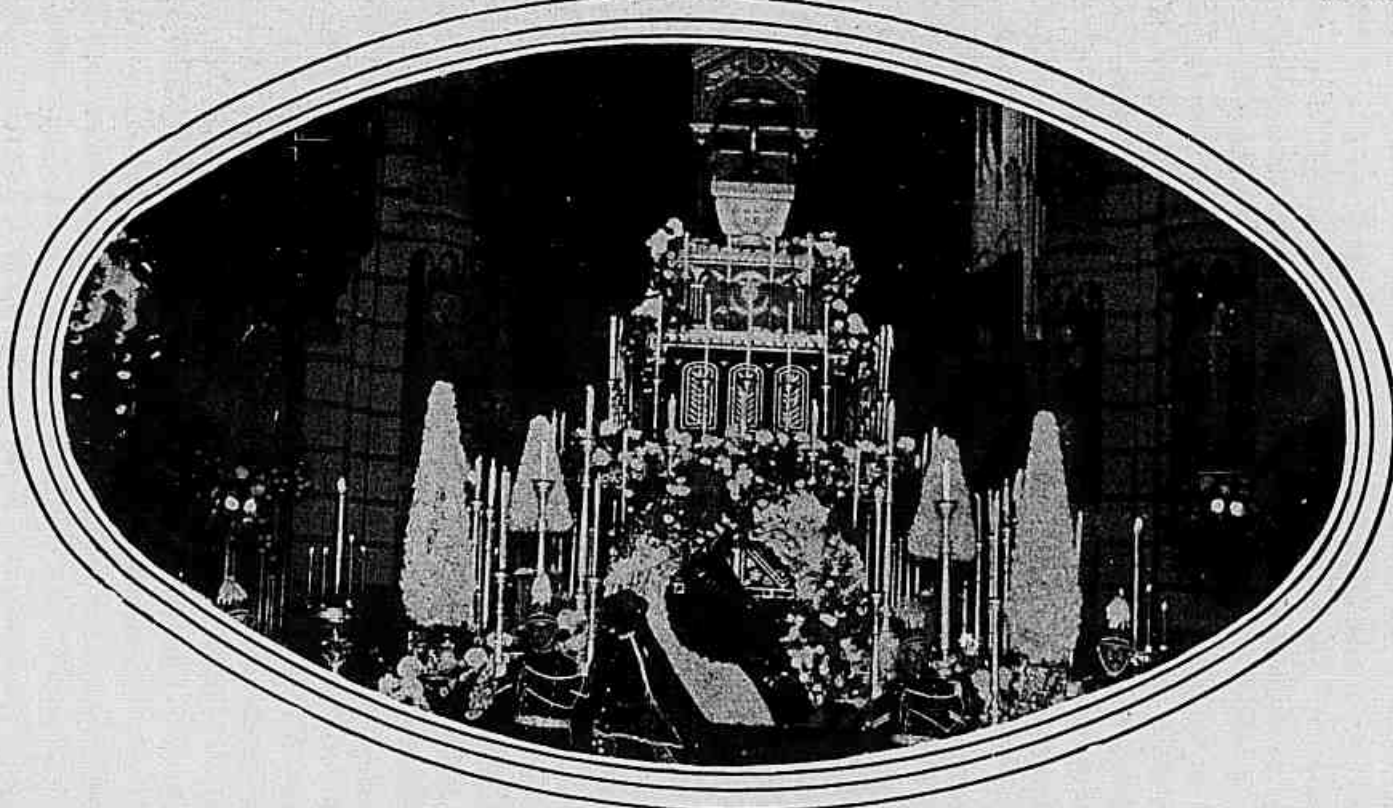


FOI ALLI QUE
SE REALISOU,
HA CINCOENTA
ANNOS, A
CELEBRE
CONVENÇÃO



O SR. DR. WASHINGTON LUIS DEIXANDO A ABBADIA DE S. BENTO, ACOMPANHADO PELAS CASAS CIVIL E MILITAR, APÓS AS CERIMONIAS

AS EXEQUIAS
DE RUY BAR-
BOSA NA EGREJA
DO MOSTEIRO
DE SÃO BENTO
EM SÃO PAULO

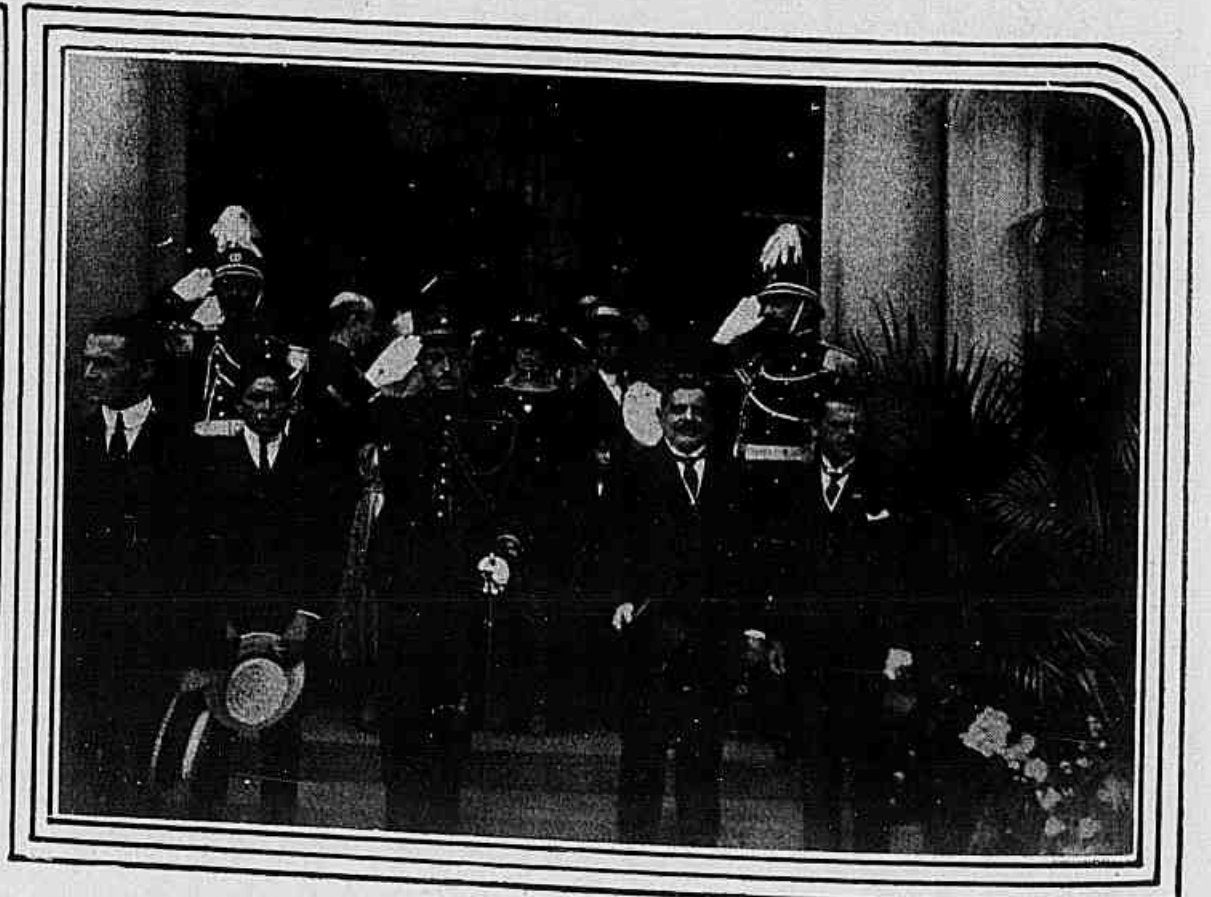


A ULTIMA HOME-
NAGEM DO GOVER-
NO DO GRANDE
ESTADO AO
INSIGNE
BRASILEIRO

A SUMPTUOSA EÇA ARMADA NO CENTRO DA NAVE PRINCIPAL



SENADORES E DEPUTADOS; AO CENTRO O DR. JORGE TIBIRIÇÁ,
PRESIDENTE DO SENADO PAULISTA



OS SECRETARIOS DE ESTADO, DRS. ROCHA AZEVEDO E
DR. CARDOSO RIBEIRO



ESTADO DE SÃO PAULO — SANTOS — O ANTIGO CEMITERIO DA BERTIOGA COM A SECULAR CAPELLA, TAL QUAL SE ACHA

As novas Trichromias.



ENTRE os artistas que honram a historia das artes no Brasil, figura em plano de destaque o illustre pintor fluminense Oscar Pereira da Silva. Delle é a suggestiva tēla que hoje publicamos em primorosa trichromia, executada, como todas as outras publicadas, nas officinas da Sociedade Anonyma "O Malho", editora do presente mensario.

"Samsão e Dalila" é o titulo de tão primorosa obra de arte; ella representa o episodio do Velho Testamento decorrido no anno de 1142 antes de Jesus Christo. O momento escolhido pelo pintor é assim descripto pela antiga Escripura: "Para libertar-se de tão formidavel inimigo, os Philisteus prometteram uma grande quantia de ouro a uma mulher chamada Dalila, se conseguisse descobrir a causa de tão prodigiosa força. Teve Samsão a fraqueza de revelar-lhe que sendo nazareno, nunca a tesoura tinha passado em sua cabeça, e, se lhe cortassem os cabellos, teria a força de qualquer outro homem. A perfida Dalila aproveitou um momento em que Samsão estava dormindo para cortar-lhe as tranças de sua espessa cabelleira. Chamou depois os Philisteus que se apoderaram delle com facilidade. Para saciar a sua vingança, vasaram-lhe os olhos e o obrigaram a dar voltas a uma atafona."

A interpretação dada pelo pintor a tão emotivo assumpte é de uma realidade emocionante. A figura de Samsão envolta em leve penumbra, deitada sobre o leito raso, mostra o corpo semi-nu em um escorço atrevido; Dalila cautelosa afasta-se empunhando ainda a tesoura; a sua attitude de lascivia maldosa deixa ver o tronco nu...

Cobre-lhe o resto do corpo um véo transparente; pelos quadris es-correga uma faixa *grenat* que mal encobre uma cinta de ouro cizelado; na cabeça ostenta um diadema do mesmo metal com pedrarias finas. O movimento das figuras é equilibrado dentro de um desenho caprichoso. Um grupo de Philisteus, cautelosamente vem de rastos, covardemente, com as cordas para amarrar Samsão que dorme alheio á traição de Dalila.

As expressões physionomicas dos personagens são de uma psychologia perfeita; em Dalila percebe-se a satisfação malvada, a alegria de ter ganho o ouro promettido; nos Philisteus são flagrantes o odio, o medo e a desconfiança pelo imprevisto da scena; o movimento das figuras condiz com as attitudes assumidas... A indumentaria é rica, as tapeçarias caras carregam o ambiente de um tom especial de luxuria...

Em tudo, o pintor emprestou o seu talento observador, a sua emoção variada e conhecimentos das regras da planimetria e dos valores. A pequena tēla, pois mede apenas cincoenta e nove centimetros por setenta e oito, é rica de côr, prenhe de *nuances* delicadas e variadas; pertence á Pinacotheca da Escola Nacional de Bellas Artes, onde se encontram outras obras do artista, portadoras do mesmo valor e da mesma emoção variada. Oscar Pereira da Silva nasceu em 27 de Agosto de 1867, em São Fidelis, Estado do Rio, é vivo ainda e reside em São Paulo. Foi discipulo de Julio Meceiros, Victor Meirelles de Lima e Chaves Pinheiro na antiga Academia de Bellas Artes e em França, dos mestres Bonnat e Jérôme.

As outras trichromias que reproduzimos são da autoria de Georgina de Albuquerque, Baptista da Costa e Eliseu Visconti. A tēla

Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

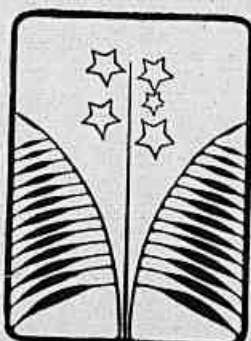
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim em 1911

Directores: ALVARO MOREYRA E J. CARLOS

Rua do Ouvidor N. 164 -- Rio de Janeiro

SUCCURSAL EM SÃO PAULO DIRIGIDA PELO DR. GASTÃO DOS SANTOS MOREIRA

RUA DIREITA N. 7 - SOBRADO — CAIXA POSTAL Q



de Georgina de Albuquerque intitula-se "Manacá" e figurou com grande successo no Salão de Bellas Artes do Centenario da Independencia politica de nossa terra. Representa um bello nu de mulher tocado de reflexos e engrinaldado de manacás; na interpretação de tão interessante trabalho a notavel artista mais uma vez revelou as suas qualidades de pintora do "ar livre". Do nosso maior paysagista J. Baptista da Costa é a surpreendente "Sapucaieiras engalanadas", um dos verdadeiros primores do ultimo Salão de Bellas Artes. Attente bem o leitor na feitura primorosa da télá, observe a interpretação cuidada da nossa natureza e a luz radiosa que se succede atravez os planos até á montanha beijada pelas nuvens ervoltas. Tudo na paysagem é justo de tom, as sombras são interpretadas com mestria, deixando no observador o prazer de caminhar por ellas num goso perenne... Ha minucia dentro da pincelada larga, detalhes que deixam entrever o caracteristico da vegetação rasteira do primeiro plano. Consorciado com o paysagista apparece-nos o animalista rigoroso, conhecedor da technica e da sciencia anatomica. Os bois da paysagem são ambientados e dão ao conjunto um bucolismo encantador. Foi o quadro adquirido para a Pinacotheca official, enriquecendo assim o patrimonio já existente em tão seleccionada collecção.

Eliseu Visconti assigna o retrato de D. Nicolina Pinto do Couto, o melhor retrato pintado nos ultimos tempos por artista brasileiro. Da mocidade artistica mereceu a télá a denominação de "Gioconda brasileira", o que muito deve desvanecer o seu autor. A preciosidade artistica pertencia ao illustre amator de cousas de Arte Sr. José Marianno Filho; num requinte de patriotismo desprendido elle offereceu-a á Escola Nacional de Bellas Artes para que fosse dado ao publico aprecial-a como merece. O gesto do estheta não surpreheudeu, aliás a ninguem, pois todos estão já habituados aos seus costumeiros actos em prol do desenvolvimento artistico entre nós; ahi estão os seus concursos de architectura colonial, periodicamente realizados, os seus estudos sobre a esthetica da cidade e protecção ao ncsso patrimonio artistico tão malbaratado pelos pseudo-zeladores...

A denominação de Gioconda brasileira, dada ao expressivo retrato, visa a perfeição por que está executado, não sendo nenhum favor, pois realmente é uma obra notavel por todos os sentidos e representativa do valor seguro do seu autor. A esculptora Nicolina Pinto do Couto vive na télá do mestre, está perfeitamente represen-

tada, a sua attitude é justa como a sua cõr e como o seu desenho. Em um estudo comparativo sobre a obra de Eliseu Visconti, escrevemos: "Como Rembrandt, Visconti chega a ser cruel quando pinta um retrato; o retrato de Nicolina Pinto do Couto, pela verdade e pela expressão, póde ser comparado ao delicioso perfil de Saskia, ao da viuva Swartenhaut, pela sobriedade impressionante que toca a alma de todos os que o contemplam! O mesmo entusiasmo dá a Visconti o emprehendimento que anima as suas produções; o vigor dos seus quadros é notavel. Como dissemos, póde parecer absurdo o que encontramos de communhão entre os artistas citados; mas o que é facto é a mesma abundancia de genialidade existente entre ambos, a mesma emotividade, os mesmos sentimentos e o mesmo amor por todos os motivos da natureza, que Visconti ama com amor igual ao que o genial pintor da *Ronda* tinha pelos assumptos que pintava. Visconti tem dedicado algum tempo da sua vida ao estudo a Velasquez, quer observando a sua obra, quer copiando quadros seus. Copiando, não com aquelle espirito que caracteriza o bando de commerciantes que infestam as grandes galerias da Europa, visando unicamente a recheiada bolsa do incauto americano que, a cada passo, deixa escapar formidaveis exclamações que escandalisam os mais commedidos visitantes. O rompante, que muitos julgam ver em certos actos de Visconti, não existe, por ser o artista um individuo que vive para a sua obra, absorvido pelos motivos e pela natureza; vive alheio ás preoccupações que aos outros causam desanimo e aborrecimento. Eliseu Visconti, como artista que é, ama a solidão, o pouco badalar em torno da sua typica pessoa; vive feliz e invejado pelos seus pares, que, de vez em quando, procuram offuscar-lhe o merito. Taciturno, de poucas palavras, como o grande mestre em 1656, o seu desenvolvimento tem sido consequente, o seu genio adaptando-se logicamente ás tendencias mais de accôrdo com o seu temperamento; é justamente este ponto um dos que mais o aproximam de Rembrandt, que, pouco a pouco, deixou a technica segura, mas sem entusiasmo, para abraçar a que mais lhe parecia preencher as condições primordiaes da obra da Arte. Como Velasquez chegou a ter uma verdadeira gymnastica de pincel, o que lhe vale conseguir a solução de muitos dos seus assumptos com o caracter que o notabilisa. Rembrandt creou uma luz que é particularmente sua; Visconti creou um "typo" que se percebe em todos os seus quadros, não o "typo physico" propriamente, mas o typo de pintura que
(Conclue no fim do numero)

Movimento musical

A MUSICA NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO



estação radio-telephonica do Corcovado fez irradiar, no dia 9 de Março, ás 8 1/2 horas da noite, o terceiro concerto, organizado pelo tenor Luiz de Lima Vianna, com o concurso das senhoritas Myriam Antunes e Rachel Nogueira, do sr. Fernando F. Coelho, pianista, e do violinista Celio Nogueira.

— A baroneza Alicia de Roca, cantora mezzo-soprano, realizou, no dia 10 de Março, á noite, um concerto no Palacio das Festas. Uma orchestra do Centro Musical executou escolhidas composições. Esse concerto foi em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira, e o programma foi igual ao que a mesma cantora

organizou para o concerto realizado na Associação dos Empregados no Commercio, no dia 4 de Janeiro deste anno, e em beneficio das Sociedades Portuguezas e Francezas de Beneficencia:

1ª parte — Orchestra: *Protophonia do Guarany*, Carlos Gomes. Canto: invocazione — *Ballo in maschera*, Verdi; canto: *Why do I Love you?* Florence Edmah Chipam; orchestra: *Gavotte*, C. Saint-Saens; canto: *Aprile Foreiro*, C. Saint-Saens.

2ª parte — Orchestra: *Le nozze de Figaro*, Mozart; canto: *Mio Fernando (La Favorita)*, Donizetti; canto: *Aria della Cieca*, Ponchielli; orchestra: *La Boheme*, G. Puccini; canto: *Saprè per te il mio cor*, C. Saint-Saens; orchestra: *L'amico Fritz*, Pietro Mascagni.

— No Palacio das Festas a pequena violinista Maria de Lourdes effectuou o seu concerto, no dia 18 de Março. Poucos dias antes ella já se exhibira em audição particular, no Centro Paulista, sendo muito apreciada e applaudida, e, neste concerto, conseguiu um novo successo no decurso do programma, o qual foi quasi todo repetido. Ella tocou um minuetto de Beethoven que fôra estudado em dois dias, e o interpretou de fôrma que agradou muito. A "fantasia" para violino *Solo*, de Kucheumeister, foi bem tocada; e, depois, foi executada a valsa em lá menor, composição da concertista. Essa valsa foi bisada.

Na segunda parte do concerto, Maria de Lourdes conseguiu do auditorio as mesmas manifestações de agrado que já obtivera na primeira parte.

— A estação radio-telephonica do Corcovado fez irradiar, no dia 20 de Março, ás 8.30 da noite, um concerto, no qual tomaram parte os seguintes artistas: Maria da G. Barata Ribeiro, soprano; Nair Lobo, Luiza Cesar, Fernando Faria Coelho, pianista, e George Marinuzzi, violinista.

— A mesma estação fez irradiar, no dia 22 de Março, ás 8.30 da noite, um recital de canto organizado pelo professor G. Dufriche, com o concurso de suas alumnas, senhoritas Lucy Stevens, Jandyra Aguiar, Leonor Dufriche, Violeta Gomes, Amalia Fernandes Lourenço, Naddy Costa Pinto, sra. Sara Malheiro e do dr. Ponce Leon.

— No dia 31 de Março, ás 8 1/2 da noite, irradiou um outro concerto, no qual tomaram parte a pianista Nair Gusmão Lobo, o violinista George Marinuzzi e a soprano Altair Guigon, acompanhados pela senhorita Luiza Cesar, e o tenor Luiz de Lima Vianna, acompanhado pela senhorita Carmen Vianna. Todos os concertos radio-telephonicos, irradiados no recinto da exposição, pelas grandes trompas do aparelho alto-falante, foram ouvidos desde o Palacio das Festas até á antiga esplanada do Mercado e no posto telephónico do Palacio das Industrias. Tambem foram ouvidos por todas as estações de terra e mar, que estão situadas muito longe do Rio de Janeiro.



O STABAT MATER DE ROSSINI

A Associação Brasileira de Canto, cujo director é o maestro Sylvio Piergili, executou o Stabat Mater de Rossini, na quinta e sexta-feira santas (29 e 4 de Março), no Instituto Nacional de Musica, obtendo um exito completo. Essa composição foi executada pela primeira vez a 7 de Janeiro de 1842, em Paris. O bel canto apparece nella com destaque, deixando a orchestra em segundo plano, sobresahindo as vozes com intensidade e força dramatica. Rossini, neste trabalho, teve em mira fazer uma obra que obedecesse a novos ideaes, deixando de parte as fôrmas rigorosas do contraponto, e escrevendo de accordo com o seu talento de compositor brilhante, que tantas provas já tinha dado nas 38 operas que escreveu antes do Stabat Mater. O autor do texto latino do Stabat Mater foi um religioso, da Ordem dos Franciscanos, nascido nos meados do anno de 1200.

Narremos, agora, alguns factos que succederam antes e depois de Rossini concluir o Stabat Mater.

Corria o anno de 1831, e Rossini viajava pela Hespanha, sendo seu companheiro de viagem e banqueiro Aguado. O abba de Don Francisco Fernandez de Varella, que desempenhava o cargo de commissario geral da "Cruzada", manifestou o seu desejo a Aguado, de que Rossini escrevesse uma obra que fosse para elle escripta e dedicada. Rossini accedeu aos desejos do abba de, prometendo escrever um Stabat Mater. E escreveu os seis primeiros numeros, interrompendo a continuação da obra. Varella reclamou, por vezes, a entrega da mesma. Rossini, porém, não a concluiu, encarregando dessa tarefa um mestre de canto do Theatro Italiano, chamado Tadolini. Concluido o Stabat Mater, foi o mesmo enviado para Madrid, declarando Rossini que não desejava que elle fosse publicado. Como se vê, Rossini teve um collaborador na sua obra, que foi assim executada na Igreja de S. Filippo el Real de Madrid, na sexta-feira santa de 1833.

Morto o abba de, os seus herdeiros, julgando que tivessem direitos de propriedade sobre o Stabat, fizeram venda do mesmo a Oller Chetard, que,

tempos depois, o vendeu a Aulagnier, editor parisiense, pela quantia de 2.000 francos. Aulagnier tratou logo de fazer uma bella edição do Stabat Mater, e annunciou que ia fazer uma execução publica da obra, e com toda a solemnidade. Rossini, que se achava nessa epoca em Bolonha, avisou ao editor que se oppunha terminantemente que elle realizasse esse seu designio, declarando que fizera presente ao abba de uma copia da obra, mas que não tivera o intuito de lhe dar propriedade na mesma. Rossini recebera de presente do abba de uma rica tabaqueira de ouro, cravejada de brilhantes, no valor de cinco mil francos, e esse facto foi allegado pelo editor, o qual declarou que Rossini, tendo recebido semelhante dadia, vendera o Stabat Mater, e, assim, nenhuma das duas partes chegando a um accordo, foi decidido que a questão fosse resolvida judicialmente. O editor perdeu a questão. Rossini retirou os quatro numeros compostos por Tadolini e compoz em logar delle musica sua, vendendo, depois, o Stabat Mater ao editor Troupenas, pela quantia de 6.000 francos.

Como se vê, Rossini teve apoquentações com esta obra, as quaes, entretanto, tiveram uma influencia benefica nelle, que, devido a ellas, se curou de uma pertinaz neurasthenia, de que andava soffrendo.

O Stabat, estreado em Janeiro de 1842, em Paris, no Theatro Italiano, foi, nesse mesmo anno, executado em Bolonha, sob a direcção de Rossini. Por occasião da estrêa em Paris, o Stabat foi interpretado por Tamburini, Julia Grisi, mme. Albertazzi, Mario e Lablache, conseguindo a execução um successo memoravel. Na patria de Rossini, a Italia, o Stabat Mater foi executado pela primeira vez em Bolonha, a 18, 19 e 20 de Março de 1842, no salão do Archigymnasio, destinando Rossini o producto para a fundação de um hospital para os musicos bolonhezes, velhos e pobres. Nesta execução do Stabat elle foi interpretado pelos seguintes artistas: Clara Novello, Clementina degli Antoni, Nicolau Ivanoff e o conde Pompeu Belgioioso, sendo a execução dirigida pelo maestro Donizetti. O Stabat Mater foi maravilhosamente executado em Maio de 1887, em Florença, por occasião dos restos mortaes de Rossini serem recolhidos á Cathedral de Santa Croce. Os restos mortaes tinham vindo da França. O Stabat Mater foi cantado na sala dos Cinquecento, por Maria Durand (soprano), Marchisio (contralto), Sani (tenor), e Nanetti (baixo). Os outros executantes foram os seguintes: um côro de 200 sopranos, 200 contraltos, 100 tenores e 150 baixos. A orchestra compunha-se de 200 musicos. O maestro Jefe Sholci foi quem dirigiu a execução do Stabat Mater. Compõe-se esta obra dos seguintes trechos:

- I — Introducção — Solo e côro — Stabat Mater dolorosa.
- II — Aria — Tenor — Cujus animam gementem.
- III — Duettó — Soprano e meio soprano — Quis est homo.
- IV — Aria — Baixo — Pro peccatis.
- V — Côro e recitativo — Côro a voci Sole — Eja mater fons amoris.
- VI — Quártetto — Soprano, meio soprano, tenor e baixo — Santa mater istu hagas, cruci fixi fige plagas.
- VII — Cavatina — Meio soprano — Fac ut portem cristi mortem.
- VIII — Aria — Soprano e côro — Inflammatus.
- IX — Quartetto — A voci sole — Quando corpus morietur.
- X — Corale fugato — Amen.

Encontra-se na musica do Stabat Mater, de Rossini, pouco sentimento religioso, aquelle sentimento que encontramos, por exemplo, em Palestrina, cuja missa do Papa Marcello tem um poder suggestivo tão grande que eleva as almas, conduzindo-as para a fé. Escreveram musica para o texto latino do Stabat Mater de Jacopo Benedetto, além de Rossini, os seguintes compositores: Joaquin, Palestrina, Astorga Pergolese e outros. Os cantores, solistas e os coros da Associação Brasileira de Canto e a orchestra desempenharam as suas respectivas tarefas, de modo a só merecer encomios. A direcção geral esteve a cargo do maestro Sylvio Piergili. Os solos foram cantados pelas sras. Narita Lutz e Dolores Belchior e drs. Chermont de Britto e Alvaro Caminha. O Stabat Mater foi cantado na segunda parte.

A primeira parte constou das seguintes composições:

- I — Beethoven — Andante da 1ª Symphonia; II — Grieg — Op. 68 — a) N. 1, b) N. 2; III — Fr. Braga — "Elegia" — a Giuseppe Verdi; IV — Assis Republicano — Tota Pulchra es Maria, para solos, côro e orchestra. Solistas: Sra. Margarida Simões e dr. Alvaro Caminha. As composições de Beethoven e Grieg foram applaudidas, tendo as composições de Francisco Braga e Assis Republicano recebido muitas provas de agrado do publico.



RECITAL DE PIANO

Realizou no dia 25 de Janeiro o seu recital de piano a pianista chilena Rosa Grez, primeiro premio do Conservatorio de Santiago. O recital realizou-se no Instituto Nacional de Musica, não tendo sido numerosa a concurrencia, o que foi lamentavel, pois a senhorita Grez é uma distincta pianista, que possui um mecanismo correcto e apreciaveis qualidades de interprete. A senhorita Grez foi muito applaudida pela assistencia, que, depois de concluida a segunda parte, reconheceu que estava na presença de uma verdadeira artista. O programma foi organizado com as seguintes composições:

- 1ª parte — Beethoven, Sonata em dó menor, op. 10, n. 1.
 - 2ª parte — Mendelssohn, canto sem palavras, op. 30, n. 1, e *Variations Sérieuses*.
 - 3ª parte — Mac. Dowell, *Dansa das bruxas*; Chopin, *Estudo op. 25, n. 7*; Sauer, *Murmures du vent*; Liszt, *Rhapsodie hongroise n. 11*.
- A sonata op. 10, n. 1, em dó menor, de Beethoven, foi escripta em 1798 e pertence ao primeiro periodo do grande mestre. Consta de tres andamentos: 1º — Allegro molto e con brio (dó menor); 2º Adagio molto (lá bemol); 3º — Finale. Prestissimo (dó menor).

E' uma obra escripta nos tempos felizes, quando o mestre não conhecia ainda as torturas da surdez, que, afinal, se tornou incuravel, mergulhando o

infortunado genio no silencio eterno. Esse infortunio começou a manifestar-se desde o anno de 1802, escrevendo Beethoven nesse anno o seu testamento, documento que mostra quão elevado era o seu character. Este grande homem foi, de facto, um ente que veio ao mundo predestinado para a gloria e ao mesmo tempo para o soffrimento. E' um dos maiores genios que têm apparecido, fazendo parte dos que não têm simile e que são: Miguel Angelo, Dante, Shakespeare e Beethoven. A obra de Beethoven é colossal, bastando citar as nove symphonias, as *ouvertures*, as sonatas, os quartettos, os duos, os trios, os concertos de piano, os Lieder, o Septuor, as sonatas para violino, piano, etc.

Ludwig van Bethoven nasceu em Bonn, a 17 de Dezembro de 1770, e morreu em Vienna, ás seis menos um quarto da tarde do dia 27 de Março de 1827, tendo o feretro sido acompanhado por mais de 20.000 pessoas.

— Os romances sem palavras (*Lieder ohne Worte*), de Mendelssohn, são das composições de maior destaque deste celebre compositor. São notáveis não só pela belleza das melodias como tambem pela fórma original. A collecção completa comprehende 48 romances, tendo alguns delles os seus titulos, como: *A fiandeira*, *Barcarola*, *A Traviata*, *Felicidade Perdida*, *Apixonado*, *A nuvem*, *Meditação*, *Serenata*, *Canto do viajante*, *Sem tregua*, *Inquietação*, *A caça*, e *Felix*.

Mendelssohn Bartholdy nasceu a 3 de Fevereiro de 1809, em Hamburgo, e morreu em Lipsia, a 4 de Novembro de 1847, aos 38 annos de edade. Apesar de morrer tão moço, deixou uma valiosa obra musical. Foi um homem rico e viveu sempre cercado de todos os confortos que a sua fortuna lhe proporcionava, vindo a reflectir-se nas suas obras o bem-estar que o mestre gosava, não se encontrando nos seus trabalhos certas idéas e concepções violentas, tragicas e dolorosas que se notam nas obras de alguns mestres que conheceram as dores lancinantes da existencia humana. As *Variações sérias* op. 54. (*Variations sérieuses*) são uma das suas composições mais importantes para piano só. De difficil execução, pertencem ao 9º anno do curso de piano. Constam de 17 variações, escriptas em tom de ré menor, e, como diz o titulo, o estylo da composição procura manter-se dentro de um character serio e grave. Foram escriptas no anno de 1841.

— Eduardo Mac Dowell (1861-1908), compositor americano. Escreveu poemas symphonicos, concertos, *suites*, *Scenas da Floresta* e do Mar, *Idyllios*, *Lieder*. As suas composições para piano e as canções destacam-se na sua obra musical.

— O Estudo op. 25, n. 7, de Chopin, pertence ao segundo volume dos estupendos estudos e que é dedicado á Condessa d'Agoult. E' uma musica de belleza peregrina e consta de um canto feito pela mão esquerda, fazendo a mão direita o acompanhamento. No centro do estudo, a musica toma um character apaixonado e dramático, seguindo-se grande *cadenza*, vindo, em seguida, a calma anterior. De um character elegiaco e fundamente commovente, este estudo quando é correctamente executado causa impressão e muito agrado ao auditorio.

— Emil Sauer, pianista allemão, nascido em 8 de Outubro de 1862, em Hamburgo. *Murmures du vent* (*Windes-Flustern*) é o seu "Estudo de Concerto" n. 3.

— A Rhapsodia hungara n. 11, de Liszt, é uma das mais conhecidas e executadas. E' dedicada ao Baron Fery Orczy e consta dos seguintes andamentos: Lento a capriccio, andante sostenuto, vivace assai, prestissimo. Este ultimo andamento remata num deslumbramento á Rhapsodia e é de belleza fascinante, porém requer que seja executado no verdadeiro andamento, se não o for não pôde apparecer a verdadeira idéa do mestre. A musica de Liszt, para piano, é propria só para artistas completos e para aquelles que fizeram o curso integral de piano e estão com as mãos preparadas para vencer as grandes difficuldades technicas, que é o que se encontra com a maior frequencia na musica desse genio incomparavel.

PIANISTA BRASILEIRA

Tem despertado muito interesse nos Estados Unidos, onde, actualmente, se encontra, a notavel pianista brasileira Guiomar Novaes de Pinto. O critico de um dos mais importantes jornaes diarios de New York referiu-se a essa pianista, fazendo-lhe grandes elogios a proposito de um seu recente concerto, no Aeolian Hall, afirmando terem sido admiraveis as suas interpretações das seguintes composições: Preludio, Coral e Fuga de Cesar Franck; a ultima sonata de Beethoven op. 111, em dó menor, tendo a Arietta dessa sonata causado muita sensação. Nas composições de Chopin, inclusive um preludio, inedito, que foi ha annos encontrado, e na Mephisto — Valse de Liszt, com que foi encerrado o recital, a pianista brasileira provocou admiração gera' e applausos de toda a assistencia. Guiomar Novaes de Pinto já inciou a sua excursão artistica pelas cidades da costa do Pacifico e dará concertos em Phoenix, Arizona, S. Francisco, Portland, Spokane, Los Angeles, San Diego, Sacramento, Oakland, Seattle, Salt Lake City.

UMA CARTA DA FILHA DE CARLOS GOMES

A filha unica do notavel maestro brasileiro Carlos Gomes enviou uma carta ao professor Luigi Chiafarelli, presidente da comissão executiva do monumento a Carlos Gomes, em São Paulo. Nessa carta ella manifesta a sua gratidão pelas homenagens prestadas ao seu pae. Eis a carta:

"Paris, Dezembro. — Amigos de São Paulo, tendo-me mandado todos os jornaes que longamente falaram da grandiosa homenagem e da inauguração do monumento á memoria do meu adorado e saudoso pae, vim a ter conhecimento de que foi o senhor o iniciador de tudo, numa longa e perseverante campanha, que, através de muitos annos de propaganda rejuvenescedora do culto ao genio musical de meu pae, resultou na possibilidade de lhe homenagear tão dignamente a illustre memoria; e eu, profundamente magoada que circunstancias materiaes, inteiramente alheias á minha vontade, me tivessem privado de estar presente ás cerimoniaes que coroaram sua obra, venho, muito commovida, agradecer-lhe e testemunhar-lhe toda minha gratidão, de que peço encarecidamente partilhar entre todos os membros da colonia italiana que tão generosamente concorreu para que um tão lindo ideal de homenagem prestado á arte musica brasileira pudesse ser realizado. Muito reconhecida, assigno-me — *Itala Gomes Vas de Carvalho*."

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

As aulas deste estabelecimento foram abertas no dia 9 de Abril, continuando o mesmo horario.

NOVA OPERA

Cena delle Beffe é o titulo da opera que o maestro italiano Giordano acaba de concluir e que será representada na proxima estação.

A MUSICA PELA RADIOTELEPHONIA

Os progressos da telephonia sem fio tomam, dia a dia, maior impulso. Agora, duas operas, cantadas em Londres, foram ouvidas distinctamente em Paris. A opera *Hensel et Gretel*, de Humperdinck, foi cantada á tarde, e *Fausto*, de Gounod, cantada á noite, tendo-se encarregado de sa transmissão, na Inglaterra, a Companhia Britannica de "Broadeasting", isto é, a associação de todos os constructores de aparelhos T. S. F., unicos autorizados para realizar... emissões publicas... As operas foram cantadas no "Convent Garden", de Londres.

Um jornalista transmittiu suas impressões nos seguintes termos: "Conseguimos ouvir essas duas emissões em Paris, com um dispositivo superheterodyno, em quadro de 1 metro, de tal fórma que a audição era possivel em aparelho alto-falante, com intensidade comparavel á da S. F. R. O canto e a musica notabilisavam-se por notavel nitidez e eram de modulação perfeita. A bellissima voz de Beatriz Miranda, com especialidade, foi transmitida em todas as suas inflexões. A companhia "Broadeasting" pensa organizar um serviço regular. Em 17 de Janeiro a artista Nelly Melba foi ouvida no "Convent Garden" e pelos assignantes da "Broadeasting", no papel de "Mimi," da *Bohemia*, e, tres dias depois, nos 3º e 4º actos da opera que ella cantara no British National Opera.

GUIDEPHONE

Chama-se assim um aparelho inventado pelo sr. Francisco dos Anjos Gaia, professor de piano em São Paulo. Destina-se a ensinar musica pelo methodo analytic. Os maestros João Gomes Junior e J. B. Julião são de parecer que o aparelho serve para o fim a que foi destinado. O governo federal, por patente n. 12.874, garantiu a invenção daquelle professor.

TENOR CAMARGO

Campinas, a cidade natal deste festejado artista, promoveu um festival em honra do primeiro brasileiro admittido na Opera e na Opera Comica de Paris. A festa realizou-se no Theatro Rink, tendo Camargo dado inicio á mesma cantando a aria de "Pery" *Vanto io pure*, do 2º acto do *Guarany*. Cantou, depois, *Printemps nouveau*, de Paul Vidal; *Rigoletto*, ballada de Verdi; *Sigurd*, a aria sombria de E. Reyer; *Amor-Amore*, de Tirindelli; *Noel Pain*, de Massenet. Concluida a primeira parte do festival, foi executado o Hymno a Campinas, de Carlos Gomes. A senhorita Arminda Teixeira recitou a poesia deste nome. E' autor dessa poesia o sr. B. Octavio. A segunda e a terceira parte conseguiram o mesmo successo da primeira. O tenor Camargo cantou a *Guitarra*, de Elias Lobo. Este artista, cantando essa mesma canção no Real Conservatorio de Bruxelas, em occasião que se achava presente a augusta rainha da Belgica, agradeou-lhe tanto que a rainha lhe pediu uma copia da mesma.

Prestaram o seu concurso ao festival a professora D. Maria Izabel Bulcão Giudice Lobo, os professores Souza Lima e Elias Lobo Netto, o sr. Nelson da Silveira, da banda de musica Municipal Italo-Brasileira; a senhorita Arminda Teixeira e a orchestra do Theatro Rink. O sr. Alvaro Ribeiro fez uma saudação ao tenor Camargo, entregando-lhe uma medalha de ouro em nome dos campineiros.

COOPERATIVA LYRICA NACIONAL

Varios professores de orchestra, pertencentes ao Centro Musical do Rio de Janeiro, de accordo com a Associação Brasileira de Canto, fundaram, nesta capital, uma sociedade denominada Cooperativa Lyrica Nacional, creando mais a Companhia Lyrica Popular. Teremos, assim, uma companhia nacional de opera, a qual offerecerá occasião para os artistas nacionaes apparecerem, o que até agora muitas vezes não succedia, devido ás difficuldades que o meio offerecia para esse *desideratum*. A novel associação dará vesperaes, a preços populares, vindo depois espectaculos á noite, tudo com intuito de proporcionar ao povo a audição de boas obras musicas, educando-lhe ao mesmo tempo o gosto. Já no dia 14 de Abril começaram os trabalhos da Cooperativa Lyrica Nacional, com a execução do *Stabat Mater* de Rossini, em vespereal, no Theatro Lyrico.

ESCOLA DE CANTO CORAL E DE APERFEIÇOAMENTO THEATRAL DO THEATRO MUNICIPAL

No dia 16 de Abril começaram a funcionar ás aulas desta escola. Os professores são os srs. Sylvio Piergili e Enrico Borgongino, e o director é o dr. Benjamim Costallat.

OS CONCURSOS NO INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

Foram adiados os concursos para professor cathedratico de canto e de professores substitutos de piano, de violino e violeta desse estabelecimento. O sr. director do Instituto recebeu, nesse sentido, um aviso do sr. dr. João Luiz Alves, ministro da Justiça.

◇
SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS DO RIO DE
JANEIRO

No dia 4 de Abril o maestro Francisco Nunes, presidente perpetuo da sociedade, empossou a directoria eleita, para o corrente anno, e que está assim constituída: director artistico, maestro Francisco Braga; vice-presidente, dr. Leopoldo Duque Estrada; 1º secretario, Guilherme Agostinho Pereira; 2º secretario, João Lambert Ribeiro; 1º thesoureiro, Hermogenes da Costa Cabral; 2º thesoureiro, Mauricio Braga; procurador, Arlindo da Porte; bibliothecario, Antonio de Assis Republicano; commissão fiscal, José Joaquim Cordeiro, Carlos Borromeu e Henrique Spedine.

◇
JOÃO OCTAVIANO

Já regressou de sua viagem a Buenos Aires o maestro João Octaviano Gonçalves, bibliothecario do Instituto Nacional de Musica.

◇
NOVA OPERA

A opera *Compagnacci*, do maestro Riccители Tellion, recentemente estreada em Roma, obteve um successo completo, que é comparavel ao que a *Cavalleria Rusticana* obteve na noite de sua estréa. A opera *Compagnacci* contém muitas bellezas, sendo de character essencialmente italiano. É autor do libretto o sr. Forzzano. Essa opera será cantada na proxima estação lyrica desta capital.

◇
CONCERTO CLOTILDE RIO BRANCO

A exma. sra. Clotilde Rio Branco organisou um concerto, o qual se realizou no dia 17 de Abril, ás 20 1/2 horas, em Petropolis, no salão nobre do Centro Catholico, sendo observado o seguinte programma:

1ª parte — 1 — Carlos Gomes — Salvador Rosa — *Canzonetta Gennariello*, pela exma. sra. Margarida Simões, soprano ligeiro; 2 — Massenet — Ré de Lahore — *Oh! casta fiore!*, pelo barytono dr. Manoel Monteiro de Moraes; 3 — Ernesto de Curtis — *Torna Sorriente*; Toselli — *Serenata*, pela exma. sra. Gabriella Delpetris, soprano ligeiro; 4 — Bizet — *Carmen* — *Habanera*, pela exma. sra. Clotilde de Rio Branco, mezzo soprano; 5 — Carlos Gomes — *Sogno d'amore*, pelo barytono dr. Manoel Monteiro de Moraes.

2ª parte — 6 — Ludovic — *Sogno e risveglio*; G. Galimberti — *Histoire d'une Pierrot*, pela exma. sra. Gabriella Delpetris; 7 — G. de Araujo — *Mélotie* — *Les rêves*, Saint-Saens — *Sanson et Dalila* — *Aria*, pela exma. sra. Clotilde de Rio Branco; 8 — Leoncavallo — *Prologo dei Pagliacci*; Verdi — *Credo de Othello*, pelo barytono dr. Manoel Monteiro de Moraes; 9 — L. Provesi — *Canção do exilio*; G. Meyerbeer — *Dinorah*, *Valsa da sombra*, pela exma. sra. Margarida Simões.

◇
CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

No dia 18 de Abril esta associação realizou a sua quarta sessão ordinaria, presidida pelo escriptor sr. Adelino Guimarães. Foram tratados varios assumptos, entre elles o de se conseguir a nacionalisação da musica brasileira, tendo expendido as suas idéas sobre o assumpto varios maestros e intellectuaes, sendo alguns de opinião que a musica brasileira é frequentemente preterida pelas composições estrangeiras, quando se organisam concertos, mesmo em festas commemorativas da nossa nacionalidade, e tambem ás orquestras de executantes naturaes de outras nações, o que causa prejuizo á nossa musica, cujo valor artistico ninguem pôde deixar de reconhecer. De facto, a musica brasileira é admirada em todos os paizes pela sua belleza e perfeição.

◇
ESCOLA DE MUSICA ALBERTO NEPOMUCENO, DO CEARA

Realizou-se um concerto em beneficio dessa escola, no Instituto Nacional de Musica, no dia 7 de Abril. Esse concerto foi promovido pelo professor Henrique Jorge, que foi tambem o fundador da escola. Por motivo de força maior, não foi possível executar-se sómente composições de Alberto Nepomuceno. O aviador Pinto Martins fez, antes do concerto, a narrativa da

sua viagem entre New York e esta capital. A senhorita Edith Lorena, directora da Escola de Musica Alberto Nepomuceno, desta capital, pronunciou um discurso, relembrando, em inspiradas palavras, a vida artistica de Alberto Nepomuceno. O concerto constou do seguinte:

A pianista Iza de Queiroz Santos tocou o *Minuetto* e *Rigaudon*, de Alberto Nepomuceno, e a *Valsa*, de *Moskowsky*, tendo a execução destas peças agradado muito. O sr. Asdrubal Lima, barytono, cantou com sentimento *Xacara* e a *Canção*. A senhorita Maria Emma cantou as *Trovas*, *Medroso de amor* e *Tu és o sol*, de Alberto Nepomuceno, recebendo muitos applausos da assistencia. O professor Henrique Jorge, que é um distincto violinista, executou as seguintes peças para violino: *Devanzio* e *Tarantella*, de Alberto Nepomuceno; *Romance*, de Kismann Benjamin, e a *Valsa*, de Wieniswsky, revelando na execução boa escola e habilidade de *virtuose*. A assistencia aplaudiu-o muito.

◇
NOVA OPERA

O maestro Mario Persico, um dos vencedores do concurso nacional, estreou, em 19 de Abril, no Theatro San Carlo de Napoel, a sua opera *Morenita*, que conseguiu completo successo. Assistiram á representação a duqueza de Aosta e o sub-secretario das Bellas Artes, sr. Siciliani.

◇
SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS DO RIO DE
JANEIRO

Vão ter inicio os concertos desta util e importante associação, que tem prestado relevantes serviços á arte musical em nosso meio, fazendo conhecer ao publico as obras primas symphonicas dos grandes mestres. Os seus programmas, sendo eclecticos, proporcionam ao publico occasião de ouvir musica de todos os estylos. A arte symphonica é uma das maiores maravilhas da arte musical, podendo por meio della ser descripto perfeitamente qualquer assumpto que suggira a imaginação do compositor, pois são infinitos os recursos que uma grande orchestra oferece a um mestre de talento. Haydn, Mozart, Beethoven, Weber, Mendelssohn, Meyerbeer, Berioz, Wagner, Liszt, Strauss, com os seus trabalhos, collocaram a sciencia symphonica no ponto culminante em que hoje está. No dia 5 de Maio, ás 16 horas, terá logar o primeiro concerto da 1ª serie official de 4 concertos deste anno. A orchestra será dirigida pelo maestro Francisco Braga, sendo executadas algumas composições de musicos brasileiros. Os programmas dos quatro concertos serão formados com as obras dos seguintes autores: Beethoven — *Leonore*, n. 1, op. 138 — ouvertura; Schumann — *Manfred* — Ouvertura (1ª audição); e 3ª *Symphonia* op. 97 (cinco tempos); Wagner — *Cavalgada das Walkyrias*; Liszt — *Fantasia hungara*, para piano, pela senhorita Hilda Teixeira da Rocha, 1º premio do Instituto Nacional de Musica; Grieg — *Dansas symphonicas*, op. 64 (quatro tempos); A. Dvorah — *Suite d'orchestre* op. 39 (quatro tempos); Tschaiowsky — "1812" — Ouvertura dramatica; Moszkowsky — Concerto para piano — D. Iza de Queiroz. Sylvio Fróes — *Souvenirs des vieilles gens*, poema symphonico (1ª audição); Paulino Chaves — *Offertorio symphonico* (1ª audição); Carlos Gomes — *Nocturno de Condor*; A. França — *Reminiscencias*; F. Braga — *Virgens mortas* (canto), pela sra. Julieta Telles de Menezes; Assis Republicano — *Tempestade* e *Marcha funebre*, da opera *O bandeirante* (1ª audição); Brandão *O boi bumbado* — *Rhapsodia brasileira* (1ª audição); Mendelssohn — *Merestille* — Ouvertura; Ricardo Strauss — *Aus italien* op. 16 — *Fantasia symphonica* (1ª audição), quatro tempos.

◇
UMA EXPERIENCIA DE RADIOTELEPHONIA

A estação de radiotelephonia da Praia Vermelha, por meio da qual têm sido transmittidos alguns concertos a grandes distancias desta capital, realizou uma experiencia no sabbado, 7 de Abril, entre 1 e 3 horas da madrugada. A estação daqui, apesar de possuir um raio apenas de cem milhas, conseguiu comunicar-se com a estação de Buenos Aires, que tem uma distancia de 1500 milhas desta capital. Começaram as communicações por saudações entre as duas estações e depois foram transmittidas peças de gramophone entre as duas cidades. Daqui foram enviados dois *fox-trots* e uma valsa. O que veio de Buenos Aires não pode ser percebido. Na occasião ouviam-se descargas, o que prejudicou muito a audição. Mais tarde, foram trocadas novas saudações e um discurso em lingua hespanhola, sendo percebidas estas palavras: "Rio de Janeiro... gran ciudad... Buenos Aires saluda los hijos de su querida hermana del Atlantico Sur... un saludo fraternal... el corazón de la Argentina..."

O ODOL É O UNICO

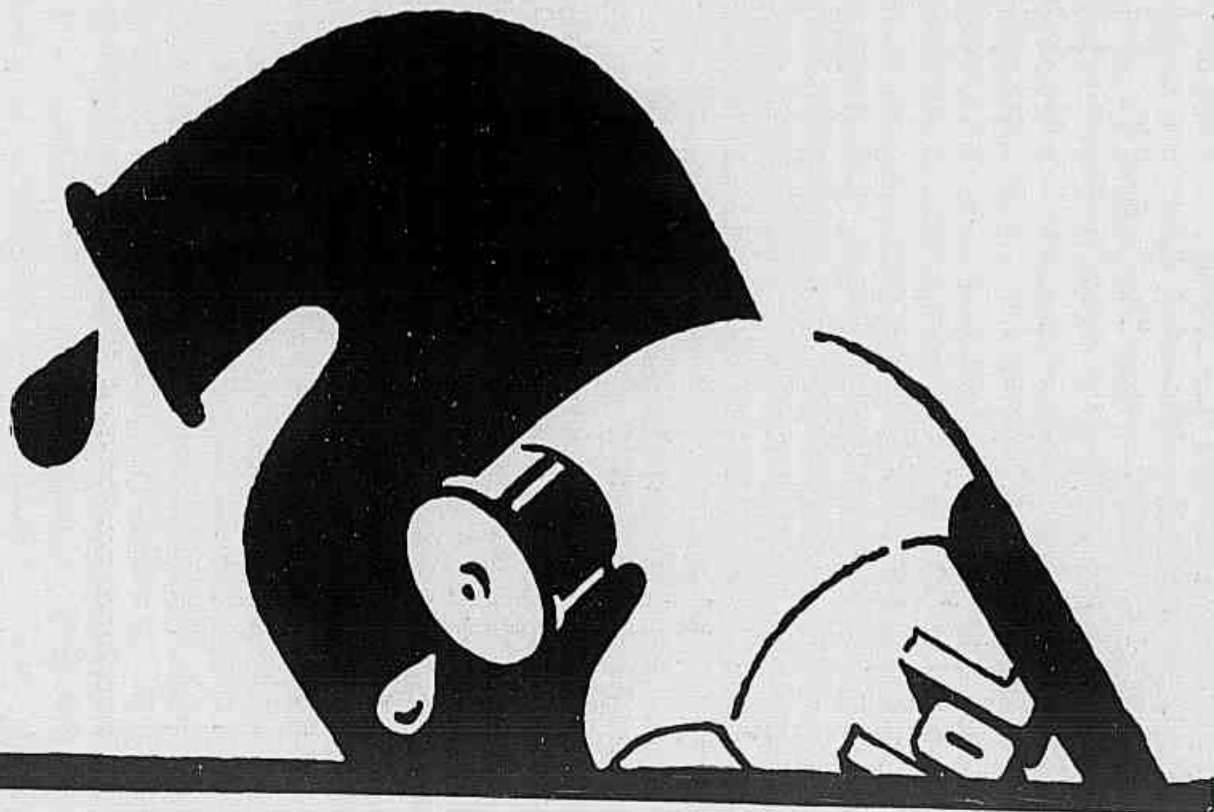
dentifricio que exerce a sua influencia refrescante e antiseptica, não só enquanto se o emprega, mas ainda horas depois

NOVIDADE!

Pasta dentifricia Odol

Preço do Odol liquido: frasco grande Rs. 5:000.

frasco pequeno Rs. 3:500.



TRATAMENTO CONTRA A SYPHILIS
EM REGRA:

"Sulfarsenol"

ARSENO-BENZENE
SEM PERIGO.

As ultimas noticias de Europa, revelam o facto de que as injeções dadas de Sulfarsenol até a data, passam de 6.000.000, porém, até o que se sabe não houve um só caso de resultado infeliz. Isto constitue uma verdadeira victoria, pois é sabido que os saes arsenicaes infelizmente são toxicos. Com o Sulfarsenol o medico pode tratar o doente sem temer as consequencias de reacções.

POR ALVARO MOREYRA

(Fim)

lhas, pelo espaço, um aperfeiçoamento imperceptível surgirá no universo e uma satisfação será dada á consciencia universal, que, aliás, não existe"... O pessimismo do dr. Onubile, desarmado pela ironia e pela piedade, "as duas boas conselheiras", não fez saltar o planeta; permittiu que a allucinação da Europa ajuntasse mais tristezas ás tristezas... A' ameaça do desastre, Anatole tentou evital-o. Foi inutil. Abandonou-se: "E' impossivel parar no caminho". Rogou que o enviassem para as trincheiras, máo grado os seus setenta annos. Entregaram-lhe ordens do dia para escrever. E não só ordens do dia escreveu. Escreveu tambem as folhas que enchem duas "plaquettes", justificando a guerra, querendo a guerra, applaudindo a guerra, pondo a favor da guerra as energias da sua velhice e o encanto do seu espirito. O genio francez, que elle guarda, herdado de Montaigne, de Voltaire, dos philosophos amaveis, ondula nessas folhas heroicas e commovidas. São evocações, são con-elhos aos soldados, logares-communs aureolados pelo estylo maravilhoso. E' a opinião collectiva e é a abdicação da vontade pessoal tocadas por uma chamma differente, de esplendor differente. Felhas de loureiro, gestos des-pertos do amor da patria. E o amor da patria explica a contradicção. Agora, no descalbro da paz, Anatole France já sente, já pensa de outro geito. No livro novo do jardineiro do "Jardim de Epicuro", "La Vie en Fleur", logo no segundo capitulo, a guerra reaparece como assumpto de zombaria, deliciosa zombaria.

Abençoemos, pois, apesar de tudo, a contradicção. A contradicção é uma qualidade excellente. Ella nos consola da ausencia da verdade mysteriosa e inacessivel, ensinando-nos que, sob o sol, o contrario de todas as verdades continúa a ser verdade...

PHILIPS

ARGENTA
UMA BOLA LUMINOSA

**A ULTIMA CREAÇÃO DE
PHILIPS**

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

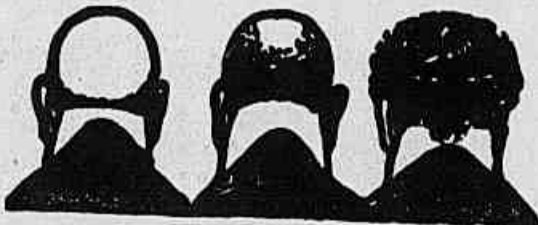
O **"PILOGENIO"** serve-lhe em
qualquer caso

Se já quasi não tem, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cahir. Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

AINDA PARA A EXTINÇÃO DA CASPA

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette O PILOGENIO.



TYPHO UREMIA, INFECCOES intestinaes e do
apparelho urinario, evitam-se usando
UROFORMINA, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito
agradavel ao paladar.
Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: DROGARIA GIFFONI,
rua 1º de Março, 17. Rio de Janeiro.

Só devem fumar

cigarros

DIPLOMATÁS

AS NOSSAS TRICHROMIAS

(Fim)

não se confunde e os faz destacar entre mil. Na *Maternidade*, no retrato de *Gonzaga Duque*, no foyer do nosso Municipal (que é a melhor obra pictórica que lá existe) e nos deliciosos Nus existentes na Pinacotheca official, pôde-se verificar esse "typo", apesar da disparidade de assumto e composição. Visconti representa para o Brasil o mesmo valor que Rembrandt para a Hollanda, Velasquez para a Hespanha, Raphael para a Italia e tantos outros, que seria longo enumerar, pois quasi todas as grandes nações Europeas possuem o seu artista encarnando condições sérias para serem collocado; no mesmo nivel dos genios."

Não ha a menor particula de exaggero nas nossas palavras, ellas representam uma verdade insophismavel, verdade que colloca o pintor na vanguarda dos artistas vivos em nossa terra. Ainda no ultimo Salão, o voto unanime dos seus companheiros lhe conferiu a medalha de honra (premio merecido por todos os titulos), o que vem confirmar os nossos conceitos.

INFANCIA, PRIMAVERA DA VIDA

POR OSWALDO ORICO

(Fim)

o ar livre, para favorecer o ambiente limitado pelas paredes.

Por outro lado não admittem os professores, em geral, que haja a revelação de uma personalidade em cada creança. E, por assim julgarem, crendo que estas não devem adquirir, experimentalmente, a fé em sua energia, negam seja a educação a arte de ensinar a creança a dispensal-os.

Deve-se revelar a instrucção, nunca forçá-la. Acertadamente já alguém declarou que a escola actual está separando a vida das realidades pela muralha das palavras. E lembra-me haver lido em alguém que o ensino verbal repousa sobre uma illusão: a de crer que a palavra tem o mesmo sentido para o professor e para o alumno e o mesmo sentido para todas as creanças, o que é um terrivel psittacismo, pois com o ensino oral, com a exposição, com o ensino livresco, mnemotechsico, o alumno não julga, não raciocina, não reflecte, não inventa, não produz, só tem a necessidade de reter, o que, para um pedagogo illustre, é o monopolio monstruoso da memoria, é a hegemonia tyranica da palavra, o ensino infecundo.

O mais bello dos methodos para a creança é, pois, o methodo calcado sobre o amor, capaz de revelar o sentido de todas as cousas.

E' por elle que o *ysgol-feister* do Paiz de Galles a todos se afigura o symbolo mais gentil da educa-

ção contemporanea, demonstrando que o professor não é aquelle que sobe a escada e joga para o alumno os thesouros que encontra, e sim o que ensina cada alumno a subir sozinho para que se torne mais forte á medida que se eleva um degrau.

Scherezada seria, a meu ver, a paranympa mais suave para as creanças brasileiras.

Que outro melhor sentimento, pois, do que entregar á imaginação da infancia do Brasil essa maravilhosa lampada de Aladino, para que os homens saiam do berço lendo na paisagem a mais bella revelação de uma natureza illuminada e possam, cantando, ter o optimismo dos passaros...



**Assim como
o Dia vence a Noite**

a **CAFIASPIRINA** (Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina) vence as enfermidades e a dôr. Quando se soffre de dôres de cabeça, dentes e ouvido; enxaquecas; nevralgias; resfriados e indisposições causadas pelo abuso do alcool, estes comprimidos proporcionam ao organismo uma sensação de allivio e bem estar sómente comparavel á alegria e á vida que os raios de Sol dão á terra depois de uma noite tempestuosa. Reparem na **CRUZ BAYER** e nunca aceitem outros que não sejam os legitimos.



O XAROPE DE REUTER

Robustece em pouco

— tempo as —

— pessoas debeis ou anemicas.



O UNICO REMEDIO SEGURO
PARA A

Diarrhéa, caimbras, paludismo, rheumatismo, entorses, picadas, etc.

OS PERIGOS DA RUA

Expôr a vida por uma causa justa, nobre e grande...
vá lá!

Porém expô-la ao ridículo da humanidade é uma coisa
que não tem desculpa.

A pobre moça atravessa essas ruas, impregnadas de
perigos, para levar á clientela de sua casa as tranças, ca-
belleiras, "chinós", que a preguiça e indolencia modernas
puzeram em uso, como substituto dos encantos naturaes,
inimitaveis, dos quaes deveria fazer uso absoluto.

As mulheres de hoje tratam os cabellos d'uma maneira
indifferente e até com desdem.

Conheço algumas que os cortam para, com mais com-
modidade, pôr postiços.

Mas que "horror!"

"Como pretexto" de que cahem ou de que os têm des-
iguaes, mettem-lhes a tesoura com o maior descaramento,
para pôrem em seu lugar fementidas cabelleiras de pellos
de defuntos.

E como seria facil ostentar os seus diademas imperiaes
proprios, naturaes, offerecidos pelo Creador!

Usando o maravilhoso tonico Tricofero de Barry, que
é o reconstituente mais extraordinario do cabelo, o que lhe
dá brilho e perfume, o que limpa o couro cabelludo, inci-
ta-o a crescer e desenvolver-se, mesmo nos craneos mais
rebeldes, as mulheres andariam como deusas ostentando a principal, a mais attrahente das suas bellezas.



PARQUE DAS DIVERSÕES

Centro das Maravilhas — Grandes Attracções

Gozar horas felizes é frequentar o Parque
Surpresas! Sempre surpresas

Viagem ao centro da terra — Roda do Diabo — Cavallo amestrado — Viagens
aereas e mil outros divertimentos.

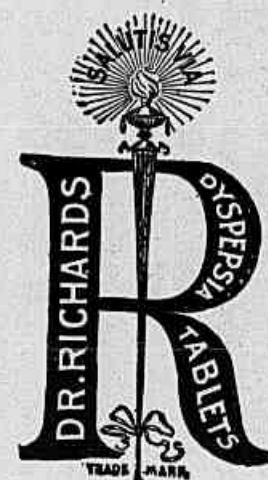
Salão de dansa puramente familiar

Cinema, Theatro, Bars, Sorveteria, Serviço de lunch, etc.

Extraordinaria iluminação

DYSPEPSIA

ou indigestão chronica. A medicina que leva esta marca é a universalmente indicada, recommendada, reconhecida e acceita como o remedio natural e logico para curar os males do estomago no que se relacionam com as más digestões; a medicina que cura enxaquecas, nausea, vertigens, enjôos, azedumes, ardencias, distensão e dôres do estomago, colicas, vomitos, perturbações gastricas e biliosas, catarrho no estomago, palpitações exaggeradas do coração, insomnia, debilidade physica e mental occasionada pela deterioração das funcções digestivas, etc. As



Pastilhas do Dr. Richards

evitam a auto-intoxicação, causa prolifica de graves males que affectam o coração, figado e o systema inteiro.

O laxante ideal para curar a prisão de ventre e de passagem, os males que d'ella oriundam, são os magnificos LAXOCONFEITOS do DR. RICHARDS, que fazem o effeito desejado por processo natural, sem causar irritação, debilidade nem extenuação ao systema.

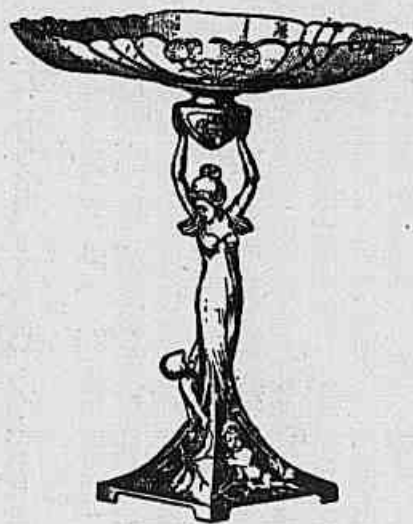
DR. RICHARDS DYSPEPSIA TABLET ASSOCIATION, NEW YORK

DUPLOZON

representa o apogeu das aguas oxygenadas e dos antisepticos, em geral, dos quaes não tem os inconvenientes e desvantagens. Usa-se num grande numero de casos, como sejam golpes, feridas, queimaduras, picadas de insectos, ulceras, furunculoses, doenças da pelle, bocca, nariz, ouvidos, frieiras, etc

Unico depositario-Ambrosio Lameiro
Rua S. Pedro 270 - Rio de Janeiro

BAZAR AMERICA



Finissimos objectos para presentes

Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38 - 40

GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO

PIMENTA DE MELLO & C.

Especialidades em chromolithographia, cartas geographicas, diplomas, acções, lettras de cambio, apolices, retratos, cartazes, rotulos e todos os trabalhos commerciaes typographicos; livros em branco, papel e objectos para escriptorio; qualquer trabalho em alto-relevo typographico ou litographico e timbragem.

RUA SACHET, 34 - Tel. 1828 C.

END. TEL. PIMENTAMELLO, RIO

OFFICINAS:

Rua Visconde de Itaúna, 419

Telephone, 5996, Villa



FLUMINENSE HOTEL

Praça da República, 207 e 209

Estabelecimento de primeira ordem, situado em ponto magnífico, ao lado da E. F. C. B.

Água canalizada nos quartos, elevador eléctrico, mesa de ligações telephonicas.

Restaurante irreprehensível

Aposento com pensão desde 12\$000

Aposento sem pensão desde 7\$000

**End. Telegraphico
FLUMINENSE
RIO DE JANEIRO**



O que a caixa do Correio nos conta

O noivo com certeza não vae ficar muito contente quando receber a carta da sua adorada, na qual ella fala mais das suas predilecções intimas, isto é, da sua "toilette" privada, do que da sua paixão effervescente da vehemencia do seu amor.

"Visto-me de arminho — diz ella — porque é o emblema do asseio e da limpeza. Assim não me podes obsequiar tanto como me enviando uma boa provisão do delicioso Sabonete de Reuter, a maior paixão da minha vida (exceptuando a que nutro por ti, bem entendido).

"Sem o Sabonete de Reuter nem sei o que seria de mim, pois não me atrevo a tocar, nem por brincadeira, n'um só dos outros sabonetes, muito recommendados pelos charlatães que fazem



pagar caro a ruina da nossa frescura, da nossa belleza, da nossa juventude, vendendo macinhos de cal e sebo fortemente aromatizados com almiscar ou "patchouli".

Prefiro nunca lavar-me, se não tenho Sabonete de Reuter á minha disposição!

"Nada mais eloquente pôde dizer uma mulher que crê ter nascido sereia, não no sentido da seducção, mas no dos seus gostos elementares pela agua.

"Se queres, pois, expressar-me eloquentemente o teu amor e dedicação, manda-me Sabonete Reuter... Muito Sabonete de Reuter! Que logo me agradecerás e ficarás agradecido a ti mesmo, quando ao voltares me encontrares mais moça, mais linda, mais primaveril, despertando inveja ás rosas, conforme te expressavas n'aquelles versos tão bem pensados como eram mal feitos, e com os quaes me mandaste os primeiros Sabonetes de Reuter, que encetaram nossas relações amorosas".

VASELINE CHESEBROUGH

(Branca e Branca Perfumada)

A pele do rosto, quando não é cuidadosamente tratada, cedo fica cheia de rugas.

O modo de evitaras é usar com frequencia

VASELINE CHESEBROUGH

branca pura ou branca perfumada, que tornam a pele deliciosamente lisa e suave. Exigir nos acondicionamentos o nome Cheesebrough Mfg. Co. Consolidated.

A venda nas boas Pharmacias,

Drogarias e Perfumarias

Unico Depositario

AMBROSIO LAMEIRO

Rua S. Pedro, — 270 268 Rio de Janeiro

MATERIAL ELECTRICO SIEMENS

para installações de Força e Luz

SECÇÃO ESPECIAL PARA ELECTRO-THERAPEUTICA

Telegraphia e Telephonia

Radio-Telegraphia Systema TELEFUNKEN

Companhia Brasileira de
Electricidade

Siemens-Schuekert — S. A.

RIO DE JANEIRO — CAIXA 630

RUA BUENOS AIRES, 29

TEL. NORTE 5347 e 5348

FILIAES — SÃO PAULO, PORTO ALEGRE,
BELLO HORIZONTE, BAHIA E PERNAMBUCO

GEORG HIRTH LAUBISCH & C.^{IA}

RUA DO OUVIDOR, 86

TELEPHONE NORTE 3128



MOVEIS FINOS E DECORAÇÃO
DE INTERIORES • TAPECARIAS

— CORTINAS • SEDAS —

ORETONNES • TAPETES

MOVEIS DE COURO —

Se a tosse vos não deixa dormir, se não expectoraes bem, applicae o

EMPLASTRO POROSO EXCELSIOR

que passareis bem, desde a primeira noite em que o fizerdes e muito tereis avanzado para a vossa cura.



Unico depositario — Ambrosio Lameiro
Rua S. Pedro 270 — Rio de Janeiro

-aos NOSSOS ANNUNCIANTES

Participamos que já está em elaboração

O Almanach d' "O Malho" para 1924

o sahui em Dezembro deste anno, para 1924, e que recebemos desde já originaes de annuncijs para serem, em tempo, intercalados no texto.

O Almanach d' "O Malho" para 1924

será a mais util e interessante publicação no genero, contendo o seu texto, de cerca de 400 paginas, todos os assumptos nacionaes e estrangeiros, hem como a collaboração dos nossos mais emmentes escriptores.

Esta grande publicação conterá, em resumo:

— *Sciencias* — *Artes* — *Litteratura* — *Sports* — *Finanças* — *Industria*

— *Commercio* — *Curiosidades* — *Variedades*

Quaesquer informaçoes deverao ser pedidas á

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua Ouvidor, 164, Telephone N. 6131 — Rio



Arte, Elegancia, Belleza, Moda

*As fadas bemfazejas dos encantos femininos
têm o seu doirado abrigo no*

PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL